

Rafael Araújo Sousa Farias
(Organizador)

GESTÃO DE AGLOMERADOS TERRITORIAIS

Papel das instituições, dos serviços de suporte e dos relacionamentos no desempenho dos aglomerados



EDITORA
INOVAR

GESTÃO DE AGLOMERADOS TERRITORIAIS: PAPEL DAS INSTITUIÇÕES,
DOS SERVIÇOS DE SUPORTE E DOS RELACIONAMENTOS
NO DESEMPENHO DOS AGLOMERADOS



EDITORA
INOVAR

Rafael Araújo Sousa Farias
(Organizador)

GESTÃO DE AGLOMERADOS TERRITORIAIS: PAPEL DAS INSTITUIÇÕES,
DOS SERVIÇOS DE SUPORTE E DOS RELACIONAMENTOS
NO DESEMPENHO DOS AGLOMERADOS

1ª edição

MATO GROSSO DO SUL
EDITORA INOVAR
2021

Copyright © das autoras e dos autores.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY- NC 4.0).



Rafael Araújo Sousa Farias (Organizador).

Gestão de aglomerados territoriais: papel das instituições, dos serviços de suporte e dos relacionamentos no desempenho dos aglomerados. Campo Grande: Editora Inovar, 2021. 130p.

e-book

ISBN: 978-65-80476-78-7

DOI: doi.org/10.36926/editorainovar-978-65-80476-78-7

1. Gestão. 2. Aglomerados territoriais. 3. Pesquisa. I. Autores.

CDD – 658

As ideias veiculadas e opiniões emitidas nos capítulos, bem como a revisão dos mesmos, são de inteira responsabilidade de seus autores.

Diagramação: Vanessa Lara D Alessia Conegero

Conselho Científico da Editora Inovar:

Franchys Marizethe Nascimento Santana (UFMS/Brasil); Jucimara Silva Rojas (UFMS/Brasil); Maria Cristina Neves de Azevedo (UFOP/Brasil); Ordália Alves de Almeida (UFMS/Brasil); Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (UnB/Brasil), Guilherme Antônio Lopes de Oliveira (CHRISFAPI - Cristo Faculdade do Piauí).

Editora Inovar
www.editorainovar.com.br
79002-401 – Campo Grande – MS
2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08
CAPÍTULO 1	09
GESTÃO DE DESTINOS TURÍSTICOS E FATORES QUE IMPACTAM SUA REALIZAÇÃO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
CAPÍTULO 2	15
INSTITUIÇÕES QUE GERENCIAM AGLOMERADOS DE EMPRESAS E OUTRAS ORGANIZAÇÕES	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
CAPÍTULO 3	21
DESEMPENHO COMPETITIVO DE AGLOMERADOS	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
CAPÍTULO 4	29
LINHAS DE PESQUISA E MODELOS TEÓRICOS ACERCA DO DESEMPENHO COMPETITIVO DE AGLOMERADOS	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
CAPÍTULO 5	44
MODELO DE CALGARY E MODELO INTEGRADO - UTILIZADOS PARA A MENSURAÇÃO DE DESEMPENHO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
CAPÍTULO 6	51
COMPARAÇÃO ENTRE OS MODELO DE CALGARY E MODELO INTEGRADO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
CAPÍTULO 7	57
RELACIONAMENTOS INTERORGANIZACIONAIS NO DESTINO TURÍSTICO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	

CAPÍTULO 8	66
CARACTERÍSTICAS PRESENTES NOS RELACIONAMENTOS ENTRE AS ORGANIZAÇÕES	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
CAPÍTULO 9	76
VANTAGENS ADVINDAS DOS RELACIONAMENTOS INTERORGANIZACIONAIS	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
CAPÍTULO 10	83
INSTITUIÇÕES DE SUPORTE: DEBATE E PROPOSIÇÕES ACERCA DA PRESENÇA E DOS SERVIÇOS PRESTADOS	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
CAPÍTULO 11	91
INSTITUIÇÕES DE SUPORTE: DEBATE E PROPOSIÇÕES ACERCA DO DESEMPENHO DO DESTINO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
CAPÍTULO 12	96
INSTITUIÇÕES DE SUPORTE: DEBATE E PROPOSIÇÕES ACERCA DA ESTRUTURA DE RELACIONAMENTOS E A ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
CAPÍTULO 13	99
GERENCIAMENTO, INSTITUIÇÕES DE SUPORTE E O DESEMPENHO DE AGLOMERADOS: CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>João Barbosa França</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
CAPÍTULO 14	101
BENTO GONÇALVES - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	

CAPÍTULO 15	107
PARANAGUÁ - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
CAPÍTULO 16	111
CALDAS NOVAS - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
CAPÍTULO 17	114
SÃO JOAQUIM - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
CAPÍTULO 18	119
SÃO RAIMUNDO NOTADO - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
CAPÍTULO 19	123
MATEIROS - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO	
<i>Rafael Araújo Sousa Farias</i>	
<i>Sheila Milena Neves de Araújo Soares</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR DA OBRA E OS AUTORES DOS CAPÍTULOS DE LIVRO	127
ÍNDICE REMISSIVO	128

APRESENTAÇÃO

O presente livro discute a relação entre a presença, a atuação, os serviços fornecidos e a estrutura de relacionamentos das instituições de suporte e o desempenho dos destinos turísticos. O desempenho dos destinos turísticos sofre a interferência de muitas variáveis entre elas a atuação das instituições de suporte. O tema desempenho relacionado ao turismo e às instituições de suporte tem ganhado destaque na literatura desde a década de 1990. O livro fundamenta proposições. Ademais, faz sugestões para que novos estudos sejam conduzidos e apresenta a descrição dos aspectos históricos, socioeconômicos e atrativos turísticos de seis destinos turísticos. Acredita-se que essas questões devam ser consideradas para condução de estudos na área da gestão e administração de aglomerados. Espera-se que o livro seja útil para a compreensão do tema.

Rafael Araújo Sousa Farias
Organizador

Capítulo 1

GESTÃO DE DESTINOS TURÍSTICOS E FATORES QUE IMPACTAM SUA REALIZAÇÃO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

Os destinos turísticos são sistemas complexos, de modo que muitas variáveis interferem em seu desempenho. Entre elas está sua gestão (HASSAN, 2000). Lins (2000) aponta que os destinos turísticos bem gerenciados possuem mais capacidade e probabilidade de obterem êxito, quando comparados às destinações que não são gerenciadas. A gestão do destino pode aprimorar o seu desempenho (BUHALIS, 2000; RITCHIE; CROUCH, 2000; DWYER; KIM, 2003). Corroborando esse entendimento, os modelos de Dwyer e Kim (2003) e Ritchie e Crouch (2003) ressaltam a gestão do destino como um fator que tende a aumentar seu desempenho. Na visão de Ford (2011) e Morrison (2013), o cerne do gerenciamento do destino está na coordenação dos esforços dos diferentes agentes que o compõe. Ainda segundo os mesmos autores, parte do gerenciamento do destino consiste em promover a assistência aos membros da destinação turística e evitar esforços duplicados.

O tema desempenho relacionado ao turismo tem ganhado destaque na literatura desde a década de 1990 (KOSEOGLU; RAHIMI; OKUMUS; LIU, 2006). Sabe-se que o desempenho do destino pode ser de difícil mensuração (SCOTT; LODGE, 1985; GOOROOCHURN; SUGIYARTO, 2004). Além disso, até mesmo o conceito de desempenho do destino não possui uma definição amplamente aceita (CROUCH; RITCHIE, 1999). Mesmo diante das dificuldades, a literatura tem apresentado modelos destinados a mensurar o desempenho do destino turístico, com destaque para os de Ritchie e Crouch (1999, 2003); e Dwyer e Kim (2003).

Os relacionamentos interorganizacionais de longo prazo podem trazer benefícios para as partes envolvidas (BORIN; FARRIS, 1990; ELLRAM, 1994; ELLRAM; SIFERD, 1998; COOPER; SLAGMULDER, 1999; FERRIN; PLANK, 2002; LALONDE, 2003). Os relacionamentos interorganizacionais podem se caracterizar por diferentes

estruturas, contudo, mantêm em comum o emprego de atividades de diferentes atores, por vezes, sem a necessidade de uma autoridade para dirimir possíveis conflitos que venham a ocorrer (PODOLNY; PAGE, 1998), ou mesmo com alguma organização que faz as vezes de gerente da governança desses relacionamentos (HOFFMANN; MOLINA-MORALES; MARTINEZ-FERNÁNDEZ, 2007). Ou seja, independentemente da estrutura do relacionamento, alguns pressupostos são entendidos como comuns aos envolvidos nos relacionamentos interorganizacionais: interdependência (THORELLI, 1986); relacionamentos estáveis, contínuos e de longo prazo (OLIVER, 1990; HAKANSSON; SNEHOTA, 2006); confiança, cooperação e aprendizagem organizacional (HOFFMANN; MOLINA-MORALES; MARTINEZ-FERNÁNDEZ, 2007); e ganhos mútuos (POWELL, 1990). Os relacionamentos interorganizacionais são fatores relevantes que podem ajudar a impulsionar o desenvolvimento de territórios (BRUSCO, 1993; CASAROTTO FILHO; PIRES, 1999; LASTRES; CASSIOLATO, 2005). Jamal e Getz (1995) ressaltam a importância dos relacionamentos interorganizacionais para as organizações turísticas.

Os relacionamentos entre as organizações no turismo estão ligados a vários aspectos, desde sua interdisciplinaridade (IGNARRA, 2003), até sua promoção (HASSAN, 2000). O turismo pode ser descrito como a combinação de bens e serviços, de atrativos e infraestrutura, ordenados de forma que ofereçam vantagens aos clientes, que consigam satisfazer suas percepções e expectativas, o que requer organizações diversas que se dediquem a realizar essas atividades (BALANZA; NADAL, 2003). Desse modo, percebe-se que um destino se forma pela configuração de diferentes organizações, de modo a ofertar o produto turístico (DENICOLAI; CIOCCARELLI; ZUCHELLA, 2010). Jackson e Murphy (2002) utilizam a expressão *cluster* turístico pois, na visão dos autores, é adequada para definir um destino. Os relacionamentos nos destinos acontecem entre organizações públicas e privadas, com ou sem fins lucrativos (PFORR, 2006) e, ainda, entre as organizações, turistas e a comunidade (MURPHY, 1985; HALL, 1999). Desse modo, o turismo envolve tanto as organizações diretamente envolvidas no seu desenvolvimento, as empresas locais e todos os relacionamentos capazes de promovê-lo, assumindo assim uma perspectiva holística (HASSAN, 2000).

Novamente referindo-se aos modelos de Ritchie e Crouch (1999, 2003); e Dwyer e Kim (2003), os trabalhos também ressaltam a importância das instituições de suporte e os serviços prestados por elas para os destinos turísticos. Inicialmente, a existência e atuação das instituições de suporte foram percebidas por Brusco (1993) e Schmitz (1993). Posteriormente, outros trabalhos também estudaram a atuação dessas instituições (BERITELLI, 2011; HOFFMANN; CAMPOS, 2013; BELLANDI; DE PROPRIIS, 2015). Instituições de suporte são organizações localmente orientadas que prestam serviços coletivos de apoio às empresas de uma região (MOLINA-

-MORALES; HOFFMANN, 2002). Tendo em vista a variedade de serviços que as instituições podem disponibilizar ao destino, as instituições podem ser vistas como uma espécie de recurso interno do território (BRUSCO, 1993), ou da destinação turística (HOFFMANN; CAMPOS, 2013).

O presente livro traz alguns questionamentos relacionados a esses construtos: como e o quanto os serviços prestados pelas instituições de suporte interferem no desempenho do destino turístico? Quais são as instituições que geram competitividade para os destinos? Qual o papel que as instituições devem desempenhar para aumentar o desempenho do destino do destino? Qual é a combinação ótima de serviços e instituições de um destino? E qual é influência da gestão do destino em seu desempenho? Assim, esse livro discute a relação entre a presença, a atuação, os serviços fornecidos e a estrutura de relacionamentos das instituições de suporte e o desempenho dos destinos turísticos.

Os próximos capítulos do livro demonstram que o destino é um fenômeno que pode ser administrado e que a gestão pode interferir no seu desempenho. Aprofunda o debate no tema desempenho do destino turístico. Apresenta os fatores que interferem no desempenho do destino e os modelos que buscaram entender esse fenômeno. Os próximos capítulos do livro apresentam conceitos acerca de relacionamentos interorganizacionais. Isso se faz necessário pois o destino turístico é um produto formado por diferentes atores. Esses três debates iniciais servem de embasamento para que se possa aventar o tema instituições de suporte e, ainda, debater proposições teóricas que podem ser mais bem analisadas.

Referências

BALANZÁ, Isabel Milio; NADAL, Monica Cabo. **Marketing e comercialização de produtos turísticos**. 1. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BELLANDI, Marco; CALOFFI, Annalisa. District internationalisation and trans-local development. **Entrepreneurship & Regional Development: an International Journal**, v. 20, n. 6, p. 517-532, 2008. DOI: 10.1080/08985620802462108

BERITELLI, Pietro. Cooperation among prominent actors in a tourist destination. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 2, p. 607-29, 2011. DOI: 10.1016/j.annals.2010.11.015

BORIN, Norm; FARRIS, Paul. An empirical comparison of direct product profit and existing measures of SKU productivity. **Journal of Retailing**, v. 66, n. 3, p. 297-314, 1990.

BRUSCO, Sidney. Pequeñas empresas y prestación de servicios reales. In: PYKE, Filip; SERGENBERGER, Wiber (org.). **Los DI y las PYMEs: Di y regeneración económica local**. Madrid: MSSS, 1993.

BUHALIS, Dimitrios. Marketing the competitive destination of the future. **Tourism management**, v. 21, n. 1, p. 97-116, 2000.

CASAROTTO FILHO, Nelson; PIRES, Luis Henrique. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

COOPER, Robin; SLAGMULDER, Regine. **Supply chain development for the lean enterprise: interorganizational cost management**. 1. ed. New Jersey: The IMA Foundation for Applied Research, 1999.

CROUCH, Geoffrey Ian; RITCHIE, Brent. Tourism, competitiveness and societal prosperity. **Journal of Business Research**, v. 44. n. 3, p. 137-152, 1999. DOI: 10.1016/S0148-2963(97)00196-3

DENICOLAI, Stefano; CIOCCARELLI, Gabriele; ZUCHELLA, Antonella. Resource-based local development and networked core-competencies for tourism excellence. **Tourism Management**, v. 31, n. 2, p. 260-266, 2010. DOI: 10.1016/j.tourman.2009.03.002

DWYER, Larry; KIM, Chulwon. Destination competitiveness: determinants and indicators. **Current Issues in Tourism**, v. 6, n. 5, p. 369-414, 2003. DOI: 10.1080/13683500308667962

ELLRAM, Lisa. A taxonomy of total cost of ownership models. **Journal of Business Logistics**, v. 15, n. 1, p. 171-191, 1994.

ELLRAM, Lisa; SIFERD, Sue. Total cost of ownership: a key concept in strategic cost management decisions. **Journal of Business Logistics**, v. 19, n. 1, p. 55-76, 1998.

FERRIN, Bruce; PLANK, Richard. Total cost of ownership models: an exploratory study. **Journal of Supply Chain Management**, v. 38, n. 3, p. 18-29, 2002. DOI: 10.1111/j.1745-493X.2002.tb00132.x

FORD, Robert. Friends to grow and foes to know. Lessons in successful stakeholder management from Orlando: an interview with William C. Peeper, president (retired), Orland/Orange County Convention and Visitors Bureau. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 23, n. 5, p. 696-712, 2011. DOI: 10.1108/095961111111143412

GOOROOCHURN, Nishaal; SUGIYARTO, Guntur. Competitiveness indicators in the travel and tourism industry. **Tourism Economics**, v. 11, n. 1, p. 25-43, 2005. DOI: 10.5367/0000000053297130

- HAKANSSON, Hákan; SNEHOTA, Ivan. No business is an island: the network concept of business strategy. **Scandinavian Journal of Management**, v. 5, n. 3, p. 187-200, 1989. DOI: 10.1016/0956-5221(89)90026-2
- HALL, Michael. Rethinking collaboration and partnerships: a public policy perspective. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 7, n. 3-4, p. 274-289, 1999. DOI: 10.1080/09669589908667340
- HASSAN, Salah. Determinants of market competitiveness in an environmentally sustainable tourism industry. **Journal of Travel Research**, v. 38, n. 3, p. 239-245, 2000. DOI: 10.1177/004728750003800305
- HOFFMANN, Valmir Emil; CAMPOS, Lucila Maria de Souza. Instituições de suporte, serviços e desempenho: um estudo em aglomerações turísticas de Santa Catarina. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 1, p. 18-41, 2013. DOI: 10.1590/S1415-65552013000100003
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 3. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2013.
- JACKSON, Julie; MURPHY, Peter. Clusters in regional tourism: an Australian case. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 4, p. 1018-1035, 2006. DOI: **10.1016/j.annals.2006.04.005**
- JAMAL, Tazim; GETZ, Donald. Community roundtables for tourism-related conflicts: the dialectics of consensus and process structures. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 7, n. 3-4, p. 290-313, 1999. DOI: 10.1080/09669589908667341
- KOSEOGLU, Mehmet Ali; RAHIMI, Roya; OKUMUS, Fevzi; LIU, Jingyan. Bibliometric studies in tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 61, n. 1, p. 180-198, 2016. DOI: **10.1016/j.annals.2016.10.006**
- LALONDE, Bernard. Three problems that linger. **Supply Chain Management Review**, v. 7, n. 2, p. 7-8, 2003.
- LINS, Hoyêdo Nunes. Florianópolis: cluster turístico? **Turismo em Análise**, v. 11, n. 2, p. 45-54, 2000. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v11i2p55-70
- MORRISON, Alastair. **Marketing and managing tourism destinations**. 1. ed. Oxon, UK: Routledge, 2013.
- MURPHY, Peter. **Tourism: a community approach**. 1. ed. New York: Mathuen, 1985.
- OLIVER, Christine. Determinants of interorganizational relationships: integration and future directions. **Academy of Management Review**, v. 15, n. 2, p. 241-265, 1990. DOI: 10.5465/AMR.1990.4308156

PFORR, Christof. Tourism policy in the making: an Australian network study. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 1, p. 87-108, 2006. DOI: 10.1016/j.annals.2005.04.004

PODOLNY, Joel Marc; PAGE, Karen. Network forms of organization. **Annual Review of Sociology**, v. 24, n. 1, p. 57-76, 1998. DOI: **10.1146/annurev.soc.24.1.57**

POWELL, Walter Woody. Neither market nor hierarchy: network forms of organization. **Research of Organizational Behavior**, v. 12, n. 1, p. 295-336, 1990.

RITCHIE, Brent; CROUCH, Geoffrey. The competitive destination: a sustainable tourism perspective. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 1-7, 2000. DOI: 10.1079/9780851996646.0000

RITCHIE, Jay Brent; CROUCH, Geoffrey. **The competitive destination: a sustainable tourism perspective**. 1. ed. Cambridge: Cabi, 2003.

SCHMITZ, Hubert. Distritos industriales: modelo y realidad en Baden-Württemberg - Alemania. In: PYKE, Filip; SERGENBERGER, Wiber (org.). **Los DI y las PYMEs: DI y regeneración económica local**. Madrid: MSSS, 1993.

SCOTT, Bruce; LODGE, George. **US competitiveness in the world economy**. 1. ed. Boston: Harvard University Press, 1985.

THORELLI, Hans. Networks: between markets and hierarchies. **Strategic Management Journal**, v. 7, n. 1, p. 37-51, 1986. DOI: 10.1002/smj.4250070105.

Capítulo 2

INSTITUIÇÕES QUE GERENCIAM AGLOMERADOS DE EMPRESAS E OUTRAS ORGANIZAÇÕES

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

O turismo é uma das indústrias que mais crescem no mundo e é a principal fonte de renda estrangeira para muitos países que estão em desenvolvimento (CUCCULELLI; GOFFI, 2016). Essa situação, na visão de Cucculelli e Goffi (2016), tem atraído a atenção dos decisores políticos, organizações públicas e privadas e pesquisadores para o tema. Uma parte da literatura sobre turismo busca compreender como se comporta o fenômeno a partir de uma visão sistêmica (LEIPER, 1979; GUNN, 1994). Ademais, também é recorrente a busca pela compreensão do desempenho relacionado ao fenômeno turismo (PEARCE, 1997; CROUCH; RITCHIE, 1999; KOZAK; RIMMINGTON, 1999; GO; GOVERS, 2000; HASSAN, 2000; THOMAS; KOZAK, 2001).

A partir da compreensão de que os destinos turísticos são sistemas complexos e que o desempenho é um fator que interfere em sua sustentabilidade, cabe ressaltar a importância do constructo gestão do destino. A importância da gestão é ressaltada pelo fato de existirem diferentes “tipos” de turismo, que, por sua vez, necessitam de uma composição de fatores diferentes. Por exemplo, há o turismo que inclui o ambiente urbano, o rural e o litoral (GUNN, 1994) e, ainda, o turismo voltado à atividade de lazer, cultura, religião, negócios, eventos específicos (copa do mundo, olimpíadas), entre outros (MELÉNDEZ; ROJAS, 2000). Ademais, a gestão pode ser analisada segundo diferentes níveis, como o nacional, regional e local (PEARCE, 1989). Cada modalidade de turismo requer um gerenciamento específico, voltado para aquela localidade. Assim, a gestão do destino deve ser pautada nos potenciais competitivos e nas estratégias estabelecidas para o desenvolvimento da localidade (HASSAN, 2000), com vistas a otimizar seu potencial, garantir seu desenvolvimento e proporcionar o bem-estar humano e ambiental da localidade (WILKINSON, 1997). Nesse sentido, a avaliação da potencialidade do destino é um importante requisito para gerenciá-lo (GUNN, 1994).

Os destinos podem, a partir da compreensão da importância de seu gerenciamento, fazer uso de técnicas da administração e contabilidade para se promover.

Para Gunn (1994), uma forma de se obter vantagem competitiva no turismo é mediante a gestão do destino com uma visão para o futuro, de modo que consiga lidar com as consequências antecipadamente. Assim, a gestão é um processo de decisão que considera a ação do turismo e sua consequência para a região, atrações e serviços prestados pelos destinos (MILL; MORRISON, 1985; GUNN, 1994). De fato, cabe destacar que cada destino tende a ter suas idiossincrasias. Contudo, a administração de um destino tende a ter componentes em comum (MILL, 1990). Hassan (2000) aponta que, apesar de os destinos serem formados por componentes multifacetados de recursos e negócios, é necessário um modelo analítico para sua gestão e desenvolvimento. Nesse processo – de gestão do destino – é comum que os gestores façam a análise dos principais recursos atrativos do destino (atrações, acomodações, transportes, infraestruturas, etc.) e, ainda, o potencial de crescimento e expansão da atividade turística (satisfação do turista, mapeamento de recursos e avaliação).

O conceito de *Destination Management Organizations* merece ser analisado para a melhor compreensão deste trabalho. Cabe deixar claro que as instituições de suporte e as DMOs são conceitos diferentes. Uma DMO ou Organização de Gerenciamento do Destino é uma organização que tem como objetivo planejar, promover e gerenciar uma destinação turística, ou seja, são entidades estabelecidas para liderar a gestão do turismo no destino (BORNHORST; RITCHIE; SHEEHAN, 2010). Na visão de Wilson *et al.* (2001), a função das DMOs é fornecer informações e assistência técnica para o desenvolvimento e promoção do turismo. Segundo Pike e Page (2014), uma DMO é responsável pelo gerenciamento e promoção de um destino turístico identificável com uma fronteira geográfica explícita.

Nesse sentido, a DMO desempenha um papel relevante no desenvolvimento do destino e, portanto, no seu desempenho (BORNHORST; RITCHIE; SHEEHAN, 2010; ZEHRER; HALLMANN, 2015). Ressalta-se a importância da DMO devido a sua capacidade de agir como uma coordenadora das atividades dos agentes do destino, e elevar seu desempenho (IZQUIERDO; CARRIÓN; GUTIÉRREZ, 2008; WAAYERS; LEE; NEWSOME, 2012). Cabe enfatizar a necessidade de coordenação e integração de múltiplas funções para o melhor gerenciamento do destino (HODGE; ANTHONY; GALES, 2003; OMC, 2007). Ademais, a DMO pode facilitar uma cultura que possibilite a inovação e o desenvolvimentos de novos produtos e serviços na destinação (ZEHRER; HALLMANN, 2015). De fato, várias decisões relativas à cooperação em um destino são influenciadas pelo estilo de liderança da DMO (WANG, 2008; WANG; KRAKOVER, 2008). Esse papel de facilitador da cooperação entre agentes, realizado pelas DMOs, parece ser reconhecido pelos empresários (KOMPPULA, 2014).

É comum, principalmente em países em desenvolvimento, que a gestão do destino seja de responsabilidade do poder público (NIEKERK, 2014). A política de gestão do destino turístico é considerada, na maioria das vezes, responsabilidade

de organizações do setor público, que possuem o objetivo de “criar um ambiente que ofereça o máximo benefício às partes interessadas da região, minimizando impactos negativos” (RITCHIE; CROUCH, 2003, p. 148). Há outros argumentos que reforçam a ideia de que o setor público é o agente mais adequado e melhor posicionado para realizar o gerenciamento do destino (PNUMA, 2003). Segundo Niekerk (2014), o setor público possui a capacidade de realizar planejamento de longo prazo e, ademais, o governo pode impor programas de qualidade e oferecer subsídios para as empresas. Ainda, o setor público possui conhecimentos estratégicos e privilegiados acerca da indústria (MORRISON, 2013; SAITO; RUHANEN, 2017). Segundo Saito e Ruhanen (2017), esse conhecimento especializado por parte do poder e órgãos públicos lhe proporciona o chamado poder competente. Esse tipo de poder é atribuído àqueles que possuem conhecimento e meios necessários para resolver problemas difíceis (HANKINSON, 2009); são pessoas ou órgãos que são considerados autoridades em determinado assunto, devido as suas habilidades, conhecimentos ou detenção de meios para desempenhar determinadas funções (WATT, 1982; TIMUR; GETZ, 2008). A capacidade de apoiar financeiramente para os atores do destino é outro fator que fortalece a capacidade do governo em desenvolver a destinação, por exemplo, ao conceder financiamentos públicos (NIEKERK, 2014; BONHAM; MAK, 1996).

Em suma, há trabalhos que ressaltam a influência das DMOs e do gerenciamento no desempenho dos destinos turísticos (DWYER; KIM, 2003; DWYER; MELLOR; LIVAIC; EDWARDS; KIM, 2004; GOMEZELJ; MIHALIC, 2008, PIKE, 2008). O objetivo da atuação das DMOs pauta-se na importância percebida em se gerenciar o destino, com vistas a melhorar seu desempenho (CROMPTON, 2009). Segundo Chopra e Meindl (2011), um destino é formado por todos os agentes que atuam direta ou indiretamente com vistas a atender as demandas dos visitantes e, segundo Johnsen, Howard e Miemczyk (2014), as DMOs devem gerenciar todos esses agentes (logística, compras, operações, distribuição, entre outros). A partir dessa ótica, percebe-se que abordagem diádica não é adequada para analisar a atividade turística (NIEKERK, 2014). Nesse sentido, Niekerk (2014) afirma que os atores de um destino se relacionam de maneira pessoal e transacional entre si, o que é impedido pela abordagem diádica.

Referências

BONHAM, Carl; MAK, James. Private versus public financing of state destination promotion, **Journal of Travel Research**, v. 35, n. 2, p. 3-10, 1996. DOI: 10.1177/004728759603500202

BORNHORST, Tom; RITCHIE, Brent; SHEEHAN, Lorn. Determinants of tourism success for DMOs & destinations: an empirical examination of stakeholders' perspectives. **Tourism Management**, v. 31, n. 5, p. 572-589, 2010. DOI: 10.1016/j.tourman.2009.06.008

CHOPRA, Sunil; MEINDL, Peter. **Gestão da cadeia de suprimentos: estratégia, planejamento e operações**. 4 ed. São Paulo: Pearson, 2011.

CROUCH, Geoffrey Ian; RITCHIE, Brent. Tourism, competitiveness and societal prosperity. **Journal of Business Research**, v. 44. n. 3, p. 137-152, 1999. DOI: 10.1016/S0148-2963(97)00196-3

CUCCULELLI, Marco; GOFFI, Gianluca. Does sustainability enhance tourism destination competitiveness? Evidence from Italian destinations of excellence. **Journal of Cleaner Production**, v. 111, n. 2, p. 370-382, 2016. DOI: 10.1016/j.jclepro.2014.12.069

DWYER, Larry; KIM, Chulwon. Destination competitiveness: determinants and indicators. **Current Issues in Tourism**, v. 6, n. 5, p. 369-414, 2003. DOI: 10.1080/13683500308667962

DWYER, Larry; MELLOR, Robert; LIVAIC, Zelko; EDWARDS, Deborah; KIM, Chulwon. Attributes of destination competitiveness: a factor analysis. **Tourism Analysis**, v. 9, n. 1-2, p. 91-101, 2004. DOI: 10.3727/1083542041437558

GO, Frank; GOVERS, Robert. Integrated quality management for tourist destinations: a European perspective on achieving competitiveness. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 79-88, 2000. DOI: 10.1016/S0261-5177(99)00098-9

GUNN, Clare. **Tourism planning**. 3. ed. Washington: Taylor & Francis, 1994.

HANKINSON, Graham. Managing destination brands: establishing a theoretical foundation. **Journal of Marketing Management**, v. 25, n. 1, p. 97-115, 2009. DOI: 10.1362/026725709X410052

HASSAN, Salah. Determinants of market competitiveness in an environmentally sustainable tourism industry. **Journal of Travel Research**, v. 38, n. 3, p. 239-245, 2000. DOI: 10.1177/004728750003800305

HODGE, Billy; ANTHONY, William; GALES, Lawrence. **Organization theory: a strategic approach**. 6. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2003.

IZQUIERDO, Carmen Camarero; CARRIÓN, Carlos Hernández; GUTIÉRREZ, Sonia San Martín. Developing relationships within the framework of local economic development in Spain. **Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal**, v. 20, n. 1, p. 41-65, 2007. DOI: 10.1080/08985620701552462

JOHNSEN, Thomas; HOWARD, Mickey; MIEMCZYK, Joe. **Purchasing and supply chain management: a sustainability perspective**. 1. ed. Routledge, 2014.

- KOMPPULA, Raija. The role of individual entrepreneurs in the development of competitiveness for a rural tourism destination - a case study. **Tourism Management**, v. 40, n. 1, p. 361-371, 2014. DOI: 10.1016/j.tourman.2013.07.007
- KOZAK, Metin; RIMMINGTON, Mike. Measuring tourist destination competitiveness: conceptual considerations and empirical findings. **International Journal of Hospitality Management**, v. 18, n. 3, p. 273-283, 1999. DOI: 10.1016/S0278-4319(99)00034-1
- LEIPER, Neil. The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist and the tourism industry. **Annals of Tourism Research**, v. 6, n. 4, p. 390-407, 1979. DOI: 10.1016/0160-7383(79)90003-3
- MORRISON, Alastair. **Marketing and managing tourism destinations**. 1. ed. Oxon, UK: Routledge, 2013.
- NIEKERK, Mathilda Van. The role of the public sector in tourism destination management from a network relationship approach. **Tourism Analysis**, v. 19, n. 6, p. 701-718, 2014. DOI: 10.3727/108354214X14146846679402
- PEARCE, Douglas. Competitive destination analysis in Southeast Asia. **Journal of Travel Research**, v. 35, n. 4, p. 16-24, 1997. DOI: 10.1177/004728759703500403
- PEARCE, Douglas. **Tourist development**. 2. ed. New York: Wiley, 1989.
- PIKE, Steven; PAGE, Stephen. Destination marketing organizations and destination marketing: a narrative analysis of the literature. **Tourism Management**, v. 41, n. 2, p. 202-227, 2014. DOI: 10.1016/j.tourman.2013.09.009
- PNUMA, Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente. **GEO - América Latina y el Caribe: perspectivas del medio ambiente**. México D.F.: PNUMA, 2003.
- RITCHIE, Jay Brent; CROUCH, Geoffrey. **The competitive destination: a sustainable tourism perspective**. 1. ed. Cambridge: Cabi, 2003.
- SAITO, Hiroaki; RUHANEN, Lisa. Power in tourism stakeholder collaborations: power types and power holders. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 31, n. 1, p. 189-196, 2017. DOI: 10.1016/j.jhtm.2017.01.00
- TIMUR, Seldjan; GETZ, Donald. A network perspective on managing stakeholders for sustainable urban tourism. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 20, n. 4, p. 445-461, 2008. DOI: 10.1108/09596110810873543
- WAAYERS, David; LEE, Diane; NEWSOME, David. Exploring the nature of stakeholder collaboration: a case study of marine turtle tourism in the Ningaloo region, Western Australia. **Current Issues in Tourism**, v. 15, n. 7, p. 673-692, 2012. DOI: 10.1080/13683500.2011.631697

WANG, Youcheng; KRAKOVER, Shaul. Destination marketing: competition, cooperation or coopetition? **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 20, n. 2, p. 126-141, 2008. DOI: 10.1108/09596110810852122

WATT, Edward David. **Authority**. 1. ed. London: Canberra: Croom Helm. 1982.

WILKINSON, Paul. **Tourism policy & planning: case studies from the commonwealth caribbean**. 1. ed. New York: Cognizant Communication Corporation, 1997.

ZEHRER, Anita; HALLMANN, Kirstin. A stakeholder perspective on policy indicators of destination competitiveness. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 4, n. 2, p. 120-126, 2015. DOI: 10.1016/j.jdmm.2015.03.003

Capítulo 3

DESEMPENHO COMPETITIVO DE AGLOMERADOS

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

Os temas “desempenho” e “turismo” têm sido explorados conjuntamente pela academia há mais de vinte anos (BORDAS, 1994; PEARCE, 1997; CROUCH; RITCHIE, 1999; GO; GOVERS, 1999; KOZAK; REMMINGTON, 1999; BUHALIS, 2000; D’HAUTESERRE, 2000; DWYER; FORSYTH; RAO, 2000; HASSAN, 2000; MIHALIC, 2000; RITCHIE; CROUCH, 2000; DWYER; MISTILIS; FORSYGHT; RAO, 2001; KOZAK, 2001; DWYER; FORSYTH; RAO, 2002; KIM; DWYER, 2002; DWYER; KIM, 2003; DWYER; LIVAIC; MELLOR, 2003; HEATH, 2003; KIM; DWYER, 2003; MELIÁN-GONZÁLEZ; GARCÍA-FALCÓN, 2003; ENRIGHT; NEWTON, 2004; ENRIGHT; NEWTON, 2005; JOHNS; MATTSSON, 2005). Os trabalhos enfatizam tópicos como, fatores e níveis de competição no turismo (CROUCH; RITCHIE, 1999); desempenho dos destinos mediante preços (CROUCH; RITCHIE, 1999); fatores que atraem os turistas ao destino (ENRIGHT; NEWTON, 2004); desenvolvimento e aplicação de modelos de desempenho do turismo (GOMEZELJ; MIHALIC, 2008); gestão de destinos (MIHALIC, 2000); atores que compõem um destino, entre outros.

Hassan (2000, p. 240) explica que o desempenho de um destino se relaciona com “a capacidade do destino para criar e integrar produtos de valor agregado, que sustentam seus recursos, mantendo a posição de mercado em relação aos concorrentes”. Por sua vez, para Barbosa (2012, p. 86) é “a capacidade crescente de gerar negócios nas atividades econômicas relacionadas com o setor de turismo, de forma sustentável, proporcionando ao turista uma experiência positiva”. Ainda, para Dwyer e Kim (2003, p. 374) é “a capacidade de um destino para entregar bens e serviços que funcionem melhor do que outros destinos sobre os aspectos da experiência turística considerados importantes pelos turistas”.

Assim como acontece em outras indústrias, há literatura dedicada a desenvolver maneiras de mensurar o desempenho dos destinos turísticos. Diferentes informações, numéricas ou qualitativas, são utilizadas para medi-lo. Geralmente, indicadores como o número de visitantes em um determinado período, gastos realizados pelos visitantes, número de pernoites, participação no mercado turístico, entre outros, são

utilizados para aferir seu desempenho (COOPER; FLETCHER; WANHILL; GILBERT; SHEPHERD, 2001). As informações utilizadas variam conforme os modelos desenvolvidos pelos autores, bem como os nomes dados ao conjunto de informações necessárias para medir o desempenho de um destino.

Há dificuldade em mensurar o desempenho de um destino, tendo em vista a inexistência de uma lista de indicadores aceita e pela característica multivariada, ou seja, a grande quantidade de fatores que nele interfere (FERNÁNDEZ; RIVERO, 2009). Dwyer, Livaic e Mellor (2003) afirmam que não há um conjunto específico de indicadores que possam ser utilizados para explicar o desempenho de todos os diferentes destinos existentes. Contudo, a literatura aponta alguns atributos que interferem no desempenho das destinações, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Constructos que interferem no turismo – segundo a literatura

Importam para o turismo	Autores
Gestão estratégia – gestão do destino	Go e Govers (2000), Dwyer e Kim (2003) e Melián-González e García-Falcón (2003)
Parceria entre instituições públicas e privadas	Martínez-Fernández (2001), Barros e Moreira (2005), Felzensztein, Gimmon e Carter (2010), Hoffmann, Molina-Morales e Beritelli (2011) e Brasil (2015)
Cooperação da sociedade	Beritelli (2011)
Interrelação entre diferentes atores que compõem o destino	Esser, Hillebrand, Messner e Myer-Stamer (1996), Crouch e Ritchie (1999) e Dwyer e Kim (2003)
Política pública	Gooroochurn e Sugiyarto (2004) e Fernández e Rivero (2010)
Recursos humanos – qualificação da mão-de-obra	UNWTO (1998), Gooroochurn e Sugiyarto (2005), Kelly (2005), Sinclair e Stabler (2009) e Gohr e Santos (2010)
Visão comunitária do destino e desenvolvimento local	Inkeep (1991), Newall (1992), Tosun e Jenkins (1996), Crouch e Ritchie (1999), Buhalis (2000), Go e Govers (2000), Hassan (2000), Melendéz e Rojas (2000), Wahab (2001), Kim e Dwyer (2002), Dwyer e Kim (2003), Enright e Newton (2004), Cunha e Cunha (2005), Gooroochurn e Sugiyarto (2005), Yoon e Uysal (2005), Jackson (2006), Jackson e Murphy (2006), Kim et al. (2006), Navickas e Malakauskaite (2009), Bornhorst, Ritchie e Sheehan (2010), Fernández e Rivero (2010), Jackman, Lorde, Lowe, Alleyne e Antonio (2011) e Das e Dirienzo (2012)
Experiência fornecida	Dwyer e Kim (2003), Ritchie e Crouch (2003), Costa (2005), Yu e Goulden (2006), Zouni e Kouremenos (2008), Navickas e Malakauskaite (2009), Coghlan e Pearce (2010), Leung e Baloglu (2013), Maunier e Camelis (2013) e Prideaux, Berbigier e Thompson (2014)
Satisfação dos turistas	Kozak e Rimmington (1999), Baker e Crompton (2000), Kozak (2002), Enright e Newton (2004), Yoon e Uysal (2005), Alegre e Cladera (2006), Aktas, Akin e Cizel (2007), Zouni e Kouremenos (2008), Tsai et al. (2009), Alegre e Garau (2010) e Maunier e Camelis (2013)
Atrativos	Crouch e Ritchie (1999) e Dwyer e Kim (2003)
Qualidade do serviço prestado	Go e Govers (2000), Croes (2011) e Fridrik e Thorhallur (2012)

Infraestrutura	UNWTO (1998), Dwyer e Kim (2003), Gooroochurn e Sugiyarto (2005), Kelly (2005) e Sinclair e Stabler (2009)
Preço	Lim (1997), Dwyer, Forsyth e Rao (2000), Song, Romilly e Liu (2000), Dwyer, Mistilis, Forsyth e Rao (2001), Durbarry e Sinclair (2003), Dwyer e Kim (2003), Dwyer, Livaic e Mellor (2003) e Gooroochurn e Sugiyarto (2005)
Meio Ambiente e Sustentabilidade	Hassan (2000), Garrido (2001), Gooroochurn e Sugiyarto (2005), Kelly (2005), Gossling e Hall (2006), Romao, Guerreiro e Rodrigues (2013), Cucculelli e Goffi (2016)
Tecnologia	Cox e Lamming (1997), Gooroochurn e Sugiyarto (2005) e Mouritsen e Thrane (2006)

Fonte: elaboração própria

O que se pode notar a partir do Quadro 1, é o tema gestão do destino se relaciona com outros listados no mesmo Quadro, a citar: as parcerias entre entidades públicas e privadas, a cooperação da sociedade, a interrelação entre diferentes atores, a política pública aplicada localmente, a qualificação da mão de obra e mesmo a visão comunitária sobre o destino.

Como apontado, há construtos que interferem no desempenho do destino e que podem ser gerenciados – seja pelas DMOs ou por quaisquer outras instituições que assumam o papel de gestor do destino. Sabendo disso, cumpre destacar que os constructos que interferem no desempenho turístico vêm sendo estudados sob diferentes óticas e que são muitos os modelos que buscam explicar esse fenômeno.

O turismo é uma área do conhecimento que possui diferentes linhas de pesquisa e, por sua vez, variados modelos com vistas a compreender e explicá-lo (MARINERO-RODRÍGUEZ; PULIDO-FERNÁNDEZ, 2016). Os autores apontam a existência de seis diferentes linhas de estudo acerca dos relacionamentos no turismo: a) *Social Science* (estuda os relacionamentos sociais com vistas a entender o fenômeno turismo); b) *Community Approach* (estuda a interação entre a população residente de um destino, ou seja, a comunidade, e os promotores do desenvolvimento do turismo); c) *Tourism System* (estuda a relação entre as partes que formam um destino turístico); d) *Stakeholder Approach* (estuda a interação entre os *stakeholders* de um destino turístico); e) *Tourism Cluster* (estuda a interação entre os *stakeholders* com a dinâmica da produção turística um do território em que ocorrem); e f) *Tourism Networks* (estuda a estrutura reticular das relações entre os agentes de um destino, reconhecendo que é possível intervir para “orientar” esses relacionamentos). Para cada uma das linhas de pesquisa Marinero-Rodríguez e Pulido-Fernández (2016) apontam suas contribuições e autores, conforme debatido no capítulo subsequente deste livro.

Referências

- AKTAS, Ahmet, AKIN, Akin, CIZEL, Beykan. Destination choice: an importante satisfaction analysis. **Quality and Quantity**, v. 41, n. 2, p. 265-73, 2007. DOI: 10.1007/s11135-006-9003-0
- ALEGRE, Joaquín; CLADERA, Magdalena. Repeat visitation in mature sun and sand holiday destinations. **Journal of Travel Research**, v. 44, n. 3, p. 288-297, 2006. DOI: 10.1177/0047287505279005
- ALEGRE, Joaquin; GARAU, Jaume. Tourist satisfaction and dissatisfaction. **Annals of Tourism Research**, v. 37 n. 1, p. 52-73, 2010. DOI: 10.1016/j.annals.2009.07.001
- BAKER, Dwayne; CROMPTON, John. Quality, satisfaction and behavioral intentions. **Annals of Tourism Research**, v. 27, n. 3, p. 785-804, 2000. DOI: 10.1016/S0160-7383(99)00108-5
- BARBOSA, Andryara Lima. Relações organizacionais para o desenvolvimento regional do turismo. In: BENI, Mario Carlos (org.). **Turismo planejamento estratégico e capacidade de gestão**. Barueri, SP: Manole, 2012.
- BARROS, Francisco Sávio de Oliveira; MOREIRA, Maria Vilma Coelho. Estratégia de organização de MPE's no turismo: o arranjo produtivo turístico de Canoa Quebrada-CE. **Turismo - Visão e Ação**, v. 7, n. 2, p. 273-90, 2005. DOI: 10.14210/rtva.v7n2.p273-290
- BERITELLI, Pietro. Cooperation among prominent actors in a tourist destination. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 2, p. 607-29, 2011. DOI: 10.1016/j.annals.2010.11.015
- BORDAS, Eulogio. Competitiveness of tourist destinations in long distance markets. **The Tourist Review**, v. 47, n. 3, p. 3-9, 1994. DOI: 10.1108/eb058158
- BORNHORST, Tom; RITCHIE, Brent; SHEEHAN, Lorn. Determinants of tourism success for DMOs & destinations: an empirical examination of stakeholders' perspectives. **Tourism Management**, v. 31, n. 5, p. 572-589, 2010. DOI: 10.1016/j.tourman.2009.06.008
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Índice de competitividade do turismo Nacional**. 2015. Disponível em: <<http://dados.turismo.gov.br/indice-de-competitividade>>. Acesso em: 21 de jan. de 2020.
- BUHALIS, Dimitrios. Marketing the competitive destination of the future. **Tourism management**, v. 21, n. 1, p. 97-116, 2000.

COGHLAN, Alexandra, PEARCE, Philip. Tracking affective components of satisfaction. **Tourism and Hospitality Research**, v. 10, n. 1, p. 42-58, 2010. DOI: 10.1057/thr.2009.18

COX, Andrew. Power, value and supply chain management. **Supply Chain Management: An International Journal**, v. 4, n. 4, p. 167-175, 1999. DOI: 10.1108/13598549910284480

CROES, Robertico. Measuring and explaining competitiveness in the context of small islands destinations. **Journal of Travel Research**, v. 50, n. 4, p. 421-442, 2011. DOI: 10.1177/0047287510368139

CROUCH, Geoffrey Ian; RITCHIE, Brent. Tourism, competitiveness and societal prosperity. **Journal of Business Research**, v. 44, n. 3, p. 137-152, 1999. DOI: 10.1016/S0148-2963(97)00196-3

CUCCULELLI, Marco; GOFFI, Gianluca. Does sustainability enhance tourism destination competitiveness? Evidence from Italian destinations of excellence. **Journal of Cleaner Production**, v. 111, n. 2, p. 370-382, 2016. DOI: 10.1016/j.jclepro.2014.12.069

CUNHA, Sieglinde Kindl; CUNHA, João Carlos. Competitividade e sustentabilidade de um cluster de turismo: uma proposta de modelo sistêmico de medida do impacto do turismo no desenvolvimento local. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. esp., p. 63-79, 2005. DOI: 10.1590/S1415-65552005000600006

D'HAUTESERRE, Anne-Marie. Lessons in managed destination competitiveness: the case of Foxwoods Casino Resort. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 23-32, 2000. DOI: 10.1016/S0261-5177(99)00097-7

DAS, Jayoti; DIRIENZO, Cessandra. Tourism competitiveness and the role of fractionalization. **International Journal of Tourism Research**, v. 14, n. 1, p. 285-297, 2012. DOI: 10.1002/jtr.866

DURBARRY, Ramesh; SINCLAIR, Thea. Market shares analysis: the case of French tourism demand. **Annals of Tourism Research**, v. 30, n. 4, p. 927-941, 2003. DOI: 10.1016/S0160-7383(03)00058-6

DWYER, Larry; FORSYTH, Peter; RAO, Prasada. The price competitiveness of travel and tourism: a comparison of 19 destinations. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 9-22, 2000. DOI: 10.1016/S0261-5177(99)00081-3

DWYER, Larry; FORSYTH, Peter; RAO, Prasada. The price competitiveness of travel and tourism: a comparison of 19 destinations. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 9-22, 2000. DOI: 10.1016/S0261-5177(99)00081-3

DWYER, Larry; KIM, Chulwon. Destination competitiveness: determinants and indicators. **Current Issues in Tourism**, v. 6, n. 5, p. 369-414, 2003. DOI: 10.1080/13683500308667962

DWYER, Larry; LIVAIC, Zelco; MELLOR, Robert. Competitiveness of Australia as a tourist destination. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 10, n. 1, p. 60-79, 2003.

DWYER, Larry; MISTILIS, Nina; FORSYTH, Peter; RAO, Prasada. International price competitiveness of Australia's MICE industry. **International Journal of Tourism Research**, v. 3, n. 2, p. 123-140, 2001. DOI: 10.1002/jtr.292

ENRIGHT, Michael; NEWTON, James. Determinants of tourism destination competitiveness in Asia Pacific: comprehensiveness and universality. **Journal of Travel Research**, v. 43, n. 4, p. 339-350, 2005. DOI: 10.1177/0047287505274647

ENRIGHT, Michael; NEWTON, James. Tourism destination competitiveness: a quantitative approach. **Tourism Management**, v. 25, n. 6, p. 777-788, 2004. DOI: 10.1016/j.tourman.2004.06.008

ESSER, Klaus; HILLEBRAND, Wolfgang; MESSNER, Dirk; MYER-STAMER, Jorg. **Competitividad sistémica: competitividad internacional de las empresas y políticas requeridas**. 1. ed. Berlín: Instituto Alemán de Desarrollo, 1994.

FELZENSZTEIN, Christian; GIMMON, Eli; CARTER, Sara. Geographical co-location, social networks and interfirm marketing co-operation: the case of the salmon industry. **Long Range Planning**, v. 43, n. 5-6, p. 675-690, 2010. DOI: 10.1016/j.lrp.2010.02.006

FERNÁNDEZ, Juan Ignacio Pulido; RIVERO, Marcelino Sánchez. Competitividad versus crecimiento en destinos turísticos: un análisis mediante técnicas multivariantes. **Cuadernos de Economía**, v. 33, n. 91, p. 159-182, 2010. DOI: 10.1016/S0210-0266(10)70061-3

FRIDRIK, Eysteinnsson; THORHALLUR, Gudlaugsson. The competitiveness of a tourist destination: do experts and tourists agree? **Review of Business Research**, v. 12, n. 2, p. 112-117, 2012.

GARRIDO, Inês Maria Dantas Amor. **Modelos multiorganizacionais no turismo: cadeias, clusters e redes**. 2001. 126 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) – Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2001.

GO, Frank; GOVERS, Robert. Integrated quality management for tourist destinations: a European perspective on achieving competitiveness. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 79-88, 2000. DOI: 10.1016/S0261-5177(99)00098-9

GOHR, Cláudia Fabiana; SANTOS, Luciano Costa. Estratégias competitivas para empresas turísticas: um estudo no setor hoteleiro de um município do litoral catarinense. **Turismo em Análise**, v. 21, n. 2, p. 297-319, 2010. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v21i2p297-319

GOMEZELJ, Doris Omerzel; MIHALIC, Tanja. Destination competitiveness - applying different models: the case of Slovenia. **Tourism Management**, v. 29, n. 2, p. 294-307, 2008. DOI: 10.1016/j.tourman.2007.03.009

GOOROOCHURN, Nishaal; SUGIYARTO, Guntur. Competitiveness indicators in the travel and tourism industry. **Tourism Economics**, v. 11, n. 1, p. 25-43, 2005. DOI: 10.5367/0000000053297130

HASSAN, Salah. Determinants of market competitiveness in an environmentally sustainable tourism industry. **Journal of Travel Research**, v. 38, n. 3, p. 239-245, 2000. DOI: 10.1177/004728750003800305

HEATH, Ernie. Towards a model to enhance destination competitiveness: a South Africa perspective. **Journal of Hospitality & Tourism Management**, v. 10, n. 2, p. 124-141, 2003.

INKEEP, Eduard. **Tourism planning: an integrated and sustainable development approach**. 1. ed. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.

JACKMAN, Mahalia; LORDE, Troy; LOWE, Shane Rommel; ALLEYNE, Antonio. Evaluating tourism competitiveness of small island developing states: a revealed comparative advantage approach. **Anatolia**, v. 22, n. 3, p. 350-360, 2011. DOI: 10.1080/13032917.2011.626311

JACKSON, Julie; MURPHY, Peter. Clusters in regional tourism: an Australian case. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 4, p. 1018-1035, 2006. DOI: **10.1016/j.annals.2006.04.005**

JOHNS, Nick; MATTSSON, Jan. Destination development through entrepreneurship: a comparison of two cases. **Tourism Management**, n. 26, n. 4, p. 605-616, 2005. DOI: **10.1016/j.tourman.2004.02.017**

KIM, Chulwon; DWYER, Larry. Destination competitiveness and bilateral tourism flows between Australia and Korea. **Journal of Tourism Studies**, v. 14, n. esp., p. 55-67, 2003.

KOZAK, Metin. Comparative analysis of tourist motivations by nationality and destinations. **Tourism Management**, v. 23, n. 3, p. 221-232, 2002. DOI: 10.1016/S0261-5177(01)00090-5

KOZAK, Metin. Comparative assessment of tourist satisfaction with destinations across two nationalities. **Tourism Management**, v. 22, n. 4, p. 391-401, 2001. DOI: 10.1016/S0261-5177(00)00064-9

KOZAK, Metin; RIMMINGTON, Mike. Measuring tourist destination competitiveness: conceptual considerations and empirical findings. **International Journal of Hospitality Management**, v. 18, n. 3, p. 273-283, 1999. DOI: 10.1016/S0278-4319(99)00034-1

LEUNG, Xi Yu; BALOGLU, Seyhmus. Tourism competitiveness of Asia Pacific destinations. **Tourism Analysis**, v. 18, n. 4, p. 371-384, 2013. DOI: 10.3727/108354213X13736372325876

MOURITSEN, Jan; THRANE, Sof. Accounting, network complementarities and the development of inter-organisational relations. **Accounting, Organizations and Society**, v. 31, n. 3, p. 241-275, 2006. DOI: 10.1016/j.aos.2005.04.002

NAVICKAS, Valentinas; MALAKAUSKAITE, Asta. The possibilities for the identification and evaluation of tourism sector competitiveness factors. **Engineering Economics**, v. 1, n. 61, p. 38-44, 2009.

NEWALL, John. The challenge of competitiveness. **Business Quarterly**, v. 56, n. 4, p. 94-100, 1992.

PEARCE, Douglas. Competitive destination analysis in Southeast Asia. **Journal of Travel Research**, v. 35, n. 4, p. 16-24, 1997. DOI: 10.1177/004728759703500403

RITCHIE, Brent; CROUCH, Geoffrey. The competitive destination: a sustainable tourism perspective. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 1-7, 2000. DOI: 10.1079/9780851996646.0000

RITCHIE, Jay Brent; CROUCH, Geoffrey. **The competitive destination: a sustainable tourism perspective**. 1. ed. Cambridge: Cabi, 2003.

TSAI, Fu-Sheng; HSIEH, Linda; FANG, Shih-Chieh; LIN, Julia Lin. The co-evolution of business incubation and national innovation systems in Taiwan. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 76, n. 5, p. 629-643, 2009. DOI: 10.1016/j.techfore.2008.08.009

UNWTO - World Tourism Organization - WTO. **Introduction al turismo**. Madrid: WTO, 1998.

URDANETA, Anaida Meléndez; ROJAS; Luis Rodolfo. Mercadotecnia de ciudades com fines turísticos: como se vender uma cidade? **Revista Turismo em Análise**, v. 11, n. 1, p. 7-25, 2000. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v11i1p7-25

Capítulo 4

LINHAS DE PESQUISA E MODELOS TEÓRICOS ACERCA DO DESEMPENHO COMPETITIVO DE AGLOMERADOS

Rafael Araújo Sousa Farias
 Universidade de Brasília - UnB
 farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
 Faculdade UPIS - DF
 profjoaofranca@gmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
 Universidade Estadual do Piauí - PI
 sheilamilenaneves@gmail.com

Como apontado no capítulo anterior, o turismo é uma área do conhecimento que possui diferentes linhas de pesquisa e, por sua vez, variados modelos com vistas a compreender e explicá-lo (MARINERO-RODRÍGUEZ; PULIDO-FERNÁNDEZ, 2016). Os autores apontam a existência de seis diferentes linhas de estudo acerca dos relacionamentos no turismo: a) *Social Science* (estuda os relacionamentos sociais com vistas a entender o fenômeno turismo); b) *Community Approach* (estuda a interação entre a população residente de um destino, ou seja, a comunidade, e os promotores do desenvolvimento do turismo); c) *Tourism System* (estuda a relação entre as partes que formam um destino turístico); d) *Stakeholder Approach* (estuda a interação entre os *stakeholders* de um destino turístico); e) *Tourism Cluster* (estuda a interação entre os *stakeholders* com a dinâmica da produção turística um do território em que ocorrem); e f) *Tourism Networks* (estuda a estrutura reticular das relações entre os agentes de um destino, reconhecendo que é possível intervir para “orientar” esses relacionamentos). Para cada uma das linhas de pesquisa Marinero-Rodríguez e Pulido-Fernández (2016) apontam suas contribuições e autores, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Linhas de pesquisa, suas contribuições e autores

Linha de Pesquisa	Principais contribuições	Principais autores
a) Social Sciences	O principal avanço dessa linha de pesquisa é que, pela primeira vez, foi dada atenção ao estudo das relações para entender o fenômeno do turismo	Butler (1974), Jafari (1974), Hendee (1975), Mathews (1975), Aspelin (1977), Graburn (1983), Richter (1983), Cohen (1984, 1988), Dann e Cohen (1991), Mathews e Richter (1991), Nash e Smith (1991) e Cohen e Cohen (2012)

b) Community Approach	Esta linha de pesquisa contribuiu ao analisar a interação entre a comunidade residente de dado território e as autoridades ou empresas líderes que promovem o desenvolvimento do turismo nesse território	De Kadt (1979), Cooke (1982), Krippendorf (1982), Murphy (1985, 1988), Ritchie (1985), Liu, Sheldon e Var (1987), Haywood (1988), Keogh (1990), Simmons (1994) e Stone e Stone (2010)
c) Tourism System	Essa linha contribuiu ao identificar e analisar os relacionamentos como vínculos produtivos que ocorrem entre as partes ou componentes da oferta de um destino turístico. O turismo, como atividade produtiva, precisa de relacionamentos, especificados como elos entre as diferentes partes ou componentes da oferta turística que precisam funcionar de forma integrada, como um todo, para que os turistas possam usá-los e consumi-los.	Sessa (1976), Leiper (1979), Molina (1986), Beni (1993), Gunn (1994), UNWTO (1998), Santana (1997), Mill e Morrison (1998), Osorio (2000) e Schulte (2003)
d) Stakeholder Approach	O principal avanço feito por esta linha de pesquisa é seu foco fundamental em stakeholders do turismo, reconhecendo sua intervenção na moldagem da estrutura de turismo de um nível territorial específico. Essas partes interessadas, organizações privadas e administrações públicas, bem como cidadãos, devem interagir, inter-relacionar, para que a atividade de turismo em um território possa funcionar como uma atividade produtiva	Selin e Beason (1991), Jamal e Getz (1995, 1999), Palmer e Bejou (1995), Selin e Chavez (1995), Tosun e Jenkins (1996), Reed (1997, 1999), Timothy (1998), Tosun (1999, 2002, 2005), Bramwell e Lane (2000), Medeiros De Araujo e Bramwell (2000), Hall (2000), Richards e Hall (2003), Timothy e Tosun (2003), Aas, Ladkin e Fletcher (2005), Dredge (2005, 2006), Sheehan e Ritchie (2005), Jamal e Stronza (2009), Wegner, Lee e Weiler (2010), Haukeland (2011) e Graci (2012)
e) Tourism Cluster	Essa linha em muito contribuiu ao focar em relações produtivas, ou seja, relacionando as interações das partes que compõem o destino com a dinâmica de produção no setor específico analisado, neste caso, o turismo	Leiper (1990, 2008), Laws, Scott e Paritt (2002), Nordin (2003), Beesley (2005), Vernon, Essex, Pinder e Curry (2005), Jackson e Murphy (2006), Lazzaretti e Petrillo (2006), Novelli, Schmitz e Spencer (2006) e Michael (2007)
f) Tourism Networks	O principal avanço feito por esta linha de pesquisa consiste, precisamente, em analisar as relações produzidas entre as partes de um destino turístico específico como uma rede, ou seja, como um sistema de interações. Permite, portanto, analisar a estrutura reticulada da forma como as atividades da atividade de turismo acontecem	Pavlovich (2003), Pforr (2006), Baggio, Scott e Wang (2007), Bhat e Milne (2008), Scott et al. (2008), Pansiri (2009), Bendle e Patterson (2010), Bras, Costa e Buhalis (2010), Mcleod et al. (2010), Arnaboldi e Spiller (2011), Beritelli (2011), Ramayah, Lee e In (2011), Zach e Racherla (2011) e Baggio (2013)

Fonte: Marinero-Rodríguez e Pulido-Fernández (2016, pp. 124-129)

A partir das linhas de pesquisa aprontadas por Marinero-Rodríguez e Pulido-Fernández (2016), cabe fazer uma análise da literatura acerca do tema e, assim, demonstrar os modelos já desenvolvidos nessa área do conhecimento.

São muitos os modelos teóricos desenvolvidos para explicar o desempenho do destino ou que poderiam ser aplicados para esse fim, os primeiros há 25 anos e os últimos a menos de 10 anos (RITCHIE; CROUCH, 1993; DE KEYSER; VANHOVE, 1994; EVAN; JOHNSON, 1995; ESSER; HILLEBRAND; MESSNER; MYER-STAMER, 1996; CROUCH; RITCHIE, 1999; KOZAK; RIMMINGTON, 1999; DWYER;

FORSYTHE; RAO, 2000; HASSAN, 2000; PRIDEAUX, 2000; THOMAS; LONG, 2000; KOZAK, 2001; RITCHIE; CROUCH, 2001; HEATH, 2002; YOON, 2002; DWYER *ET AL.*, 2003; DWYER; KIM, 2003; HEATH, 2003; RITCHIE; CROUCH, 2003; ENRIGHT; NEWTON, 2004; GOOROOCHURN; SUGIYARTO, 2004; JONKER, 2004; RIVERO; CALDERA, 2004; MAZANEC; WÖBER; ZINS, 2007; MAZARO, 2007; TABERNER, 2007; MEDINA-MUÑOZ, 2009).

Algumas diferenciações podem ser percebidas a partir dos modelos. Segundo Cucculelli e Goffi (2016), há modelos empíricos (DE KEYSER; VANHOVE, 1994; SIRSE; MIHALIC, 1999; DWYER *et al.*, 2003; ENRIGHT, NEWTON, 2004; GOMEZELJ; MIHALIC, 2008). Para Estevão, Ferreira e Nunes (2015), há também modelos baseados em dados primários (KOZAK; RIMMINGTON, 1999; FAULKNER; OPPERMANN; FREDLINE, 1999; KIM; DWYER, 2003; DWYER; MELLOR; LIVAIC; EDWARDS; KIM, 2004; ENRIGHT; NEWTON, 2004, 2005; HUDSON; RITCHIE; TIMUR, 2004; OMERZEL, 2006; CLAVER-CORTE'S; MOLINA; PEREIRA, 2007; CROUCH, 2007; GOMEZELJ; MIHALIC, 2008) e outros em dados secundários (GOOROOCHURN; SUGIYARTO, 2005; WEF, 2007, 2008, 2009, 2011; CEPAL, 2009; ZHANG; GU; GU; ZHANG, 2011).

Ainda sobre as diferenças entres os modelos, Mena (2006) e Vieira e Hofmann (2013) apontam que há aqueles que foram desenvolvidos para analisar destinos específicos ou com características em particular: Ahmed e Kohn (1990) (Estados Unidos); Chon e Mayer (1995) (Las Vegas-EUA); Mazanec (1995) (cidades europeias); Pearce (1997) (sudeste asiático); Botha, Crompton e Kim (1999) (África do Sul); Faulkner, Oppermann e Fredline (1999) (Austrália); Kozak e Rimmington (1999) (Espanha e Turquia); d'Hautesserre (2000) (um casino em um resort); Kim, Crompton e Botha (2000) (África do Sul); Papatheodorou (2002) (resorts do mediterrâneo); Yoon (2002) (Virgínia-EUA); Dywer, Livaic e Mellor (2003) (Austrália); Heath (2003) (África do Sul); Kozak (2003) (Espanha e Turquia); Enright e Newton (2004, 2005) (Ásia Pacífico) e Jonker (2004) (África do Sul). Ademais, como aponta Cucculelli e Goffi (2016), há modelos que buscaram analisar o posicionamento das organizações nos destinos (SIRSE; MIHALC, 1999; DWYER *et al.*, 2003; ENRIGHT; NEWTON, 2004; GOMEZELJ; MIHALIC, 2008).

Cabe ressaltar que existem trabalhos, como apontam Azzopardi e Nash (2013) e Dragičević, Jovičić, Blešić, Stankov e Bošković (2017), que apresentam uma perspectiva prática ao aplicarem os modelos, total ou parcialmente, para analisar destinos (RITCHIE; CROUCH, 1993; DE KEYSER; VANHOVE, 1994; EVANS; FOX; JOHNSON, 1995; CROUCH; RITCHIE, 1999; FAULKNER *et al.*, 1999; CROUCH; RITCHIE, 2000; DWYER *et al.*, 2000, 2002; HASSAN, 2000; RITCHIE; CROUCH, 2003; DWYER; MELLOR; LIVAIC; EDWARDS; KIM, 2004; ENRIGHT; NEWTON, 2004, 2005; HUDSON; RITCHIE; TIMUR, 2004; BONN *et al.*, 2005; CROUCH, 2007,

2008; CRACOLICI; NIJKAMP, 2009; GOMEZELJ; MIHALIC, 2008; MILLER *et al.*, 2008; DRAGIĆEVIĆ *et al.*, 2009; CROUCH, 2010).

Como pôde ser percebido, a literatura aponta muitos modelos destinados a mensurar o desempenho do destino turístico. Contudo, dois trabalhos se destacam: Ritchie e Crouch (1999, 2003) e Dwyer e Kim (2003). Esses três trabalhos são apontados como os mais importantes e citados pela literatura acerca do tema (MAZANEC *et al.*, 2007; HONG, 2008; HONG, 2009; TSAI *et al.*, 2009; CASTRILLÓN *et al.*, 2011; MIKI; GÂNDARA; MEDINA-MUÑOZ, 2012; PARRA-LÓPEZ; OREJA-RODRÍGUEZ, 2014; ŽEMLA, 2014; ALVES; NOGUEIRA, 2015). Miki, Gândara e Medina-Muñoz (2012) identificaram os trabalhos de Ritchie e Crouch (1999, 2003) e Dwyer e Kim (2003) como estando entre os principais já desenvolvidos. Parra-López e Oreja-Rodríguez (2014) também afirmam que os trabalhos de Ritchie e Crouch (1999, 2003) e Dwyer e Kim (2003) são os principais modelos sobre o desempenho do turismo e, ainda segundo os autores, esses trabalhos se destacam pela compreensão de fatores competitivos e pela busca por sistemas de medição que permitam a comparação entre os destinos. Desse modo, como apontado por Alves e Nogueira (2015), dois grupos de pesquisas são responsáveis pela produção dos modelos que estão entre os mais citados na literatura. Os grupos são: Crouch e Ritchie (1995, 1999, 2005) e Ritchie e Crouch (2000, 2003), e Dwyer, Kim e seus colaboradores (DWYER; KIM, 2003; DWYER; LIVAIC; MELLOR, 2003; DWYER; MELLOR; LIVAIC; EDWARDS; KIM, 2004; KIM; DWYER, 2003).

Referências

AHMED, Zafar; KROHN, Franklin. Reversing the United States' declining competitiveness in the marketing of international tourism: a perspective of future policy. **Journal of Travel Research**, v. 29, n. 2, p. 23-29, 1990. DOI: 10.1177/004728759002900204

ALVES, Simone; NOGUEIRA, Antônio Roberto Ramos. Towards a sustainable tourism competitiveness measurement model for municipalities: Brazilian empirical evidence. **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 13, n. 6, p. 1337-1353, 2015.

ARNABOLDI, Michela; SPILLER, Nicola. Actor-network theory and stakeholder collaboration: the case of cultural districts. **Tourism Management**, v. 32, n. 3, p. 641-654, 2011. DOI: 10.1016/j.tourman.2010.05.016

AZZOPARDI, Ernest; NASH, Robert. A critical evaluation of importance: performance analysis. **Tourism Management**, v. 35, n. 4, p. 222-33, 2013. DOI: 10.1016/j.tourman.2012.07.007

BAGGIO, Rodolfo. Studying complex tourism systems: a novel approach based on networks derived from a time serie. In: INTERNATIONAL ACADEMIC CONFERENCE ON ECONOMIC AND SOCIAL DEVELOPMENT MOSCOW, 14., 2013, Moscovo. **Proceedings...** Moscovo: HSE, 2013.

BAGGIO, Rodolfo; SCOTT, Noel; WANG, Zhuo. What network analysis of the WWW can tell us about the organization of tourism destinations. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE COUNCIL FOR AUSTRALIAN UNIVERSITY TOURISM AND HOSPITALITY EDUCATION, 17., 2007, Sydney. **Proceedings...** Sydney: CAUTHE 2007, 2007.

BEESLEY, Lisa. The management of emotion in collaborative tourism research setting. **Tourism Management**, v. 26, n. 2, p. 261-275, 2005. DOI: 10.1016/j.tourman.2003.11.019

BENDLE, Lawrence; PATTERSON, Ian. The centrality of service organizations and their leisure networks. **The Service Industries Journal**, v. 30, n. 10, p. 1607-1619, 2010. DOI: 10.1080/02642060903580656

BERITELLI, Pietro. Cooperation among prominent actors in a tourist destination. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 2, p. 607-29, 2011. DOI: 10.1016/j.annals.2010.11.015

BHAT, Sushma Seth; MILNE, Simon. Network effects on cooperation in destination website development. **Tourism Management**, v. 29, n. 6, p. 1131-1140, 2008. DOI: 10.1016/j.tourman.2008.02.010

BONN, Mark; SACHA, Joseph; DAI, Mo. International versus domestic visitors: an examination of destination image perceptions. **Journal of Travel Research**, v. 43, n. 3, p. 294-301, 2005. DOI: 10.1177/0047287504272033

BOTHA, Christel; CROMPTON, John; KIM, Seong-Seop. Developing a revised competitive position for Sun/Lost City, South Africa. **Journal of Travel Research**, v. 37, n. 4, p. 341-352, 1999. DOI: 10.1177/004728759903700404

BRAMWELL, Bill; LANE, Bernard. (Eds.). **Tourism collaboration and partnerships: politics, practices and sustainability**. 1. ed. Clevedon: Channel View Publications, 2000.

BUTLER, Richard. Social implications of tourism developments. **Annals of Tourism Research**, v. 2, n. 2, p. 100-111, 1974. DOI: 10.1016/0160-7383(74)90025-5

CASTRILLÓN, Isabel Diéguez; CANTO, Ana Gueimonde; CANTORNA, Ana Sinde; CERRADELO, Lidia Blanco. Análisis de los principales modelos explicativos de la competitividad de los destinos turísticos en el marco de la sostenibilidad. **Revista Cultura e Turismo**, v. 5, n. 2, p. 101-124, 2011.

COHEN, Erik; COHEN, Scott. Current sociological theories and issues in tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 4, p. 2177-2202, 2012. DOI: 10.1016/j.annals.2012.07.009

COOKE, Karen. Guidelines for socially appropriate tourism development in British Columbia. **Journal of Travel Research**, v. 21, n. 1, p. 22-28, 1982. DOI: 10.1177/004728758202100106

CRACOLICI, Maria Francesca; NIJKAMP, Peter. The attractiveness and competitiveness of tourist destinations: a study of southern Italian regions. **Tourism Management**, v. 30, n. 3, p. 336-44, 2009. DOI: 10.1016/j.tourman.2008.07.006

CROUCH, Geoffrey Ian; RITCHIE, Brent. Application of the analytic hierarchy process to tourism choice and decision making: a review and illustration applied to destination competitiveness. **Tourism Analysis**, v. 10, n. 1, p. 17-25, 2005. DOI: 10.3727/1083542054547930

CROUCH, Geoffrey Ian; RITCHIE, Brent. The competitive destination: a sustainability perspective. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 1-7, 2000. DOI: 10.1079/9780851996646.0000

CROUCH, Geoffrey Ian; RITCHIE, Brent. Tourism, competitiveness and societal prosperity. **Journal of Business Research**, v. 44, n. 3, p. 137-152, 1999. DOI: 10.1016/S0148-2963(97)00196-3

CROUCH, Geoffrey Ian; RITCHIE, Brent. Tourism, competitiveness and societal prosperity. **Journal of Business Research**, v. 44, n. 3, p. 137-152, 1999. DOI: 10.1016/S0148-2963(97)00196-3

CUCCULELLI, Marco; GOFFI, Gianluca. Does sustainability enhance tourism destination competitiveness? Evidence from Italian destinations of excellence. **Journal of Cleaner Production**, v. 111, n. 2, p. 370-382, 2016. DOI: 10.1016/j.jclepro.2014.12.069

DANN, Graham; COHEN, Erik. Sociology and tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 18, n. 1, p. 155-169, 1991. DOI: 10.1016/0160-7383(91)90045-D

DE KEYSER, Rik; VANHOVE, Norbert. The competitive situation of tourism in the Caribbean area - methodological approach. **The Tourist Review**, v. 49, n. 3, p. 19-22, 1994. DOI: 10.1108/eb058160

DRAGIĆEVIĆ, Vanja; ARMENSKI, Tanja; JOVIČIĆ, Dobrica. Analyses of the competitiveness of Novi Sad as a regional congress destination. **Tourism and Hospitality Management**, v. 15, n. 2, p. 247-256, 2009.

DREDGE, Dianne. Networks and innovation in Lake Macquarie. In: CARSON, Dean Bradley; MACBETH, Jim (org.). **Regional tourism cases: innovation in regional tourism**. Altona, Vic: Common Ground, 2005.

DREDGE, Dianne. Networks, conflict and collaborative communities. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 14, n. 6, p. 562-81, 2006.

DWYER, Larry; KIM, Chulwon. Destination competitiveness: determinants and indicators. **Current Issues in Tourism**, v. 6, n. 5, p. 369-414, 2003. DOI: 10.1080/13683500308667962

DWYER, Larry; LIVAIC, Zelco; MELLOR, Robert. Competitiveness of Australia as a tourist destination. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 10, n. 1, p. 60-79, 2003.

DWYER, Larry; MELLOR, Robert; LIVAIC, Zelco; EDWARDS, Deborah; KIM, Chulwon. Attributes of destination competitiveness: a factor analysis. **Tourism Analysis**, v. 9, n. 1-2, p. 91-101, 2004. DOI: 10.3727/1083542041437558

ENRIGHT, Michael; NEWTON, James. Determinants of tourism destination competitiveness in Asia Pacific: comprehensiveness and universality. **Journal of Travel Research**, v. 43, n. 4, p. 339-350, 2005. DOI: 10.1177/0047287505274647

ENRIGHT, Michael; NEWTON, James. Tourism destination competitiveness: a quantitative approach. **Tourism Management**, v. 25, n. 6, p. 777-788, 2004. DOI: 10.1016/j.tourman.2004.06.008

ESSER, Klaus; HILLEBRAND, Wolfgang; MESSNER, Dirk; MYER-STAMER, Jorg. **Competitividad sistémica: competitividad internacional de las empresas y políticas requeridas**. 1. ed. Berlín: Instituto Alemán de Desarrollo, 1994.

ESTEVÃO, Cristina; FERREIRA, João; NUNES, Sara. Determinants of tourism destination competitiveness: a SEM approach. **Advances in Culture, Tourism and Hospitality Research**, v. 10, n. 1, p. 121-139, 2015. DOI: 10.1108/S1871-317320150000010009

EVANS, Michael; FOX, Jerry; JOHNSON, Roy. Identifying competitive strategies for successful tourism destination development. **Journal of Hospitality and Leisure Marketing**, v. 3, n. 1, p. 37-45, 1995. DOI: 10.1300/J150v03n01_04

FAULKNER, Bill; OPPERMAN, Martin; FREDLINE, Elizabeth. Destination competitiveness: an exploratory examination of South Australia's core attractions. **Journal of Vacation Marketing**, v. 5, n. 2, p. 125-139, 1999. DOI: 10.1177/135676679900500202

GOMEZELJ, Doris Omerzel; MIHALIC, Tanja. Destination competitiveness - applying different models: the case of Slovenia. **Tourism Management**, v. 29, n. 2, p. 294-307, 2008. DOI: 10.1016/j.tourman.2007.03.009

GOOROOCHURN, Nishaal; SUGIYARTO, Guntur. Competitiveness indicators in the travel and tourism industry. **Tourism Economics**, v. 11, n. 1, p. 25-43, 2005. DOI: 10.5367/0000000053297130

GUNN, Clare. **Tourism planning**. 3. ed. Washington: Taylor & Francis, 1994.

HALL, Michael. Rethinking collaboration and partnerships: a public policy perspective. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 7, n. 3-4, p. 274-289, 1999. DOI: 10.1080/09669589908667340

HASSAN, Salah. Determinants of market competitiveness in an environmentally sustainable tourism industry. **Journal of Travel Research**, v. 38, n. 3, p. 239-245, 2000. DOI: 10.1177/004728750003800305

HAUKELAND, Jan Vidar. Tourism stakeholders' perceptions of national park management in Norway. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 19, n. 2, p. 133-153, 2011. DOI: 10.1080/09669582.2010.517389

HAYWOOD, Michael. Responsible and responsive tourism planning in the community. **Tourism Management**, v. 9, n. 2, p. 105-118, 1988. DOI: 10.1016/0261-5177(88)90020-9

HEATH, Ernie. Towards a model to enhance Africa's sustainable tourism competitiveness. **Journal of Public Administration**, v. 37, n. 3, p. 328-353, 2002.

HEATH, Ernie. Towards a model to enhance destination competitiveness: a South Africa perspective. **Journal of Hospitality & Tourism Management**, v. 10, n. 2, p. 124-141, 2003.

HENDEE, John. Sociology and applied leisure research. **Annals of Tourism Research**, v. 2, n. 3, p. 155-162, 1975.

HONG, Samuelson Wei-Chiang. **Competitiveness in the tourism sector: a comprehensive approach from economic and management points**. 1. ed. Heidelberg: Physica-Verlag, 2008.

HONG, Wei-Chiang. Global competitiveness measurement for the tourism sector. **Current Issues in Tourism**, v. 12, n. 2, p. 105-132, 2009. DOI: 10.1080/13683500802596359

HUDSON, Simon; RITCHIE, Brent; TIMUR, Seldjan. Measuring destination competitiveness: an empirical study of Canadian ski-resorts. **Tourism and Hospitality Planning and Development**, v. 1, n. 1, p. 79-94, 2004. DOI: 10.1080/1479053042000187810

JACKSON, Julie; MURPHY, Peter. Clusters in regional tourism: an Australian case. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 4, p. 1018-1035, 2006. DOI: **10.1016/j.annals.2006.04.005**

JAFARI, Jafar. The components and nature of tourism: the tourism market basket of goods and services. **Annals of Tourism Research**, v. 3, n. 1, p. 73-89, 1974. DOI: 10.1016/0160-7383(74)90034-6

JAMAL, Tazim; GETZ, Donald. Community roundtables for tourism-related conflicts: the dialectics of consensus and process structures. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 7, n. 3-4, p. 290-313, 1999. DOI: 10.1080/09669589908667341

JONKER, Jacobus Albertus. **The strategic identification and integration of critical success factors to achieve international competitiveness for South África as a tourism destination**. 2004. 412 f. Tese (Doutorado em Gestão do Turismo) – University of Pretoria - UP, Pretoria, 2004.

KEOGH, Brian. Public participation in community tourism planning. **Annals of Tourism Research**, v. 17, n. 3, p. 449-65, 1990. DOI: 10.1016/0160-7383(90)90009-G

KIM, Chulwon; DWYER, Larry. Destination competitiveness and bilateral tourism flows between Australia and Korea. **Journal of Tourism Studies**, v. 14, n. esp., p. 55-67, 2003.

KIM, Seong-Seop; CROMPTON, John; BOTHA, Christel. Responding to competition: a strategy for Sun/Lost City, South Africa. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 33-42, 2000. DOI: 10.1016/S0261-5177(99)00094-1

KOZAK, Metin. Comparative assessment of tourist satisfaction with destinations across two nationalities. **Tourism Management**, v. 22, n. 4, p. 391-401, 2001. DOI: 10.1016/S0261-5177(00)00064-9

KOZAK, Metin. Measuring comparative destination performance: a study of Spain and Turkey. **Journal of Travel and Tourism Marketing**, v. 13, n. 3, p. 83-110, 2003. DOI: 10.1080/10548400209511569

KOZAK, Metin; RIMMINGTON, Mike. Measuring tourist destination competitiveness: conceptual considerations and empirical findings. **International Journal of Hospitality Management**, v. 18, n. 3, p. 273-283, 1999. DOI: 10.1016/S0278-4319(99)00034-1

KRIPPENDORF, Jost. Towards new tourism policies: the importance of environmental and sociocultural factors. **Tourism Management**, v. 3, n. 3, p. 135-148, 1982. DOI: 10.1177/004728758302200154

LAWS, Eric; SCOTT, Noel; PARFITT, Nick. Synergies in destination image management: a case study and conceptualisation. **International Journal of Tourism Research**, v. 4, n. 1, p. 39-55, 2002. DOI: 10.1002/jtr.353

LEIPER, Neil. The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist and the tourism industry. **Annals of Tourism Research**, v. 6, n. 4, p. 390-407, 1979. DOI: 10.1016/0160-7383(79)90003-3

LIU, Juanita; SHELDON, Pauline; VAR, Turgut. Resident perception of the environmental impacts of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 14, n. 1, p. 17-37, 1987.

MATHEWS, Harry. International tourism and political science research. **Annals of Tourism Research**, v. 2, n. 4, p. 195-203, 1975. DOI: 10.1016/0160-7383(75)90032-8

MATHEWS, Harry; RICHTER, Linda. Political science and tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 18, n. 1, p. 120-135, 1991. DOI: 10.1016/0160-7383(91)90043-B

MAZANEC, Josef Alfred. Competition among european tourist cities: a comparative analysis with multidimensional scaling and self-organizing maps. **Tourism Economics**, v. 1, n. 3, p. 283-302, 1995. DOI: 10.1177/135481669500100305

MAZANEC, Josef; WÖBER, Karl; ZINS, Andreas. Tourism destination competitiveness: from definition to explanation? **Journal of Travel Research**, v. 46, n. 1, p. 86-95, 2007. DOI: 10.1177/0047287507302389

MAZARO, Rosana Mara. Factores determinantes de competitividad para destinos turísticos en el marco de la sostenibilidad. **Observatório de Inovação do Turismo**, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2007.

MCLEOD, Michelle Theresa; VAUGHAN, David Roger; EDWARDS, Jonathan. Knowledge networks in the tourist sector of the Bournemouth, Poole and Christchurch conurbation: preliminary analysis. **Service Industries Journal**, v. 30, n. 10, p. 1651-1667, 2010. DOI: 10.1080/02642060903580664

MEDEIROS DE ARAUJO, Lindemberg; BRAMWELL, Bill. Stakeholders assessment and collaborative tourism planning: the case of Brazil's Dourada Project. In: BRAMWELL, Bill; LANE, Bernard (org.). **Tourism collaboration and partnerships: politics, practice and sustainability**. Clevedon: Channel View Publications, 2000. p. 272-294.

MENA, Miguela Monica Maniago. **Exploring destination competitiveness from a social development perspective: evidences from Southeast Asia**. 2006. 232 f. Tese (Doutorado em Gestão de Hotéis e Turismo) – Hong Kong Polytechnic University - PolyU, Hung Hom, 2006.

MICHAEL, Ewen. **Micro-clusters and networks: the growth of tourism**. 2. ed. Amsterdam: Elsevier, 2007.

- MIKI, Adriana Fumi Chim; GANDARA, José Manoel Gonçalves; MUÑOZ, Diego Ramón Medina. O estado atual de pesquisas sobre competitividade turística no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 12, n. 2, p. 212-223, 2012.
- MILL, Robert Christie; MORRISON, Alastair. **The tourism system: an introductory**. 1. ed. New York: Kendall y Hunt Publishing, 1998.
- MOLINA, Sérgio. **Planificación del turismo**. 1. ed. Mexico: Nuevo Tiempo Libre, 1986
- MURPHY, Peter. **Tourism: a community approach**. 1. ed. New York: Mathuen, 1985.
- NASH, Dennison; SMITH, Valene. Anthropology and tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 18, n. 1, p. 12-25, 1991. DOI: 10.1016/0160-7383(91)90036-B
- NORDIN, Sara. **Tourism clustering and innovation: paths to economic growth and development**. 1. ed. Oestersund: European Research Tourism Institute, 2003.
- NOVELLI, Marina; SCHMITZ, Birte; SPENCER, Trisha. Networks, clusters and innovation in tourism: a UK experience. **Tourism Management**, v. 27, n. 6, p. 1141-1152, 2006. DOI: 10.1016/j.tourman.2005.11.011
- PALMER, Adrian; BEJOU, David. Tourism destination marketing alliances. **Annals of Tourism Research**, v. 22, n. 3, p. 616-629, 1995. DOI: 10.1016/0160-7383(95)00010-4
- PANSIRI, Jaloni. Strategic motives for alliance formation in the travel sector of tourism. **International Journal of Hospitality and Tourism Administration**, v. 10, n. 2, p. 143-173, 2009. DOI: 10.1080/15256480902851156
- PAPATHEODOROU, Andreas. Exploring competitiveness in mediterranean resorts. **Tourism Economics**, v. 8, n. 2, p. 133-150, 2002. DOI: 10.5367/000000002101298034
- PARRA-LÓPEZ, Eduardo; OREJA-RODRÍGUEZ, Juan Ramón. Evaluation of the competitiveness of tourist zones of an island destination: an application of a Many-Facet Rasch Model (MFRM). **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 3, n. 2, p. 114-121, 2014. DOI: 10.1016/j.jdmm.2013.12.007
- PAVLOVICH, Kathryn. The evolution and transformation of a tourism destination network: the Waitomo Caves, New Zealand. **Tourism Management**, v. 24, n. 2, p. 203-216, 2003. DOI: 10.1016/S0261-5177(02)00056-0
- PEARCE, Douglas. Competitive destination analysis in Southeast Asia. **Journal of Travel Research**, v. 35, n. 4, p. 16-24, 1997. DOI: 10.1177/004728759703500403
- PFORR, Christof. Tourism policy in the making: an Australian network study. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 1, p. 87-108, 2006. DOI: 10.1016/j.annals.2005.04.004

PRIDEAUX, Bruve. The role of the transport system in destination development. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 53-63, 2000. DOI: 10.1016/S0261-5177(99)00079-5

REED, Maureen Gail. Collaborative tourism planning as adaptative experiments in emergent tourism settings. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 7, n. 3-4, p. 331-355, 1999. DOI: 10.1080/09669589908667343

REED, Maureen Gail. Power relations and community-based tourism planning. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3, p. 566-591, 1997. DOI: 10.1016/S0160-7383(97)00023-6

RICHARDS, Greg; HALL, Derik. The community: a sustainable concept in tourism development? In: RICHARDS, Greg; HALL, Derik (org.). **Tourism and sustainable community development**. London: Routledge, 2003.

RICHTER, Linda. Tourism politics and political science: a case of not so benign neglect. **Annals of Tourism Research**, v. 10, n. 3, p. 313-335, 1983. DOI: 10.1016/0160-7383(83)90060-9

RITCHIE, Brent; CROUCH, Geoffrey. Competitiveness in international tourism: a framework for understanding and analysis. In: CONGRESS OF ASSOCIATION INTERNATIONALE D'EXPERTS SCIENTIFIQUE DE TOURISME, 43., 1993, San Carlos de Bariloche. **Proceedings...** Gallen: Aiest, 1993.

RITCHIE, Brent; CROUCH, Geoffrey. Developing operational measures for the components of a destination competitiveness/sustainability model: consumer versus managerial perspectives. In: MAZANEC, Josef (org.). **Consumer psychology of tourism hospitality and leisure**. Wallingford: CABI, 2001. p.1-17.

RITCHIE, Jay Brent; CROUCH, Geoffrey. **The competitive destination: a sustainable tourism perspective**. 1. ed. Cambridge: Cabi, 2003.

SANTANA, Agustín. **Antropología y turismo**. ¿Nuevas hordas, viejas culturas? 1. ed. Barcelona: Ariel, 1997.

SCHULTE, Silke. **Guía conceptual y metodologica para el desarrollo y planificación del sector del turismo**. 1. ed. Santiago de Chile: CEPAL, 2003.

SCOTT, Noel; COOPER, Chris; BAGGIO, Rodolfo. Destination networks: four Australian cases. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n. 1, p. 169-188, 2008. DOI: 10.1016/j.annals.2007.07.004

SELIN, Steve; CHAVEZ, Debbie. Developing an evolutionary tourism partnership model. **Annals of Tourism Research**, v. 22, n. 4, p. 844-56, 1995. DOI: 10.1016/0160-7383(95)00017-X

SELIN, Steven; BEASON, Kim. Interorganizational relations in tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 18, n. 4, p. 639-652, 1991. DOI: [10.1016/0160-7383\(91\)90079-Q](https://doi.org/10.1016/0160-7383(91)90079-Q).

SESSA, Alberto. The tourism policy. **Annals of Tourism Research**, v. 3, n. 5, p. 234-247, 1976. DOI: [10.1016/0160-7383\(76\)90020-7](https://doi.org/10.1016/0160-7383(76)90020-7)

SHEEHAN, Lorn; RITCHIE, Brent. Destination stakeholders exploring identity and salience. **Annals of Tourism Research**, v. 32, n. 3, p. 711-734, 2005. DOI: [10.1016/j.annals.2004.10.013](https://doi.org/10.1016/j.annals.2004.10.013)

SIMMONS, David. Community participation in tourism planning. **Tourism Management**, v. 15, n. 2, p. 98-108, 1994. DOI: [10.1016/0261-5177\(94\)90003-5](https://doi.org/10.1016/0261-5177(94)90003-5)

STONE, Lesego Senyana; STONE, Tibabo Moren. Community-based tourism enterprises: challenges and prospects for community participation; Khama Rhino Sanctuary Trust, Botswana. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 19, n. 1, p. 97-114, 2010. DOI: [10.1080/09669582.2010.508527](https://doi.org/10.1080/09669582.2010.508527)

TABERNER, Jaume Garau. Propuesta de dos índices para la medición de la competitividad de los destinos de sol y playa del Mediterráneo: ante de resultados desde el punto de vista de la demanda. **Revista de Análisis Turístico**, v. 4, n. 1, p. 50-67, 2007. DOI: [10.1234/RAT2011n11](https://doi.org/10.1234/RAT2011n11)

THOMAS, Rodri; LONG, Jonathan. Improving competitiveness: critical success factors for tourism development. **Local Economy**, v. 14, n. 4, p. 313-328, 1999. DOI: [10.1080/02690940008726507](https://doi.org/10.1080/02690940008726507)

TIMOTHY, Dallen. Cooperative tourism planning in a developing destination. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 6, n. 1, p. 52-68, 1998. DOI: [10.1080/09669589808667301](https://doi.org/10.1080/09669589808667301)

TIMOTHY, Dallen; TOSUN, Cevat. Appropriate planning for tourism destinations communities: participation, incremental growth and collaboration. In: SINGH, Shalini; TIMOTHY, Dallen; DOWLING, Ross Kingston (org.). **Tourism in destinations communities**. Cambridge: CABI Publishing, 2003.

TOSUN, Cevat. Limits to community participation in the tourism development process in developing countries. **Tourism Management**, v. 21, n. 6, p. 613-633, 2000. DOI: [10.1016/S0261-5177\(00\)00009-1](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(00)00009-1)

TOSUN, Cevat. Stages in the emergence of a participatory tourism development approach in the developing world. **Geoforum**, v. 36, n. 3, p. 333-352, 2005. DOI: [10.1016/j.geoforum.2004.06.003](https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2004.06.003)

TOSUN, Cevat. Towards a typology of community participation in the tourism development process. **Anatolia: an International Journal of Tourism and Hospitality Research**, v. 10, n. 2, p. 113-34, 1999. DOI: 10.1080/13032917.1999.9686975

TOSUN, Cevat; JENKINS, Carson. Regional planning approaches to tourism development: the case of Turkey. **Tourism Management**, v. 17, n. 7, p. 519-531, 1996. DOI: **10.1016/S0261-5177(96)00069-6**.

TSAI, Fu-Sheng; HSIEH, Linda; FANG, Shih-Chieh; LIN, Julia Lin. The co-evolution of business incubation and national innovation systems in Taiwan. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 76, n. 5, p. 629-643, 2009. DOI: 10.1016/j.techfore.2008.08.009

UNWTO - World Tourism Organization - WTO. **Introduction al turismo**. Madrid: WTO, 1998.

VERNON, Jon; ESSEX, Stephen; PINDER, David; CURRY, Kaja. Collaborative policymaking: local sustainable projects. **Annals of Tourism Research**, v. 32, n. 2, p. 325-345, 2005. DOI: 10.1016/j.annals.2004.06.005

VIEIRA, Daniel Pires; HOFFMANN, Valmir Emil. Competitividade e desenvolvimento: um estudo em destinos indutores do turismo brasileiro. **Revista Alcance - Eletrônica**, v. 20, n. 03, p. 400-416, 2013.

WEF - World Economic Forum. **Balancing economic development and environmental sustainability**. The Travel & Tourism Competitiveness Report 2008. Geneva: Switzerland, 2008.

WEF - World Economic Forum. **Beyond the downturn**. The Travel & Tourism Competitiveness Report 2011. Geneva: Switzerland, 2011.

WEF - World Economic Forum. **Furthering the process of economic**. The Travel & Tourism Competitiveness Report 2007. Geneva: Switzerland, 2007.

WEF - World Economic Forum. **Managing in a time of turbulence**. The Travel & Tourism Competitiveness Report 2009. Geneva: Switzerland, 2009.

WEGNER, Aggie; LEE, Diane; WEILER, Betty. Important ingredients for successful tourism/protected area partnerships: partners' policy recommendations. **The Service Industries Journal**, v. 30, n. 10, p. 1643-650, 2010.

YOON, Yooshik. **Development of a structural model for tourism destination competitiveness from stakeholders' perspectives**. 2002. 213 f. Tese (Doutorado em Gestão de Hospitalidade e Turismo) – Virginia State University - VSU, Petersburg, 2002.

ZACH, Florian; RACHERLA, Pradeep. Assessing the value of collaborations in tourism networks: a case study of Elkhart County, Indiana. **Journal of Travel and Tourism Marketing**, v. 28, n. 1, p. 545-556, 2011. DOI: 10.1080/10548408.2011.535446

Capítulo 5

MODELO DE CALGARY E MODELO INTEGRADO - UTILIZADOS PARA A MENSURAÇÃO DE DESEMPENHO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

Ritchie e Crouch (2003) desenvolveram um modelo – chamado de Modelo de Calgary – conceitual com vistas a analisar o desempenho de destino turístico. Assim, o modelo não se caracteriza por ser causal nem preditivo, mas sim, por fazer uso de conceitos e relações abstratas para explicar o desempenho do destino. A versão inicial (CROUCH; RITICHIE, 1999) do modelo foi melhorada e os autores apresentaram a nova versão em 2003. O modelo se baseia em cinco dimensões, sendo elas: (i) Fatores de Suporte e Recursos; (ii) Recursos-Chave e Atrações; (iii) Gestão do Destino; (iv) Política, Planejamento e Desenvolvimento do Destino; e (v) Determinantes Qualificadores (ou condições situacionais). O modelo também ressalta a importância do ambiente em torno do destino: na esfera micro (competitiva) e na esfera macro (global).

O trabalho de Ritchie e Crouch (2003) é considerado o modelo mais completo desenvolvido até o momento (DWYER; KIM, 2003; MAZANEC *et al.*, 2007; HONG, 2008), como apontado por Santos, Ferreira e Costa (2014). Ainda, é um dos mais influentes e que mais contribuíram para a análise do desempenho das destinações (COSTA; HOFFMANN, 2006; HONG, 2009; TSAI *et al.*, 2009; CASTRILLÓN; CANTO; CANTORNA; CERRADELO, 2011). O modelo de Ritchie e Crouch (2003) traz grandes contribuições ao apontar as dimensões e fatores intervenientes do desempenho de destinos (MAZARO, 2007) e pela abrangência e profundidade dos diferentes fatores considerados para construir o modelo (BUHALIS, 2000). Ritchie e Crouch (2003) basearam seu estudo no modelo de diamante de Porter, contudo, adaptando à indústria do turismo (ENRIGHT; NEWTON, 2005; ZEHRER; HALLMANN, 2005; MIKI; GÂNDARA; MEDINA-MUÑOZ, 2012). A Figura 1 representa o modelo em questão.

Figura 1 – Modelo de proposto por Ritchie e Crouch (2003)



Fonte: Ritchie e Crouch (2003)

A vantagem comparativa refere-se aos recursos disponíveis em dada região, enquanto as vantagens competitivas referem-se à capacidade que as organizações têm de gerenciar e usar os recursos disponíveis de forma a obter vantagem competitiva – situação essa destacada pelo modelo de Ritchie e Crouch (2003). Ou seja, como apontado pelos autores, o desempenho de um destino está relacionado a sua capacidade de agregar valor aos recursos disponíveis. Apesar de suas contribuições, foram poucos os estudos que testaram de forma sistemática e empírica o modelo de Ritchie e Crouch (2003) para um destino particular (ENRIGHT; NEWTON, 2004; HUDSON *et al.*, 2004; ZEHNER; HALLMANN, 2005). Outra fraqueza, na visão de Santos, Ferreira e Costa (2014), reside no fato de ser um modelo puramente descritivo.

Em seu modelo, Dwyer e Kim (2003) analisam quais são os recursos-chave que interferem no desempenho de um destino. Os autores propõem uma série de indicadores objetivos e subjetivos, além de indicadores socioeconômicos como: nível de emprego da população, renda *per capita*, crescimento da atividade econômica, entre outros. O modelo, que é conceitual, é integrado por seis determinantes do desempenho. Na opinião de Parra-López e Oreja-Rodríguez (2014), essa situação evidencia que o desempenho de um destino se caracteriza por não ser diretamente observável e sua quantificação requer o uso de indicadores indiretos. Parra-López e Oreja-Rodríguez (2014) ressaltam que Scott e Lodge (1985) já afirmavam que o desempenho do

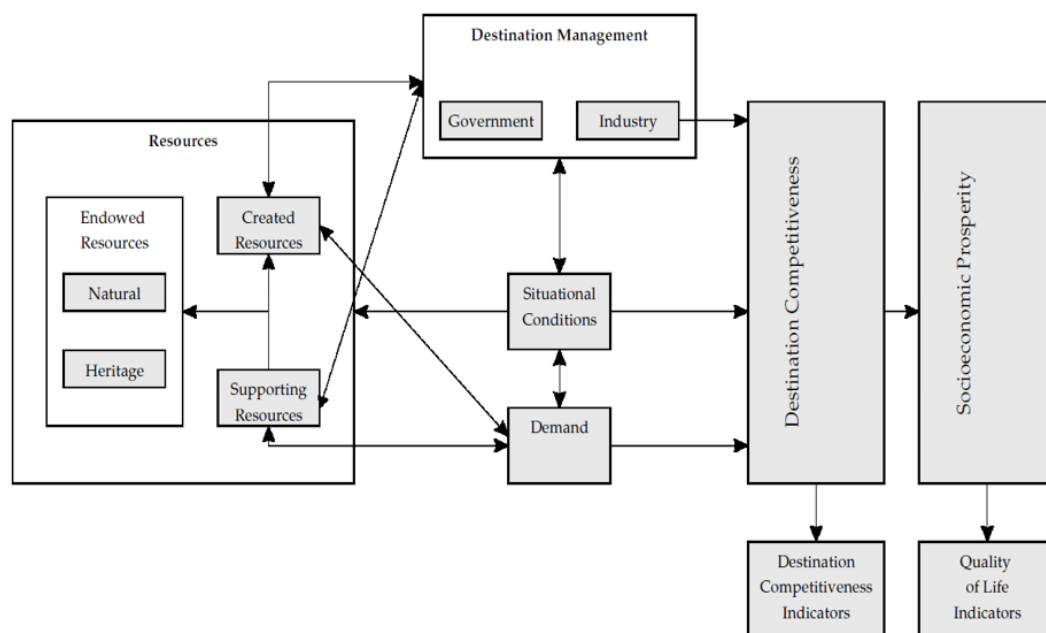
destino é um fenômeno que não pode ser caracterizado mediante a avaliação apenas de indicadores objetivos – mensuráveis quantitativamente – ou apenas indicadores subjetivos – principalmente relacionados às percepções turísticas.

Uma das dificuldades observadas na medição do desempenho de um destino é o fato de um produto turístico ser resultado de uma combinação de várias características que podem ou não ser observáveis e medidas (DWYER; KIM, 2003). Essa dificuldade de medição fica evidente quando se analisa o turismo de um ponto de vista holístico e sistêmico, ou seja, como um processo multinível (ESSER *et al.*, 1994; DWYER; KIM, 2003). Como um ponto fraco do modelo, Parra-López e Oreja-Rodríguez (2014) explicam que há uma falta de justificativa de quais fatores pertencem a qual fonte.

Assim como outros estudos (PORTER, 1989; ENRIGHT; NEWTON, 2004; GOOROOCHURN; SUGIYARTO, 2005; GOMEZELJ; MIHALI, 2008), Dwyer e Kim (2003) desenvolveram sua pesquisa sob a ótica holística para analisar o turismo. Para Dwyer e Kim (2003) o desempenho de um destino deve ser aferido sob a ótica sistêmica, assim como o modelo de Esser, Hillebrand, Messner e Myer-Stamer (1994). Como apontado por Wang, Hsu e Swanson (2012), Hoffmann e Vieira (2013) e Vieira e Hoffmann (2013), o trabalho de Dwyer e Kim (2003) baseou-se nos trabalhos de Crouch e Ritchie (1995, 1999) e Ritchie e Crouch (1993, 2000).

Cabe destacar que o trabalho de Dwyer e Kim (2003) ressalta a importância do gerenciamento do destino como um fator que interfere em seu desempenho. Assim, o modelo deixa patente que o desempenho do destino não depende apenas de seus atrativos. A gestão dos destinos parece ser o principal aspecto que interfere no desenvolvimento do desempenho de destinos turísticos (VIEIRA; HOFFMANN, 2013). Há destinos que são dotados de recursos naturais e culturais, e não conseguem desenvolver o turismo (VIEIRA; HOFFMANN, 2013). Ainda segundo os autores, possuir os recursos não torna o destino idiossincrático, havendo a necessidade de sua gestão. A Figura 2 representa o modelo em questão.

Figura 2 – Modelo proposto por Dwyer e Kim (2003)



Fonte: Dwyer e Kim (2003)

É possível identificar relações entre esses dois modelos – Ritchie e Crouch (2003) e Dwyer e Kim (2003). Como apontam Vieira e Hoffmann (2013), Dwyer e Kim (2003) elaboraram um modelo que contém inúmeras variáveis que foram inicialmente identificadas por Crouch e Ritchie (1999). Por sua vez, como ressaltado por Zehrer e Hallmann (2015), o modelo de Ritchie e Crouch (2003) baseia-se no modelo de diamante de Porter (1993), contudo, adaptado à indústria do turismo. Como ressaltam Vieira e Hoffmann (2013), Porter (1993), bem como Esser *et al.* (1994) são modelos que não foram desenvolvidos para analisar a competitividade especificamente de destinos turísticos, mas sim, que possuem o objetivo de analisar produtos mais convencionais, como aqueles que se relacionam com a manufatura.

Referências

BUHALIS, Dimitrios. Marketing the competitive destination of the future. **Tourism management**, v. 21, n. 1, p. 97-116, 2000.

CASTRILLÓN, Isabel Diéguez; CANTO, Ana Gueimonde; CANTORNA, Ana Sinde; CERRADELO, Lidia Blanco. Análisis de los principales modelos explicativos de la competitividad de los destinos turísticos en el marco de la sustentabilidad. **Revista Cultura e Turismo**, v. 5, n. 2, p. 101-124, 2011.

COSTA, Helena Araújo; HOFFMANN, Valmir Emil. Competitividade de destinações turísticas: elementos e indicadores aplicados no estudo da administração turística de Balneário Camboriú - SC - Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 17, n. 2, p. 113-134, 2006. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v17i2p135-154

CROUCH, Geoffrey Ian; RITCHIE, Brent. Tourism, competitiveness and societal prosperity. **Journal of Business Research**, v. 44. n. 3, p. 137-152, 1999. DOI: 10.1016/S0148-2963(97)00196-3

DWYER, Larry; KIM, Chulwon. Destination competitiveness: determinants and indicators. **Current Issues in Tourism**, v. 6, n. 5, p. 369-414, 2003. DOI: 10.1080/13683500308667962

ENRIGHT, Michael; NEWTON, James. Determinants of tourism destination competitiveness in Asia Pacific: comprehensiveness and universality. **Journal of Travel Research**, v. 43, n. 4, p. 339-350, 2005. DOI: 10.1177/0047287505274647

ENRIGHT, Michael; NEWTON, James. Tourism destination competitiveness: a quantitative approach. **Tourism Management**, v. 25, n. 6, p. 777-788, 2004. DOI: 10.1016/j.tourman.2004.06.008

ESSER, Klaus; HILLEBRAND, Wolfgang; MESSNER, Dirk; MYER-STAMER, Jorg. **Competitividad sistémica: competitividad internacional de las empresas y políticas requeridas**. 1. ed. Berlim: Instituto Alemán de Desarrollo, 1994.

GOFFI, Gianluca. **Determinants of tourism destination competitiveness: a theoretical model and empirical evidence**. 2012. 177 f. Tese (Doutorado em Economia Empresarial) – Università politecnica delle marche -UNIVPM, Ancova, 2012.

GOMEZELJ, Doris Omerzel; MIHALIC, Tanja. Destination competitiveness - applying different models: the case of Slovenia. **Tourism Management**, v. 29, n. 2, p. 294-307, 2008. DOI: 10.1016/j.tourman.2007.03.009

GOOROOCHURN, Nishaal; SUGIYARTO, Guntur. Competitiveness indicators in the travel and tourism industry. **Tourism Economics**, v. 11, n. 1, p. 25-43, 2005. DOI: 10.5367/0000000053297130

HOFFMANN, Valmir Emil; OLIVEIRA, Bruna Paixão; BROCCHI, Jaqueline Thomazine. Instituições de suporte ao turismo nos destinos de Alto Paraíso e Pirenópolis: uma análise sob a perspectiva das redes interorganizacionais. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 1, p. 74-94, 2016. DOI: 10.18472/cvt.16n1.2016.1015

HONG, Samuelson Wei-Chiang. **Competitiveness in the tourism sector: a comprehensive approach from economic and management points**. 1. ed. Heidelberg: Physica-Verlag, 2008.

HONG, Wei-Chiang. Global competitiveness measurement for the tourism sector. **Current Issues in Tourism**, v. 12, n. 2, p. 105-132, 2009. DOI: 10.1080/13683500802596359

HUDSON, Simon; RITCHIE, Brent; TIMUR, Seldjan. Measuring destination competitiveness: an empirical study of Canadian ski-resorts. **Tourism and Hospitality Planning and Development**, v. 1, n. 1, p. 79-94, 2004. DOI: 10.1080/1479053042000187810

KOMPPULA, Raija. The role of individual entrepreneurs in the development of competitiveness for a rural tourism destination - a case study. **Tourism Management**, v. 40, n. 1, p. 361-371, 2014. DOI: 10.1016/j.tourman.2013.07.007

MAZANEC, Josef; WÖBER, Karl; ZINS, Andreas. Tourism destination competitiveness: from definition to explanation? **Journal of Travel Research**, v. 46, n. 1, p. 86-95, 2007. DOI: 10.1177/0047287507302389

MAZARO, Rosana Mara. Factores determinantes de competitividad para destinos turísticos en el marco de la sostenibilidad. **Observatório de Inovação do Turismo**, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2007.

MIKI, Adriana Fumi Chim; GANDARA, José Manoel Gonçalves; MUÑOZ, Diego Ramón Medina. O estado atual de pesquisas sobre competitividade turística no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 12, n. 2, p. 212-223, 2012.

OLIVEIRA, Leandro Santana; HOFFMANN, Valmir Emil; COSTA, Helena Araújo. Cooperação como fonte de competitividade: um estudo comparativo entre os destinos turísticos de Alto Paraíso e Pirenópolis (GO). In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA - 3Es, 6., 2013, Bento Gonçalves. **Anais...** Maringá: ANPAD, 2013.

PARRA-LÓPEZ, Eduardo; OREJA-RODRÍGUEZ, Juan Ramón. Evaluation of the competitiveness of tourist zones of an island destination: an application of a Many-Facet Rasch Model (MFRM). **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 3, n. 2, p. 114-121, 2014. DOI: 10.1016/j.jdmm.2013.12.007

PORTER, Michael. **Vantagem competitiva**: criando e sustentando um desempenho superior. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

RITCHIE, Brent; CROUCH, Geoffrey. Competitiveness in international tourism: a framework for understanding and analysis. In: CONGRESS OF ASSOCIATION INTERNATIONALE D'EXPERTS SCIENTIFIQUE DE TOURISME, 43., 1993, San Carlos de Bariloche. **Proceedings...** Gallen: Aiest, 1993.

RITCHIE, Brent; CROUCH, Geoffrey. The competitive destination: a sustainable tourism perspective. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 1-7, 2000. DOI: 10.1079/9780851996646.0000

RITCHIE, Jay Brent; CROUCH, Geoffrey. **The competitive destination**: a sustainable tourism perspective. 1. ed. Cambridge: Cabi, 2003.

SCOTT, Bruce; LODGE, George. **US competitiveness in the world economy**. 1. ed. Boston: Harvard University Press, 1985.

SCOTT, Noel; COOPER, Chris; BAGGIO, Rodolfo. Destination networks: four Australian cases. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n. 1, p. 169-188, 2008. DOI: 10.1016/j.annals.2007.07.004

TSAI, Fu-Sheng; HSIEH, Linda; FANG, Shih-Chieh; LIN, Julia Lin. The co-evolution of business incubation and national innovation systems in Taiwan. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 76, n. 5, p. 629-643, 2009. DOI: 10.1016/j.techfore.2008.08.009

VIEIRA, Daniel Pires; HOFFMANN, Valmir Emil. Competitividade e desenvolvimento: um estudo em destinos indutores do turismo brasileiro. **Revista Alcance - Eletrônica**, v. 20, n. 03, p. 400-416, 2013.

VIEIRA, Daniel Pires; HOFFMANN, Valmir Emil. Competitividade e desenvolvimento: um estudo em destinos indutores do turismo brasileiro. **Revista Alcance - Eletrônica**, v. 20, n. 03, p. 400-416, 2013.

WANG, Chun-Yang; HSU, Maxwell; SWANSON, Scott. Determinants of tourism destination competitiveness in china. **Journal of China Tourism Research**, v. 8, n. 1, p. 97-116, 2012. DOI: 10.1080/19388160.2012.648461

ZEHRER, Anita; HALLMANN, Kirstin. A stakeholder perspective on policy indicators of destination competitiveness. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 4, n. 2, p. 120-126, 2015. DOI: 10.1016/j.jdmm.2015.03.003

Capítulo 6

COMPARAÇÃO ENTRE OS MODELO DE CALGARY E MODELO INTEGRADO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

Como apontado ao longo do capítulo anterior, é possível identificar relações entre esses dois modelos – Ritchie e Crouch (2003) e Dwyer e Kim (2003). Como apontam Vieira e Hoffmann (2013), Dwyer e Kim (2003) elaboraram um modelo que contém inúmeras variáveis que foram inicialmente identificadas por Crouch e Ritchie (1999). Por sua vez, como ressaltado por Zehrer e Hallmann (2015), o modelo de Ritchie e Crouch (2003) baseia-se no modelo de diamante de Porter (1993), contudo, adaptado à indústria do turismo. Como ressaltam Vieira e Hoffmann (2013), Porter (1993), bem como Esser *et al.* (1994) são modelos que não foram desenvolvidos para analisar a competitividade especificamente de destinos turísticos, mas sim, que possuem o objetivo de analisar produtos mais convencionais, como aqueles que se relacionam com a manufatura.

O modelo de Dwyer e Kim (2003) é considerado mais completo que o modelo de Ritchie e Crouch (2003) (COSTA; HOFFMANN, 2006). O modelo de Dwyer e Kim (2003) é passível de análises prescritivas, enquanto o modelo de Ritchie e Crouch (2003) é essencialmente explicativo (RIVERO; CALDERA, 2004). Além disso, o modelo de Dwyer e Kim (2003) é mais claro ao estabelecer as relações entre as variáveis e ao propor indicadores que podem ser utilizados para determinar as variáveis do modelo (HOFFMANN; VIEIRA, 2012; OLIVEIRA, HOFFMANN, COSTA, 2013). Scott, Cooper e Baggio (2008) apontam que são três os temas componentes dos estudos acerca dos destinos turísticos: atores, recursos e relações. Ainda segundo Hoffmann, Oliveira e Brocchi (2016), pode-se somar a esses três temas as preocupações com o desempenho do destino. Os autores apontam que o trabalho de Dwyer e Kim (2003), além dos aspectos ressaltados por Scott, Cooper e Baggio (2008), acrescenta a noção do desempenho do destino como um produto resultante da interação de diversos atores.

Na visão de Vieira e Hoffmann (2013), o modelo de Dwyer e Kim (2003) conseguiu estabelecer uma relação mais clara entre as variáveis, quando comparado ao Ritchie e Crouch (2003), e propuseram um conjunto de possíveis indicadores para as variáveis estabelecidas no modelo, assim, avançaram em relação a uma das limitações do modelo de Ritchie e Crouch (2003). O modelo de Dwyer e Kim (2003) diferencia-se do modelo de Crouch e Ritchie (1999) pelo fato de reconhecer,

explicitamente, a demanda turística como um elemento influente no desempenho do destino (KOMPPULA, 2014; SANTOS; FERREIRA; COSTA, 2014). Ademais, o modelo de Dwyer e Kim (2003) aponta que o desempenho não deve ser visto como o objetivo final de uma política de desenvolvimento de destino, mas sim um objetivo intermediário na busca da prosperidade econômica regional ou nacional (KOMPPULA, 2014; SANTOS; FERREIRA; COSTA, 2014).

O Quadro 1 apresenta as diferenças entre os dois modelos em debate.

Quadro 1 – Diferenças entre o Modelo Integrado e o Modelo de Calgary

Modelo de Dwyer e Kim (2003) Modelo Integrado	Modelo de Ritchie e Crouch (2003) Modelo de Calgary
Recursos Herdados Recursos naturais Recursos Culturais / Patrimoniais Recursos criados Infraestrutura turística Eventos especiais Gama de atividades disponíveis Entretenimento Shopping	Recursos Principais e Atrativos Fisiografia e Clima Cultura e História Laços do Mercado Mix de Atividades Eventos especiais Entretenimento Superestrutura
Fatores e Recursos de Suporte Infraestrutura Geral Qualidade de serviço Acessibilidade do Destino Hospitalidade Laços do Mercado	Fatores e Recursos de Suporte A infraestrutura Acessibilidade Facilitando Recursos Hospitalidade Empreendimento
Gerenciamento de destino Organização de Gerenciamento de Destino Coordenação Provisão de informação Monitoramento e avaliação Gerenciamento de Marketing de Destino Planejamento de Políticas de Destino, Desenvolvimento Desenvolvimento de Recursos Humanos Gestão ambiental	Gerenciamento de destino Marketing Finanças e capital de risco Organização Desenvolvimento de Recursos Humanos Informação / Pesquisa Qualidade de serviço Gestão de visitantes Gerenciamento de Recursos
Condições Situacionais Localização do Destino Ambiente competitivo (micro) Capacidades das empresas Estratégias de empresas Estrutura da Indústria e Rivalidade da Empresa Ambiente global (macro) Político / legislação / regulatório Econômico Sócio cultural Tecnológica Segurança Competitividade de preços	Política de Destinos, Planejamento e Desenvolvimento Definição do sistema Filosofia Visão Auditoria Posicionamento Desenvolvimento Análise competitiva / colaborativa Monitorização e avaliação

Condições de demanda Preferências turísticas Consciência do destino Imagem de destino	Ambiente competitivo (micro)
	Ambiente global (macro)
	Determinantes de Qualificação e Amplificação Localização Interdependências Segurança Consciência / imagem / marca Custo / valor

Fonte: Goffi (2012, p. 29)

Observa-se que os modelos de Dwyer e Kim (2003) e Ritchie e Crouch (2003) falam que os destinos podem ser administrados e gerenciados e que as instituições de suporte representam uma das variáveis que interferem no desempenho do destino. Cumpre destacar que esses são os principais modelos utilizados para analisar o desempenho dos destinos (MIKI; GÂNDARA; MEDINA-MUÑOZ, 2012; PARRA-LÓPEZ; OREJA-RODRÍGUEZ, 2014). Contudo, assim como Brusco (1993) e Schmitz (1993), os autores também não analisaram de que maneira, em que medida e em qual intensidade isso acontece. Não foram identificados trabalhos que tenham analisado, de fato, o desempenho do destino como uma variável dependente e a presença, a atuação, os serviços fornecidos e a estrutura de relacionamentos das instituições de suporte como independente. A revisão acerca dos modelos colabora com o debate do livro. O objetivo foi apresentar os modelos mais utilizados na literatura. Contudo, cabe destacar que há diversos outros modelos apresentados na literatura com vistas a avaliar o desempenho dos destinos turísticos.

Referências

BUHALIS, Dimitrios. Marketing the competitive destination of the future. **Tourism management**, v. 21, n. 1, p. 97-116, 2000.

CASTRILLÓN, Isabel Diéguez; CANTO, Ana Gueimonde; CANTORNA, Ana Sinde; CERRADELO, Lidia Blanco. Análisis de los principales modelos explicativos de la competitividad de los destinos turísticos en el marco de la sustentabilidad. **Revista Cultura e Turismo**, v. 5, n. 2, p. 101-124, 2011.

COSTA, Helena Araújo; HOFFMANN, Valmir Emil. Competitividade de destinações turísticas: elementos e indicadores aplicados no estudo da administração turística de Balneário Camboriú - SC - Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 17, n. 2, p. 113-134, 2006. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v17i2p135-154

CROUCH, Geoffrey Ian; RITCHIE, Brent. Tourism, competitiveness and societal prosperity. **Journal of Business Research**, v. 44. n. 3, p. 137-152, 1999. DOI: 10.1016/S0148-2963(97)00196-3

DWYER, Larry; KIM, Chulwon. Destination competitiveness: determinants and indicators. **Current Issues in Tourism**, v. 6, n. 5, p. 369-414, 2003. DOI: 10.1080/13683500308667962

ENRIGHT, Michael; NEWTON, James. Determinants of tourism destination competitiveness in Asia Pacific: comprehensiveness and universality. **Journal of Travel Research**, v. 43, n. 4, p. 339-350, 2005. DOI: 10.1177/0047287505274647

ENRIGHT, Michael; NEWTON, James. Tourism destination competitiveness: a quantitative approach. **Tourism Management**, v. 25, n. 6, p. 777-788, 2004. DOI: 10.1016/j.tourman.2004.06.008

ESSER, Klaus; HILLEBRAND, Wolfgang; MESSNER, Dirk; MYER-STAMER, Jorg. **Competitividad sistémica: competitividad internacional de las empresas y políticas requeridas**. 1. ed. Berlim: Instituto Alemán de Desarrollo, 1994.

GOFFI, Gianluca. **Determinants of tourism destination competitiveness: a theoretical model and empirical evidence**. 2012. 177 f. Tese (Doutorado em Economia Empresarial) – Università politecnica delle marche -UNIVPM, Ancova, 2012.

GOMEZELJ, Doris Omerzel; MIHALIC, Tanja. Destination competitiveness - applying different models: the case of Slovenia. **Tourism Management**, v. 29, n. 2, p. 294-307, 2008. DOI: 10.1016/j.tourman.2007.03.009

GOOROOCHURN, Nishaal; SUGIYARTO, Guntur. Competitiveness indicators in the travel and tourism industry. **Tourism Economics**, v. 11, n. 1, p. 25-43, 2005. DOI: 10.5367/0000000053297130

HOFFMANN, Valmir Emil; OLIVEIRA, Bruna Paixão; BROCCHI, Jaqueline Thomazine. Instituições de suporte ao turismo nos destinos de Alto Paraíso e Pirenópolis: uma análise sob a perspectiva das redes interorganizacionais. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 1, p. 74-94, 2016. DOI: 10.18472/cvt.16n1.2016.1015

HONG, Samuelson Wei-Chiang. **Competitiveness in the tourism sector: a comprehensive approach from economic and management points**. 1. ed. Heidelberg: Physica-Verlag, 2008.

HONG, Wei-Chiang. Global competitiveness measurement for the tourism sector. **Current Issues in Tourism**, v. 12, n. 2, p. 105-132, 2009. DOI: 10.1080/13683500802596359

HUDSON, Simon; RITCHIE, Brent; TIMUR, Seldjan. Measuring destination competitiveness: an empirical study of Canadian ski-resorts. **Tourism and Hospitality Planning and Development**, v. 1, n. 1, p. 79-94, 2004. DOI: 10.1080/1479053042000187810

KOMPPULA, Raija. The role of individual entrepreneurs in the development of competitiveness for a rural tourism destination - a case study. **Tourism Management**, v. 40, n. 1, p. 361-371, 2014. DOI: 10.1016/j.tourman.2013.07.007

MAZANEC, Josef; WÖBER, Karl; ZINS, Andreas. Tourism destination competitiveness: from definition to explanation? **Journal of Travel Research**, v. 46, n. 1, p. 86-95, 2007. DOI: 10.1177/0047287507302389

MAZARO, Rosana Mara. Factores determinantes de competitividad para destinos turísticos en el marco de la sostenibilidad. **Observatório de Inovação do Turismo**, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2007.

MIKI, Adriana Fumi Chim; GANDARA, José Manoel Gonçalves; MUÑOZ, Diego Ramón Medina. O estado atual de pesquisas sobre competitividade turística no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 12, n. 2, p. 212-223, 2012.

OLIVEIRA, Leandro Santana; HOFFMANN, Valmir Emil; COSTA, Helena Araújo. Cooperação como fonte de competitividade: um estudo comparativo entre os destinos turísticos de Alto Paraíso e Pirenópolis (GO). In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA - 3Es, 6., 2013, Bento Gonçalves. **Anais...** Maringá: ANPAD, 2013.

PARRA-LÓPEZ, Eduardo; OREJA-RODRÍGUEZ, Juan Ramón. Evaluation of the competitiveness of tourist zones of an island destination: an application of a Many-Facet Rasch Model (MFRM). **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 3, n. 2, p. 114-121, 2014. DOI: 10.1016/j.jdmm.2013.12.007

PORTER, Michael. **Vantagem competitiva**: criando e sustentando um desempenho superior. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

RITCHIE, Brent; CROUCH, Geoffrey. Competitiveness in international tourism: a framework for understanding and analysis. In: CONGRESS OF ASSOCIATION INTERNATIONALE D'EXPERTS SCIENTIFIQUE DE TOURISME, 43., 1993, San Carlos de Bariloche. **Proceedings...** Gallen: Aiest, 1993.

RITCHIE, Brent; CROUCH, Geoffrey. The competitive destination: a sustainable tourism perspective. **Tourism Management**, v. 21, n. 1, p. 1-7, 2000. DOI: 10.1079/9780851996646.0000

RITCHIE, Jay Brent; CROUCH, Geoffrey. **The competitive destination**: a sustainable tourism perspective. 1. ed. Cambridge: Cabi, 2003.

SCOTT, Bruce; LODGE, George. **US competitiveness in the world economy**. 1. ed. Boston: Harvard University Press, 1985.

SCOTT, Noel; COOPER, Chris; BAGGIO, Rodolfo. Destination networks: four Australian cases. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n. 1, p. 169-188, 2008. DOI: 10.1016/j.annals.2007.07.004

TSAI, Fu-Sheng; HSIEH, Linda; FANG, Shih-Chieh; LIN, Julia Lin. The co-evolution of business incubation and national innovation systems in Taiwan. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 76, n. 5, p. 629-643, 2009. DOI: 10.1016/j.techfore.2008.08.009

VIEIRA, Daniel Pires; HOFFMANN, Valmir Emil. Competitividade e desenvolvimento: um estudo em destinos indutores do turismo brasileiro. **Revista Alcance - Eletrônica**, v. 20, n. 03, p. 400-416, 2013.

VIEIRA, Daniel Pires; HOFFMANN, Valmir Emil. Competitividade e desenvolvimento: um estudo em destinos indutores do turismo brasileiro. **Revista Alcance - Eletrônica**, v. 20, n. 03, p. 400-416, 2013.

WANG, Chun-Yang; HSU, Maxwell; SWANSON, Scott. Determinants of tourism destination competitiveness in china. **Journal of China Tourism Research**, v. 8, n. 1, p. 97-116, 2012. DOI: 10.1080/19388160.2012.648461

ZEHRER, Anita; HALLMANN, Kirstin. A stakeholder perspective on policy indicators of destination competitiveness. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 4, n. 2, p. 120-126, 2015. DOI: 10.1016/j.jdmm.2015.03.003

Capítulo 7

RELACIONAMENTOS INTERORGANIZACIONAIS NO DESTINO TURÍSTICO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

Há correntes que estudam o turismo a partir da visão dos destinos como produtos formados por agentes autônomos (MARINERO-RODRÍGUEZ; PULIDO-FERNÁNDEZ, 2016), e que guardam forte interdependência entre si (DENICOLAI; CIOC-CARELLI; ZUCHELLA, 2010). Assim, o destino pode ser visto como um produto formado pela atuação de diferentes atores. Ou seja, a percepção do destino como uma rede de relacionamentos interorganizacionais.

A análise de redes sociais (ARS), possibilita a descoberta acerca das estruturas articuladas entre os atores para se obter propriedades matemáticas para as relações de turismo (centralidade, intensidade, intermediação, etc.) (MERINERO-RODRÍGUEZ; PULIDO-FERNÁNDEZ, 2016). Merinero-Rodríguez e Pulido-Fernández (2016) citam algumas análises de rede realizadas por estudos que buscaram compreender os atores de um destino turístico: análise de centralidade, densidade de relações ou grau de intermediação (PAVLOVICH, 2003; PFORR, 2006); medidas de agrupamento, com indicadores como Análise de Subgrupos ou Cliques (LUTHE; WYSS; SCHUCKERT, 2012); medidas de equivalência estrutural (BAGGIO; SCOTT; COOPER, 2010; MCLEOD; VAUGHAN; EDWARDS, 2010); e construção e aplicação de algoritmos (BAGGIO, 2013). Com esse tipo de análise é possível identificar a posição, o poder, múltiplas relações nas quais as organizações estão incorporadas e os atores mais centrais e mais conectados, além de revelar os caminhos dentro da rede (SHEEHAN; RITCHIE, 2005; ZACH; RACHERLA, 2011).

Uma abordagem de rede pode ser utilizada para criar um desenho que represente as ligações entre os atores que formam um destino turístico (SHEEHAN; RITCHIE, 2005). A ARS entre os agentes de um destino turístico, aplicada tanto como plano de fundo teórico, como ferramenta, permitiria aos pesquisadores analisar as

variáveis estruturais (ZACH; RACHERLA, 2011). Nesse sentido, defende-se que há a necessidade de se mapear os relacionamentos entre os atores dos destinos turísticos.

Há estudos recentes (ATOUBA; SHUMATE 2010; BALESTRIN; VERSCHOORE; REYES JR., 2010; TURRINI *et al.*, 2010; MÜLLER-SEITZ, 2011; LEE; MONGE, 2011; KUNZLER; BULGACOV, 2011; POLETTI; DUARTE; MATA, 2011; LAI *et al.*, 2012; YAMANOI; CAO, 2014; YAN *et al.*, 2014; CARTER; ROGERS; CHOI, 2015) que ressaltam a importância dos relacionamentos interorganizacionais para que se obtenha vantagem competitiva. Ainda, estudos apontam que o inter-relacionamento pode trazer benefícios para todos os envolvidos (BORIN; FARRIS, 1990; ELLRAM, 1994; ELLRAM; SIFERD, 1998; COOPER; SLAGMULDER, 1999; FERRIN; PLANK, 2002; LALONDE, 2003).

Os relacionamentos organizacionais podem resultar em redes interorganizacionais. Para Podolny e Page (1998), a rede se caracteriza pelo emprego de atividades de diferentes atores que estabelecem relacionamento duradouro entre si e, ainda, buscam manter o relacionamento amigável, sem a necessidade de uma autoridade para dirimir possíveis conflitos que venham a ocorrer. Rede é uma série de relacionamentos – horizontais e verticais – entre diversas organizações da sociedade, incluindo atores públicos, privados e outras entidades (GULATI; NOHRIA; ZAHEER, 2000).

A esse respeito – direcionalidade horizontais e verticais –, cabem alguns comentários. Segundo Jarillo (1988), as organizações que formam uma rede, apesar de possuírem interdependência entre si, mantêm independência uma da outra. Caso as organizações possuíssem total dependência entre si para entregar o produto ao consumidor final, esses relacionamentos não se caracterizariam como uma rede, mas sim como uma verticalização total, ou seja, seria o relacionamento entre fornecedores e clientes (JARILLO, 1988).

Os relacionamentos verticais – não necessariamente cooperativos – dentro de uma rede podem ser benéficos para o desempenho de todos os envolvidos (THORELLI, 1986). Os relacionamentos horizontais proporcionam às organizações oportunidades de aprendizado, acesso a novas fontes de recursos (GNYAWALI; PARK, 2009), caracterizam-se como uma forma de se obter soluções para problemas compartilhados (VERSCHOORE; BALESTRIN, 2008) e, dentre outras vantagens, podem ser apontados como sendo benéficos para o desempenho das organizações (BAIARDI; LANIADO, 2000; LYDEKA; AMADOVICIUS, 2007; SANOU; LE ROY; GNYAWALI, 2016).

De fato, as organizações podem se juntar para resolver problemas comuns, como infraestrutura de acesso (KYLÄNEN; RUSKO, 2011), e integrar, de maneira mais eficiente, estratégias multiníveis dentro do destino (HAUGLAND; NESS; GRØNSETH;

AARSTAD, 2011), o que impacta no seu desempenho. Há trabalhos que buscaram analisar a estrutura das redes dos destinos turísticos (PAVLOVICH; 2003; PFORR, 2006; BAGGIO; SCOTT; COOPER, 2010; MCLEOD; VAUGHAN; EDWARDS, 2010; LUTHE; WYSS; SCHUCKERT, 2012). Entretanto, o desafio é compreender como as propriedades matemáticas identificadas influenciam o desempenho do destino turístico (MERINERO-RODRÍGUEZ; PULIDO-FERNÁNDEZ, 2016). De fato, há literatura que salienta a necessidade de mais trabalhos teóricos e empíricos que utilizem a ótica de redes sobre o tema turismo, e analisem as propriedades qualitativas e quantitativas das relações com vistas a explorar como as relações entre os agentes de um destino interferem no seu desempenho (PRESENZA; CIPOLLINA, 2010; HAUGLAND; NESS; GRØNSETH; AARSTAD, 2011; BAGGIO, 2013; HOFFMANN; CAMPOS, 2013; HOFFMANN; OLIVEIRA; BROCCHI, 2016; MERINERO-RODRÍGUEZ; PULIDO-FERNÁNDEZ, 2016).

Os relacionamentos interorganizacionais podem se caracterizar por diferentes estruturas e acontecer em diferentes tipos de aglomeração (lócus): *Joint Ventures* (ZENG; CHEN, 2003; BALESTRIN; VARGAS, 2004), acordos com fornecedores (ZENG; CHEN, 2003), parcerias para pesquisa e desenvolvimento (ZENG; CHEN, 2003), *Clusters* (PORTER, 1999), Distritos Industriais (BRUSCO, 1993; BALESTRIN; VARGAS, 2004), Arranjos Produtivos Locais (LASTRES; CASSIOLATO, 2005), Redes sociais e de cooperação (THORELLI, 1986; POWELL, 1990; GULATI, 1998; BALESTRIN; VARGAS, 2004), Polos de Crescimento (PERROUX, 1955 apud GARRIDO, 2001), relações de terceirização e subcontratação e consórcios (BALESTRIN; VARGAS, 2004); e, naturalmente, destinações ou produtos turísticos (BUULTJENS; WHITE; NEALE, 2012; MERINERO-RODRÍGUEZ; PULIDO-FERNÁNDEZ, 2016).

Referências

AGNDAL, Henrik; NILSSON, Ulf. Different Open Book Accounting practices for different purchasing strategies. **Management Accounting Research**, v. 21, n. 3, p. 147-166, 2010. DOI: 10.1016/j.mar.2010.04.001

AGNDAL, Henrik; NILSSON, Ulf. Interorganizational Cost Management in the exchange process. **Management Accounting Research**, v. 20, n. 2, p. 86-101, 2009. DOI: 10.1016/j.mar.2008.07.001

ALBERS, Sascha. The design of alliance governance systems. **Schmalenbach Business Review**, v. 62, n. 1, p. 204-233, 2010.

ANDERSON, Erin; WEITZ, Barton. The use of pledges to build and sustain commitment in distribution channels. **Journal Marketing Research**, v. 29, n. 1, p. 18-34, 1992.

- ANDERSON, Shannon; DEKKER, Henri. Strategic cost management in supply chains: structural cost management. **Accounting Horizons**, v. 23, n. 2, p. 201-220, 2009. DOI: 10.2308/acch.2009.23.2.201
- ATOUBA, Yannick; SHUMATE, Michelle. Interorganizational networking patterns among development organizations. **Journal of Communication**, v. 60, n. 2, p. 293-317, 2010. DOI: 10.1111/j.1460-2466.2010.01483.x
- BACHMANN, Reinhard; KNIGHTS, David; SYDOW, Jorg. Trust and control in organizational relations. **Organization Studies**, v. 22, n. 2, p. 337-365, 2001. DOI: 10.1177/0170840601222001
- BAIMAN, Stanley; RAJAN, Madhav. Incentive issues in inter-firm relationships. **Accounting, Organizations and Society**, v. 27, n. 3, p. 213-238, 2002. DOI: 10.1016/S0361-3682(00)00017-9
- BALESTRIN, Alsones; VARGAS, Lilia Maria. A dimensão estratégica das redes horizontais de PMEs: teorias e evidências. **Revista de Administração Contemporânea**, v. esp., p. 203-227, 2004. DOI: 10.1590/S1415-65552004000500011
- BANTHAM, John; CELUCH, Kevin; KASOUF, Chickery. A perspective of partnerships based on interdependence and dialectal theory. **Journal of Business Research**, v. 56, n. 1, p. 265-274, 2003. DOI: 10.1016/S0148-2963(02)00438-1
- BARNEY, Jay; HESTERLY, William. **Organizational economics**: understanding the relationship between organizations and economic analysis. 1. ed. London: Sage, 1996.
- BENGTSSON, Maria; KOCK, Sören. Cooperation and competition in relationships between competitors in business networks. **Journal of Business and Industrial Marketing**, v. 14, n. 3, p. 178-193, 1999. DOI: 10.1108/08858629910272184
- BENSAOU, Ben. Interorganizational cooperation: the role of information technology an empirical comparison of U.S. and Japanese supplier relations. **Information Systems Research**, v. 8, n. 2, p. 107-124, 1997. DOI: 10.1287/isre.8.2.107
- BERRY, Anthony; BROADBENT, Jane; OTLEY, David. **Management control**: theories, issues and performance. 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- BOAVENTURA, João Maurício Gama. **Rede de negócios**: tópicos em estratégia. 1. ed. São Paulo: Saint Paul, 2006.
- BORIN, Norm; FARRIS, Paul. An empirical comparison of direct product profit and existing measures of SKU productivity. **Journal of Retailing**, v. 66, n. 3, p. 297-314, 1990.

- BRASS, Daniel; GALASKIEWICZ, Joseph; GREVE, Henrich; TSAI, Wenpin. Taking stock of networks and organizations: a multilevel perspective. **Academy of Management Journal**, v. 47, n. 6, p. 795-817, 2004. DOI: 10.2307/20159624
- BRUSCO, Sidney. Pequeñas empresas y prestación de servicios reales. In: PYKE, Filip; SERGENBERGER, Wiber (org.). **Los DI y las PYMEs: Di y regeneración económica local**. Madrid: MSSS, 1993.
- BUULTJENS, Jeremy; WHITE, Nadine; NEALE, Kate. Collaborative destination management planning: a case study of Byron Bay, Australia. **Journal of Travel and Tourism Research**, v. esp., p. 18-33, 2012.
- CAGLIO, Ariela; DITILLO, Angelo. A review and discussion of management control in inter-firm relationships: achievements and future directions. **Accounting, Organization and Society**, v. 33, n. 1, p. 868-898, 2008. DOI: 10.1016/j.aos.2008.08.001
- CARR, Chris; NG, Julia. Total cost control: nissan and its U.K. supplier partnerships. **Management Accounting Research**, v. 6, n. 4, p. 347-365, 1995. DOI: 10.1006/mare.1995.1025
- CARTER, Craig; ROGERS, Dale; CHOI, Thomas. Toward the theory of the supply chain. **Journal of Supply Chain Management**, v. 51, n. 2, p. 1-25, 2015. DOI: 10.1111/jscm.12073
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAO, Yu-Chieh. Decision-making biases in the alliance life cycle: implications for alliance failure. **Management Decision**, v. 49, n. 3, p. 350-364, 2011. DOI: 10.1108/00251741111120743
- CHRISTEL, Lane; BACHMANN, Reinhard. **Trust within and between organizations: conceptual issues and empirical applications**. 1. ed. London: Oxford University Press, 1998.
- CHRISTOPHER, Martin. **Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos: criando redes que agregam valor**. 2. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- CHRISTOPHER, Martin. The agile supply chain: competing in volatile markets. **Industrial Marketing Management**, v. 29, n. 1, p. 37-44, 2000. DOI: 10.1016/S0019-8501(99)00110-8
- CHU, Suh-Yueh; FANG, Wen-Chang. Exploring the relationships of trust and commitment in supply chain management. **The Journal of American Academy of Business**, v. 9, n. 1, p. 224-228, 2006.
- COKINS, Gary. Why is traditional accounting failing managers? **Hospital Material Management Quarterly**, v. 20, n. 2, p. 72-80, 1998.

COOPER, Robin; SLAGMULDER, Regine. Interorganizational cost management and relational context. **Accounting, Organizations and Society**, v. 29, n. 1, p. 1-26, 2004. DOI: 10.1016/S0361-3682(03)00020-5

COOPER, Robin; SLAGMULDER, Regine. Interorganizational costing - Part 1. **Cost Management**, v. 17, n. 5, p. 14-21, 2003.

COOPER, Robin; SLAGMULDER, Regine. **Supply chain development for the lean enterprise: interorganizational cost management**. 1. ed. New Jersey: The IMA Foundation for Applied Research, 1999.

DYER, Jeffrey; SINGH, Harbir. The relational view: cooperative strategy and sources of interorganizational competitive advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 4, p. 660-679, 1998. DOI: 10.5465/AMR.1998.1255632

ELLRAM, Lisa. A taxonomy of total cost of ownership models. **Journal of Business Logistics**, v. 15, n. 1, p. 171-191, 1994.

FERRIN, Bruce; PLANK, Richard. Total cost of ownership models: an exploratory study. **Journal of Supply Chain Management**, v. 38, n. 3, p. 18-29, 2002. DOI: 10.1111/j.1745-493X.2002.tb00132.x

GRANDORI, Anna; SODA, Giuseppe. Inter-firm Networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organization Studies**, v. 16, n. 2, p. 183-214, 1995. DOI: 10.1177/017084069501600201

GULATI, Ranjay. Network location and learning: the influence of network resources and firm capabilities on alliance formation. **Strategic Management Journal**, v. 20, n. 5, p. 397-425, 1998. DOI: 10.1002/(SICI)1097-0266(199905)20:5<397::AID-SMJ35>3.0.CO;2-K

HAKANSSON, Håkan; SNEHOTA, Ivan. No business is an island: the network concept of business strategy. **Scandinavian Journal of Management**, v. 5, n. 3, p. 187-200, 1989. DOI: 10.1016/0956-5221(89)90026-2

HERGET, Michael; MORRIS, Deigan. Accounting data for value chain analysis. **Strategic Management Journal**, v. 10, n. 2, p. 175-188, 1989. DOI: 10.1002/smj.4250100207

HIMME, Alexander. Critical success factors of strategic cost reduction - results from an empirical survey of German cost reduction projects. **Journal of Management Control**, v. 23, n. 3, p. 183-210, 2012.

JARILLO, Carlos. On strategic networks. **Strategic Management Journal**, v. 9, n. 1, p. 31-41, 1988. DOI: 10.1002/smj.4250090104

JARILLO, Carlos. **Strategic networks**: creating the borderless organization. 1. ed. London: Heinemann, 1993.

KAPLAN, Robert; ANDERSON, Steven. Time-driven activity-based costing. **Harvard Business Review**, v. 82, n. 11, p. 131-138, 2004. DOI: 10.2139/ssrn.485443

KULMALA, Harri. Open-Book Accounting in networks. **Finnish Journal of Business Economics**, v. 52, n. 2, p. 157-177, 2002.

KULMALA, Harri; PARANKO, Jari; UUSI-RAUVA, Erkki. The role of cost management in network relationships. **International Journal of Production Economics**, v. 79, n. 1, p. 33-43, 2002. DOI: 10.1016/S0925-5273(00)00061-X

KUMRA, Rajeev; AGNDAL, Henrik; NILSSON, Ulf. Open book practices in buyer-supplier relationships in India. **Journal of Business & Industrial Marketing**, v. 27, n. 3, p. 196-210, 2012. DOI: 10.1108/08858621211207225

KUNZLER, Mali; BULGACOV, Sergio. As estratégias competitivas e colaborativas e os resultados individuais e coletivos no associativismo rural em Quatro Pontes-PR. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 5, p. 1363-1393, 2011.

LAI, Fujun; ZHANG, Min; LEE, Denis; ZHAO, Xiande. The impact of supply chain integration on mass customization capability: an extended resource-based view. **Engineering Management**, v. 59, n. 3, p. 443-456, 2012. DOI: 10.1109/TEM.2012.2189009

LALONDE, Bernard. Three problems that linger. **Supply Chain Management Review**, v. 7, n. 2, p. 7-8, 2003.

LAMMING, Richard. Beyond partnership, strategies for innovation and lean supply. **R&D Management**, v. 25, n. 4, p. 425-426, 1993. DOI: 10.1111/j.1467-9310.1995.tb01353.x

LAMMING, Richard. Squaring lean supply with supply chain management. **International Journal of Operations and Production Management**, v. 16, n. 2, p. 183-196, 1996. DOI: 10.1108/01443579610109910

LEE, Sangjae; LIM, Gun Gyoo. The impact of partnership attributes on EDI implementation success. **Information Management**, v. 41, n. 2, p. 135-148, 2003. DOI: 10.1016/S0378-7206(03)00043-0

LEJEUNE, Miguel; YAKOVA, Nevena. On characterizing the 4 C's in supply chain management. **Journal of Operations Management**, v. 23, n. 1, p. 81-100, 2005. DOI: 10.1016/j.jom.2004.09.004

LEWIS, Jordan. **Alianças estratégicas**: estruturando e administrando parceiras para o aumento da lucratividade. 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1992.

LYDEKA, Zigmas; ADOMAVIČIUS, Benas. Cooperation among the competitors in international cargo transportation sector: key factors to success. **Engineering Economics**, v. 51, n. 1, p. 80-90, 2007.

MCHUG, Marie; HUMPHREYS, Paul; MCIVOR, Ronan. Buyer supplier relationships and organizational health. **The Journal of Supply Chain Management**, v. 39, n. 1, p. 15-25, 2003. DOI: 10.1111/j.1745-493X.2003.tb00151.x

MCIVOR, Ronan. Lean supply: the design and cost reduction dimensions. **European Journal of Purchasing and Supply Management**, v. 7, n. 4, p. 227-242, 2001. DOI: 10.1016/S0969-7012(01)00004-1

MELLAT-PARAST, Mahour; DIGMAN, Lester. Learning: the interface of quality management and strategic alliances. **International Journal of Production Economics**, v. 114, n. 2, p. 820-829, 2008. DOI: 10.1016/j.ijpe.2008.04.003

MELLAT-PARAST, Mahour; DIGMAN, Lester. Learning: the interface of quality management and strategic alliances. **International Journal of Production Economics**, v. 114, n. 2, p. 820-829, 2008. DOI: 10.1016/j.ijpe.2008.04.003

MESSNER, Durk, MEYER-STAMER, Jörg. **Governance and networks**: tools to study the dynamics of clusters and global value chains. 1. ed. Disburg: INEF, 2000.

MOURITSEN, Jan; THRANE, Sof. Accounting, network complementarities and the development of inter-organisational relations. **Accounting, Organizations and Society**, v. 31, n. 3, p. 241-275, 2006. DOI: 10.1016/j.aos.2005.04.002

OLIVER, Christine. Determinants of interorganizational relationships: integration and future directions. **Academy of Management Review**, v. 15, n. 2, p. 241-265, 1990. DOI: 10.5465/AMR.1990.4308156

PARKHE, Arvind. Strategic alliance structuring: a game theoretic and transaction cost examination of interfirm cooperation. **Academy of Management Journal**, v. 36, n. 4, p. 794-829, 1993. DOI: 10.2307/256759

PODOLNY, Joel Marc; PAGE, Karen. Network forms of organization. **Annual Review of Sociology**, v. 24, n. 1, p. 57-76, 1998. DOI: 10.1146/annurev.soc.24.1.57

POLETTI, Carlos; DUARTE, Maria; MATA, Wilson. Gestão compartilhada de P&D: o caso da Petrobras e a UFRN. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 4, p. 1095-1117, 2011.

PORTER, Michael. Clusters e competitividade. **HSM Management**, v. 3, n.15, p. 100-110, 1999.

PORTER, Michael. **Vantagem competitiva**: criando e sustentando um desempenho superior. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

THORELLI, Hans. Networks: between markets and hierarchies. **Strategic Management Journal**, v. 7, n. 1, p. 37-51, 1986. DOI: 10.1002/smj.4250070105.

TURRINI Alex; CRISTOFOLI, Daniela; FROSINI, Francesca; NASI, Greta. Networking literature about determinants of network effectiveness. **Public Administration**, v. 88, n. 2, p. 528-550, 2010. DOI: 10.1111/j.1467-9299.2009.01791.x

VERSCHOORE, Jorge Renato; BALESTRIN, Alsones. Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação entre empresas do Rio Grande do Sul. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 4, p. 1043-1069, 2008.

WEGNER, Douglas; PADULA, Antonio Domingos. Governance and management of horizontal business networks: an analysis of retail networks in Germany. **International Journal of Business & Management**, v. 5, n. 12, p. 74-88, 2010.

YAMANOI, Junichi; CAO, Qing. Competition and termination of the alliances between asymmetric partners: the case of Japanese department stores. **Asia Pacific Journal of Management**, v. 31, n. 4, p. 949-971, 2014.

YAN, Aimin; GRAY, Barbara. Bargaining power, management control, and performance in United States-China joint ventures: a comparative case study. **Academy of Management Journal**, v. 37, n. 6, p. 1478-1517, 1994. DOI: 10.2307/256796

YAN, Tingting; CHOI, Thomas; KIM, Yusoon; YANG, Sophie. A theory of the nexus supplier: a critical supplier from a network perspective. **Journal of Supply Chain Management**, v. 51, n. 1, p. 1-37, 2014. DOI: 10.1111/jscm.12070

Capítulo 8

CARACTERÍSTICAS PRESENTES NOS RELACIONAMENTOS ENTRE AS ORGANIZAÇÕES

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

Este capítulo apresenta as características que estão presentes nos relacionamentos entre as organizações, conforme Farias (2016).

Quadro 1 – Características presentes nos relacionamentos interorganizacionais

Aspectos Observados	Autores
As organizações tendem a agir colaborativamente com aquelas que possuem objetivos semelhantes aos seus	Porter (1989), Oliver (1990), Jarillo (1993), Parkhe (1993), Yan e Gray (1994), Doz (1996), Bensaou (1997), Ebers (1997), Dyer e Singh (1998), Castells (1999), Cooper e Slagmulder (1999), Gulati, Nohria e Zaheer (2000), Whipple e Frankel (2006), Das e Teng (2001), Kulmala, Paranko e Uusi-Rauva (2002), Dubois (2003), Brass et al. (2004), Christopher (2007), Krause, Handfield e Tyler (2007), Cropper et al. (2008), Gianiasella, Souza e Almeida (2008), Souza e Rocha (2009) e Oliveira e Leite (2010)
As organizações devem vislumbrar benefícios para as partes envolvidas, caso contrário, o inter-relacionamento tende a sucumbir	Cooper e Slagmulder (1999), Dekker (2003), Kajüter e Kulmala (2005), Agndal e Nilsson (2008), Souza e Rocha (2009) e Kumra, Agndal e Nilsson (2012)
A interdependência entre as organizações, para atingir objetivos que não conseguiriam isoladamente, é um fator que favorece e incentiva o inter-relacionamento entre fornecedores e clientes	Herget, Morris (1989), O'keeffe (1998), Cooper e Slagmulder (1999), Hansen e Mowen (2001), Tomkins (2001), Bantham, Celuch e Kasouf (2003), Cooper e Slagmulder (2003), Dekker (2003, 2004), Berry, Broadbent e Otley (2005), Kajüter e Kulmala (2005), Lejeune e Yakova (2005), Boaventura (2006), Agndal e Nilsson (2008), Souza e Rocha (2009) e Chen (2010)
A escolha por formar parcerias deve estar acompanhada da aceitação em compartilhar informações com as organizações parceiras	Munday (1992), Carr e Ng (1995), Stuart et al. (1998), Cooper e Slagmulder (1999), Seal et al. (1999), Christopher (2000), Tomkins (2001), Baiman e Rajan (2002), Dekker (2003), Kajüter e Kulmala (2005), Coad e Cullen (2006), Hoffjan e Kruse (2006), Agndal e Nilsson (2009, 2010) e Van Den Abbeele, Roodhofs e Warlop (2009)
A construção de relacionamentos interorganizacionais requer planejamento e ações voltadas para o longo prazo	Ellram (1996), Cooper e Slagmulder (1999), Boddy, Macbeth e Wagner (2000), Mchug, Humphreys e Mcivor (2003), Kulmala (2004), Kajüter e Kulmala (2005), Paulraj, Lado e Chen (2008), Anderson e Dekker (2009), Souza e Rocha (2009), Agndal e Nilsson (2010) e Kumra, Agndal e Nilsson (2012)

Uma vez formalizada a estrutura dos relacionamentos, a regulação da confiança entre as organizações é um fator que interfere no sucesso e continuidade da relação, sendo um princípio básico de sustentação em longo prazo	Hakansson, Kjellberg e Lundgren (1992), Das e Teng (2001), Cooper e Slagmulder (1999), Bachmann, Knights e Sydow (2001), Hoffmann e Schollosser (2001), Fryxell, Dooley e Vryza (2002), Dyer e Chu (2003), Sahay (2003), Kajüter e Kulmala (2005), Chu e Fang (2006), Mellat-Parast e Digman (2008), Parast e Digman (2008), Souza e Rocha (2009) e Castro, Bulgacov e Hoffmann (2011)
Além da confiança, outros elementos são apontados como fundamentais para o sucesso da GCI, entre eles: a estabilidade das relações	Oliver (1990), Anderson e Weitz (1992), Morgan e Hunt (1994), Cooper e Slagmulder (1999, 2004), Kajüter e Kulmala (2005), Coad e Cullen (2006), Franco (2007), Souza e Rocha (2009) e Chao (2011)
A cooperação entre as organizações	Munday (1992), Lamming (1993), Inkpen e Crossan (1995), Cooper e Slagmulder (1999), Barringer e Harrison (2000), Kulmala (2002), Albers (2010), Kajüter e Kulmala (2005), Mouritsen e Thrane (2006), Caglio e Ditillo (2008), Agndal e Nilsson (2009), Souza e Rocha (2009) e Kim et al. (2010)
O desenvolvimento dos processos	Simmonds (1981), Cooper e Slagmulder (1999), Mouritsen, Hansen e Hansen (2001), Dubois (2003), Lee e Lim (2003), Hakansson e Lind (2004), Kajüter e Kulmala (2005), Mouritsen e Thrane (2006), Schiff e Schiff (2008), Souza e Rocha (2009), Osarenkhoe (2010), Chao (2011), Alves, Pereira e Klein (2013) e Larentis et al. (2013)
O conhecimento especializado acerca do tema	Lalonde e Pohlen (1996), Cokins (1998), Dyer e Singh (1998), Cooper e Slagmulder (1999), Cullen et al. (1999), Nicolini et al. (2000), Ellram (2002), Kulmala, Paranko e Uusi-Rauva (2002), Ramos (2004), Seal, Berry e Cullen (2004), Thomson, Gurowka (2005), Dyer e Hatch (2006) e Himme (2012)
Uma vez que os resultados dos relacionamentos interorganizacionais surgem, as organizações analisam o custo-benefício em se manter ou não na relação	Oliver (1990), Christel e Bachmann (1998), Cooper e Slagmulder (1999), Dekker (2003), Kajüter e Kulmala (2005) e Scott (2008)
As organizações analisam se os mecanismos de divisão dos resultados são justos	Jarillo (1988), Carr e Ng (1995), Seal et al. (1999), Dekker (2003), Cooper e Slagmulder (2004), Dekker (2004), Kajüter e Kulmala (2005) e Souza e Rocha (2009)
Observa-se que a complexidade gerencial interfere negativamente no custo-benefício da relação, fato que deve ser evitado pelas organizações	Cooper e Yoshikawa (1994), Cokins (1998), Ellram e Siferd (1998), Messner e Meyer-Stamer (2000), Park e Ungson (2001), Hallikas, Virolainen e Tuominen (2002), Kaplan e Anderson (2004), Kleindorfer e Saad (2005) e Caglio e Ditillo (2008)
Os conflitos são naturais nas relações interorganizacionais, entretanto, quando se tornam constantes e não são resolvidos, podem levar ao término do relacionamento	Barney e Hesterly (1996), Lamming (1996), Bengtsson e Kock (1999), Cox (1999), Messner e Meyer-Stamer (2000), Mcivor (2001), Cooper e Slagmulder (2003), Lamming, Caldwell e Harrison (2004), Coad e Cullen (2006), Hoffjan e Kruse (2006), Gosling e Huang (2009) e Chao (2011)
A incapacidade de atingir os objetivos estipulados pelas relações pode levar ao seu término	Jarillo (1988), Lewis (1992), Oxley (1997), Park e Ungson (2001), Rodrigues e Sellitto (2007) e Wegner e Padula (2010)

Fonte: Adaptado de Farias (2016, p. 54)

Independentemente das características das redes, alguns pressupostos são entendidos como comuns a elas: interdependência entre os participantes da rede, seja referente às transações, seja para os processos produtivos (THORELLI, 1986; POWELL, 1990; GRANDORI; SODA, 1995); relacionamentos estáveis (OLIVER, 1990); deve haver confiança entre as partes (HOFFMANN; MOLINA-MORALES;

MARTINEZ-FERNÁNDEZ, 2007); cooperação entre os membros (HOFFMANN; MOLINA-MORALES; MARTINEZ-FERNÁNDEZ, 2007); ganhos mútuos (OLIVER, 1990; POWELL, 1990); troca de conhecimentos e aprendizagem organizacional (HOFFMANN; MOLINA-MORALES; MARTINEZ-FERNÁNDEZ, 2007); e relacionamentos contínuos e de longo prazo (HAKANSSON; SNEHOTA, 2006).

Referências

AGNDAL, Henrik; NILSSON, Ulf. Different Open Book Accounting practices for different purchasing strategies. **Management Accounting Research**, v. 21, n. 3, p. 147-166, 2010. DOI: 10.1016/j.mar.2010.04.001

AGNDAL, Henrik; NILSSON, Ulf. Interorganizational Cost Management in the exchange process. **Management Accounting Research**, v. 20, n. 2, p. 86-101, 2009. DOI: 10.1016/j.mar.2008.07.001

ALBERS, Sascha. The design of alliance governance systems. **Schmalenbach Business Review**, v. 62, n. 1, p. 204-233, 2010.

ALVES, Juliano Nunes; PEREIRA, Breno Augusto Diniz; KLEIN, Leander Luiz. Avanços e tendências nos relacionamentos interorganizacionais: um paralelo entre estudos brasileiros e internacionais. **Revista de Gestão da USP**, v. 20, n. 1, p. 3-20, 2013. DOI: 10.5700/rege484

ANDERSON, Erin; WEITZ, Barton. The use of pledges to build and sustain commitment in distribution channels. **Journal Marketing Research**, v. 29, n. 1, p. 18-34, 1992.

ANDERSON, Shannon; DEKKER, Henri. Strategic cost management in supply chains: structural cost management. **Accounting Horizons**, v. 23, n. 2, p. 201-220, 2009. DOI: 10.2308/acch.2009.23.2.201

ATOUBA, Yannick; SHUMATE, Michelle. Interorganizational networking patterns among development organizations. **Journal of Communication**, v. 60, n. 2, p. 293-317, 2010. DOI: 10.1111/j.1460-2466.2010.01483.x

BACHMANN, Reinhard; KNIGHTS, David; SYDOW, Jorg. Trust and control in organizational relations. **Organization Studies**, v. 22, n. 2, p. 337-365, 2001. DOI: 10.1177/0170840601222001

BAIARDI, Amilcar; LANIADO, Ruthy Nadia. Entre a competição e a cooperação: valores e atitudes empresariais na perspectiva de uma atuação sistêmica. **Organizações & Sociedade**, v. 7, n. 19, p. 67-80, 2000. DOI: 10.1590/S1984-92302000000300005

BAIMAN, Stanley; RAJAN, Madhav. Incentive issues in inter-firm relationships. **Accounting, Organizations and Society**, v. 27, n. 3, p. 213-238, 2002. DOI: 10.1016/S0361-3682(00)00017-9

- BALESTRIN, Alsones; VARGAS, Lilia Maria. A dimensão estratégica das redes horizontais de PMEs: teorizações e evidências. **Revista de Administração Contemporânea**, v. esp., p. 203-227, 2004. DOI: 10.1590/S1415-65552004000500011
- BANTHAM, John; CELUCH, Kevin; KASOUF, Chickery. A perspective of partnerships based on interdependence and dialectal theory. **Journal of Business Research**, v. 56, n. 1, p. 265-274, 2003. DOI: 10.1016/S0148-2963(02)00438-1
- BARNEY, Jay; HESTERLY, William. **Organizational economics**: understanding the relationship between organizations and economic analysis. 1. ed. London: Sage, 1996.
- BARRINGER, Bruce; HARRISON, Jeffrey. Walking a tightrope: creating value through interorganizational relationships. **Journal of Management**, v. 26, n. 3, p. 367-403, 2000. DOI: 10.1177/014920630002600302
- BENGTSSON, Maria; KOCK, Sören. Cooperation and competition in relationships between competitors in business networks. **Journal of Business and Industrial Marketing**, v. 14, n. 3, p. 178-193, 1999. DOI: 10.1108/08858629910272184
- BENSAOU, Ben. Interorganizational cooperation: the role of information technology an empirical comparison of U.S. and Japanese supplier relations. **Information Systems Research**, v. 8, n. 2, p. 107-124, 1997. DOI: 10.1287/isre.8.2.107
- BERRY, Anthony; BROADBENT, Jane; OTLEY, David. **Management control**: theories, issues and performance. 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- BOAVENTURA, João Maurício Gama. **Rede de negócios**: tópicos em estratégia. 1. ed. São Paulo: Saint Paul, 2006.
- BODDY, David; MACBETH, Douglas; WAGNER, Beverly. Implementing collaboration between organizations: an empirical study of supply chain partnering. **Journal of Management Studies**, v. 37, n. 7, p. 1003-1017, 2000. DOI: 10.1111/1467-6486.00214
- BORIN, Norm; FARRIS, Paul. An empirical comparison of direct product profit and existing measures of SKU productivity. **Journal of Retailing**, v. 66, n. 3, p. 297-314, 1990.
- BRASS, Daniel; GALASKIEWICZ, Joseph; GREVE, Henrich; TSAI, Wenpin. Taking stock of networks and organizations: a multilevel perspective. **Academy of Management Journal**, v. 47, n. 6, p. 795-817, 2004. DOI: 10.2307/20159624
- BRUSCO, Sidney. Pequeñas empresas y prestación de servicios reales. In: PYKE, Filip; SERGENBERGER, Wiber (org.). **Los DI y las PYMEs**: Di y regeneración económica local. Madrid: MSSS, 1993.

BUULTJENS, Jeremy; WHITE, Nadine; NEALE, Kate. Collaborative destination management planning: a case study of Byron Bay, Australia. **Journal of Travel and Tourism Research**, v. esp., p. 18-33, 2012.

CAGLIO, Ariela; DITILLO, Angelo. A review and discussion of management control in inter-firm relationships: achievements and future directions. **Accounting, Organization and Society**, v. 33, n. 1, p. 868-898, 2008. DOI: 10.1016/j.aos.2008.08.001

CARR, Chris; NG, Julia. Total cost control: nissan and its U.K. supplier partnerships. **Management Accounting Research**, v. 6, n. 4, p. 347-365, 1995. DOI: 10.1006/mare.1995.1025

CARTER, Craig; ROGERS, Dale; CHOI, Thomas. Toward the theory of the supply chain. **Journal of Supply Chain Management**, v. 51, n. 2, p. 1-25, 2015. DOI: 10.1111/jscm.12073

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Marcos; BULGACOV, Sergio; HOFFMANN, Valmir Emil. Relacionamentos interorganizacionais e resultados: estudo em uma rede de cooperação horizontal da região central do Paraná. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 1, p. 25-46, 2011. DOI: 10.1590/S1415-65552011000100003

CHAO, Yu-Chieh. Decision-making biases in the alliance life cycle: implications for alliance failure. **Management Decision**, v. 49, n. 3, p. 350-364, 2011. DOI: 10.1108/00251741111120743

CHRISTEL, Lane; BACHMANN, Reinhard. **Trust within and between organizations: conceptual issues and empirical applications**. 1. ed. London: Oxford University Press, 1998.

CHRISTOPHER, Martin. **Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos: criando redes que agregam valor**. 2. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

CHRISTOPHER, Martin. The agile supply chain: competing in volatile markets. **Industrial Marketing Management**, v. 29, n. 1, p. 37-44, 2000. DOI: 10.1016/S0019-8501(99)00110-8

CHU, Suh-Yueh; FANG, Wen-Chang. Exploring the relationships of trust and commitment in supply chain management. **The Journal of American Academy of Business**, v. 9, n. 1, p. 224-228, 2006.

COKINS, Gary. Why is traditional accounting failing managers? **Hospital Material Management Quarterly**, v. 20, n. 2, p. 72-80, 1998.

COOPER, Robin; SLAGMULDER, Regine. Interorganizational cost management and relational context. **Accounting, Organizations and Society**, v. 29, n. 1, p. 1-26, 2004. DOI: 10.1016/S0361-3682(03)00020-5

COOPER, Robin; SLAGMULDER, Regine. Interorganizational costing - Part 1. **Cost Management**, v. 17, n. 5, p. 14-21, 2003.

COOPER, Robin; SLAGMULDER, Regine. **Supply chain development for the lean enterprise**: interorganizational cost management. 1. ed. New Jersey: The IMA Foundation for Applied Research, 1999.

COX, Andrew. Power, value and supply chain management. **Supply Chain Management: An International Journal**, v. 4, n. 4, p. 167-175, 1999. DOI: 10.1108/13598549910284480

DYER, Jeffrey; SINGH, Harbir. The relational view: cooperative strategy and sources of interorganizational competitive advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 4, p. 660-679, 1998. DOI: 10.5465/AMR.1998.1255632

ELLRAM, Lisa. A taxonomy of total cost of ownership models. **Journal of Business Logistics**, v. 15, n. 1, p. 171-191, 1994.

FERRIN, Bruce; PLANK, Richard. Total cost of ownership models: an exploratory study. **Journal of Supply Chain Management**, v. 38, n. 3, p. 18-29, 2002. DOI: 10.1111/j.1745-493X.2002.tb00132.x

GRANDORI, Anna; SODA, Giuseppe. Inter-firm Networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organization Studies**, v. 16, n. 2, p. 183-214, 1995. DOI: 10.1177/017084069501600201

GULATI, Ranjay. Network location and learning: the influence of network resources and firm capabilities on alliance formation. **Strategic Management Journal**, v. 20, n. 5, p. 397-425, 1998. DOI: 10.1002/(SICI)1097-0266(199905)20:5<397::AID-SMJ35>3.0.CO;2-K

HAKANSSON, Håkan; SNEHOTA, Ivan. No business is an island: the network concept of business strategy. **Scandinavian Journal of Management**, v. 5, n. 3, p. 187-200, 1989. DOI: 10.1016/0956-5221(89)90026-2

HERGET, Michael; MORRIS, Deigan. Accounting data for value chain analysis. **Strategic Management Journal**, v. 10, n. 2, p. 175-188, 1989. DOI: 10.1002/smj.4250100207

HIMME, Alexander. Critical success factors of strategic cost reduction - results from an empirical survey of German cost reduction projects. **Journal of Management Control**, v. 23, n. 3, p. 183-210, 2012.

INKPEN, Andrew; CROSSAN, Mary. Believing is seeing: joint ventures, organization learning. **Journal of Management Studies**, v. 32, n. 5, p. 595-618, 1995. DOI: 10.1111/j.1467-6486.1995.tb00790.x

JARILLO, Carlos. On strategic networks. **Strategic Management Journal**, v. 9, n. 1, p. 31-41, 1988. DOI: 10.1002/smj.4250090104

JARILLO, Carlos. **Strategic networks**: creating the borderless organization. 1. ed. London: Heinemann, 1993.

KAPLAN, Robert; ANDERSON, Steven. Time-driven activity-based costing. **Harvard Business Review**, v. 82, n. 11, p. 131-138, 2004. DOI: 10.2139/ssrn.485443

KULMALA, Harri. Open-Book Accounting in networks. **Finnish Journal of Business Economics**, v. 52, n. 2, p. 157-177, 2002.

KULMALA, Harri; PARANKO, Jari; UUSI-RAUVA, Erkki. The role of cost management in network relationships. **International Journal of Production Economics**, v. 79, n. 1, p. 33-43, 2002. DOI: 10.1016/S0925-5273(00)00061-X

KUMRA, Rajeev; AGNDAL, Henrik; NILSSON, Ulf. Open book practices in buyer-supplier relationships in India. **Journal of Business & Industrial Marketing**, v. 27, n. 3, p. 196-210, 2012. DOI: 10.1108/08858621211207225

KUNZLER, Mali; BULGACOV, Sergio. As estratégias competitivas e colaborativas e os resultados individuais e coletivos no associativismo rural em Quatro Pontes-PR. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 5, p. 1363-1393, 2011.

LAI, Fujun; ZHANG, Min; LEE, Denis; ZHAO, Xiande. The impact of supply chain integration on mass customization capability: an extended resource-based view. **Engineering Management**, v. 59, n. 3, p. 443-456, 2012. DOI: 10.1109/TEM.2012.2189009

LALONDE, Bernard. Three problems that linger. **Supply Chain Management Review**, v. 7, n. 2, p. 7-8, 2003.

LAMMING, Richard. Beyond partnership, strategies for innovation and lean supply. **R&D Management**, v. 25, n. 4, p. 425-426, 1993. DOI: 10.1111/j.1467-9310.1995.tb01353.x

LAMMING, Richard. Squaring lean supply with supply chain management. **International Journal of Operations and Production Management**, v. 16, n. 2, p. 183-196, 1996. DOI: 10.1108/01443579610109910

LARENTIS, Fabiano; TONDOLO, Vilmar Antonio Gonçalves; CISLAGHI, Tatiane Pellin; CAMARGO, Maria Emília. Contribuição dos relacionamentos interorganizacionais às operações de serviços: um estudo de casos múltiplos. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 6, n. 3, p. 156-181, 2013. DOI: 10.19177/reen.v6e32013156-181

LEE, Sangjae; LIM, Gun Gyoo. The impact of partnership attributes on EDI implementation success. **Information Management**, v. 41, n. 2, p. 135-148, 2003. DOI: 10.1016/S0378-7206(03)00043-0

LEJEUNE, Miguel; YAKOVA, Nevena. On characterizing the 4 C's in supply chain management. **Journal of Operations Management**, v. 23, n. 1, p. 81-100, 2005. DOI: 10.1016/j.jom.2004.09.004

LEWIS, Jordan. **Alianças estratégicas: estruturando e administrando parceiras para o aumento da lucratividade**. 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1992.

LYDEKA, Zigmas; ADOMAVIČIUS, Benas. Cooperation among the competitors in international cargo transportation sector: key factors to success. **Engineering Economics**, v. 51, n. 1, p. 80-90, 2007.

MCHUG, Marie; HUMPHREYS, Paul; MCIVOR, Ronan. Buyer supplier relationships and organizational health. **The Journal of Supply Chain Management**, v. 39, n. 1, p. 15-25, 2003. DOI: 10.1111/j.1745-493X.2003.tb00151.x

MCIVOR, Ronan. Lean supply: the design and cost reduction dimensions. **European Journal of Purchasing and Supply Management**, v. 7, n. 4, p. 227-242, 2001. DOI: 10.1016/S0969-7012(01)00004-1

MELLAT-PARAST, Mahour; DIGMAN, Lester. Learning: the interface of quality management and strategic alliances. **International Journal of Production Economics**, v. 114, n. 2, p. 820-829, 2008. DOI: 10.1016/j.ijpe.2008.04.003

MELLAT-PARAST, Mahour; DIGMAN, Lester. Learning: the interface of quality management and strategic alliances. **International Journal of Production Economics**, v. 114, n. 2, p. 820-829, 2008. DOI: 10.1016/j.ijpe.2008.04.003

MESSNER, Durk; MEYER-STAMER, Jörg. **Governance and networks: tools to study the dynamics of clusters and global value chains**. 1. ed. Disburg: INEF, 2000.

MOURITSEN, Jan; THRANE, Sof. Accounting, network complementarities and the development of inter-organisational relations. **Accounting, Organizations and Society**, v. 31, n. 3, p. 241-275, 2006. DOI: 10.1016/j.aos.2005.04.002

OLIVER, Christine. Determinants of interorganizational relationships: integration and future directions. **Academy of Management Review**, v. 15, n. 2, p. 241-265, 1990. DOI: 10.5465/AMR.1990.4308156

PARKHE, Arvind. Strategic alliance structuring: a game theoretic and transaction cost examination of interfirm cooperation. **Academy of Management Journal**, v. 36, n. 4, p. 794-829, 1993. DOI: 10.2307/256759

PODOLNY, Joel Marc; PAGE, Karen. Network forms of organization. **Annual Review of Sociology**, v. 24, n. 1, p. 57-76, 1998. DOI: **10.1146/annurev.soc.24.1.57**

POLETTI, Carlos; DUARTE, Maria; MATA, Wilson. Gestão compartilhada de P&D: o caso da Petrobras e a UFRN. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 4, p. 1095-1117, 2011.

PORTER, Michael. Clusters e competitividade. **HSM Management**, v. 3, n.15, p. 100-110, 1999.

PORTER, Michael. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior**. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

POWELL, Walter Woody. Neither market nor hierarchy: network forms of organization. **Research of Organizational Behavior**, v. 12, n. 1, p. 295-336, 1990.

THORELLI, Hans. Networks: between markets and hierarchies. **Strategic Management Journal**, v. 7, n. 1, p. 37-51, 1986. DOI: 10.1002/smj.4250070105.

TURRINI Alex; CRISTOFOLI, Daniela; FROSINI, Francesca; NASI, Greta. Networking literature about determinants of network effectiveness. **Public Administration**, v. 88, n. 2, p. 528-550, 2010. DOI: 10.1111/j.1467-9299.2009.01791.x

VERSCHOORE, Jorge Renato; BALESTRIN, Alsones. Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação entre empresas do Rio Grande do Sul. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 4, p. 1043-1069, 2008.

WEGNER, Douglas; PADULA, Antonio Domingos. Governance and management of horizontal business networks: an analysis of retail networks in Germany. **International Journal of Business & Management**, v. 5, n. 12, p. 74-88, 2010.

WHIPPLE, Judith; FRANKEL, Robert. Strategic alliance success factors. **Journal of Supply Chain Management**, v. 36, n. 2, p. 21-28, 2006. DOI: 10.1111/j.1745-493X.2000.tb00248.x

YAMANOI, Junichi; CAO, Qing. Competition and termination of the alliances between asymmetric partners: the case of Japanese department stores. **Asia Pacific Journal of Management**, v. 31, n. 4, p. 949-971, 2014.

YAN, Aimin; GRAY, Barbara. Bargaining power, management control, and performance in United States-China joint ventures: a comparative case study. **Academy of Management Journal**, v. 37, n. 6, p. 1478-1517, 1994. DOI: 10.2307/256796

YAN, Tingting; CHOI, Thomas; KIM, Yuseon; YANG, Sophie. A theory of the nexus supplier: a critical supplier from a network perspective. **Journal of Supply Chain Management**, v. 51, n. 1, p. 1-37, 2014. DOI: 10.1111/jscm.12070

ZENG, Ming; CHEN, Xiao-Ping. Achieving cooperation in multiparty alliances: a social dilemma approach to partnership management. **Academy of Management Review**, v. 28, n. 4, p. 587-605, 2003. DOI: 10.5465/AMR.2003.10899383

Capítulo 9

VANTAGENS ADVINDAS DOS RELACIONAMENTOS INTERORGANIZACIONAIS

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

São muitas as vantagens que podem ser auferidas pelas organizações que participam de redes, como: combinação de informações e competências (POWELL, 1987; CASAROTTO FILHO; PIRES, 1999; KRAATZ, 1998; AMATO NETO, 2000); utilização de *know-how* de outras empresas (KRAATZ, 1998; AMATO NETO, 2000; GULATI; NOHRIA; ZAHEER, 2000); divisão do ônus ao realizar pesquisas tecnológicas (AMATO NETO, 2000); divisão dos riscos e custos de explorar novas oportunidades ou complexas (AMATO NETO, 2000; PRAHALAD; RAMASWAMY, 2004); redução de custos de produção, transação, informação e resolução de conflitos (RING; VAN DE VEN, 1992; JARILLO, 1988; CASAROTTO FILHO; PIRES, 1999; AMATO NETO, 2000; BALESTRIN; VARGAS, 2004; VERSCHOORE; BALESTRIN, 2008; FARIAS; GASPARETTO, 2019); compartilhamento de recursos, melhoria da aquisição e geração de recursos (HUMAN; PROVAN, 1997; BARKEMA; VERMEULEN, 1998; CASAROTTO FILHO; PIRES, 1999; BARNEY, 1999; AMATO NETO, 2000; VERMEULEN; BARKEMA, 2001; BALESTRIN; VARGAS, 2004; HOFFMANN; MOLINA-MORALES; MARTÍNEZ-FERNANDEZ, 2011); fortalecimento do poder de compra por ganho de escala (WAARDEN, 1992; KOZA; LEVIN, 1998; AMATO NETO, 2000; BALESTRIN; VARGAS, 2004; VERSCHOORE; BALESTRIN, 2008; DAGNINO; LEVANTI; PICONNE, 2015); ligações mais próximas com universidades e agências estatais (HUMAN; PROVAN, 1997); adaptação mais rápida a novos cenários (CASAROTTO FILHO; PIRES, 1999); consecução de objetivos que não conseguiriam isoladamente (DYER; SINGH, 1998), aumento da aprendizagem organizacional e da inovação, devido à disseminação de informações e conhecimentos (POWELL, 1990; HUMAN; PROVAN, 1997; BARKEMA; VERMEULEN, 1998; DYER; SINGH, 1998; VERMEULEN; BARKEMA, 2001; BALESTRIN; VARGAS, 2004; VERSCHOORE; BALESTRIN,

2008; DAGNINO; LEVANTI; PICONE, 2015); desenvolvimento de linha de produtos com mais qualidade e mais diversificada (AMATO NETO, 2000); e, por fim, obtenção de mais força para atuar no mercado internacional (AMATO NETO, 2000).

Como se pôde observar, as redes interorganizacionais são formadas pelos relacionamentos de diferentes atores. No turismo, esse cenário de redes também é encontrado. Inclusive, muitos conceitos identificados na literatura acerca do tema, ressaltam interdisciplinaridade do fenômeno (IGNARRA, 2003), como visto anteriormente. O turismo é um fenômeno representado por processos de atividades decorrentes das relações entre os visitantes e os fornecedores de serviços de turismo (ANDRADE, 1998), sendo os deslocamentos dos turistas voluntários (DE LA TORRE, 1992) e de curto prazo (BURKART; MEDLIK, 1974), para localidades externas ao seu lugar de trabalho ou moradia (ANDRADE, 1998). Há diferenças entre os conceitos quanto aos motivos das viagens. Há autores que conceituam turismo considerando que o motivo da viagem do visitante deve ser alheio a negócios e questões profissionais, ou seja, viagens não ligadas a atividades remuneradas, mas sim, motivadas por lazer, descanso, cultura ou saúde (BURKART; MEDLIK, 1974; DE LA TORRE, 1992). Por sua vez, o destino turístico é um espaço delimitado geograficamente no qual há a prestação de serviços e produtos por diferentes agentes interligados que são consumidos pelos turistas sob a marca comum do destino, ou seja, o produto turístico (BUHALIS, 2000).

As aglomerações e, naturalmente, os relacionamentos interorganizacionais formados por diferentes agentes nos destinos turísticos são especialmente importantes para a atividade turística (SCOTT; COOPER; BAGGIO, 2008). Tendo isso em vista, muitas pesquisas têm abordado, conjuntamente, os temas aglomeração, redes interorganizacionais, desempenho e atividade turística (BARROS; MOREIRA, 2005; JACKSON, 2006; JACKSON; MURPHY, 2006; MAZARO; VARZIN, 2008; WANG; KRAKOVER, 2008; LEMMETYINEN; GO, 2009; ZHANG; SONG; HUANG, 2009; ANDRIGHI; HOFFMANN, 2010; DENICOLAI; CIOCCARELLI; ZUCHELLA, 2010; FRANCO; ESTEVÃO, 2010; IORDACHE; CIOCHINA; ASANDEI, 2010; MALAKAUSKAITE; VALENTINAS; NAVICKAS, 2010; MIELKE, 2010; PASCARELLA; FONTES FILHO, 2010; HAUGLAND; NESS; GRØNSETH; AARSTAD, 2011; KYLANEN; RUSKO, 2011; THOMAS, 2011; THOMAS; SHAW; PAGE, 2011; COSTA; COSTA; MIRANDA JÚNIOR, 2012; COSTA; ALBUQUERQUE, 2013; HOFFMANN; CAMPOS, 2013).

Zhang, Song e Huang (2009) utilizam a expressão *Tourism Supply Chain Management* para se referirem à perspectiva a ser utilizada para o gerenciamento da atividade turística. Segundo os autores, a atividade turística possui peculiaridades e há de se considerar importantes elementos para o gerenciamento da *Tourism Supply Chain*, sendo eles: (i) gestão da demanda; (ii) relações bipartidárias; (iii) gestão de

suprimentos; (iv) gestão do inventário; (v) desenvolvimento do produto; (vi) coordenação no gerenciamento da cadeia de suprimentos do turismo; (vii) tecnologia da informação. Na cadeia produtiva do turismo os processos de integração e cooperação entre os agentes que ofertam produtos e serviços localmente e as instituições que não estão presentes fisicamente, como agências de viagens e operadores turísticos, são especialmente importantes (DRAGAN; KRAMBERGER; TOPOLSEK, 2015). A cadeia produtiva do turismo é composta de agentes heterogêneos e o ambiente tende a ser dinâmico (DRAGAN; KRAMBERGER; TOPOLSEK, 2015).

Outro conceito encontrado na literatura é o chamado *cluster* turístico. Assim, *cluster* turístico pode ser utilizado para definir o que vem a ser um produto turístico, tendo em vista que seu conceito pode ser definido como um conjunto de organizações – não apenas empresas – que competem e colaboram com vistas a melhorar o desempenho da localidade (JACKSON; MURPHY, 2006). Segundo Jackson e Murphy (2002) a utilização da expressão *cluster* turístico é adequada para definir a indústria do turismo. Por sua vez, Niekerk (2014) explica a diferença entre um relacionamento diádico e uma série de relacionamentos em rede – comum ao fenômeno do turismo – no qual em uma mesma destinação todos os envolvidos estão diretamente relacionados, a citar: o turista, o governo, as instituições, as DMOs e a comunidade.

As redes apresentam características que podem fornecer informações importantes para a sua compreensão. Diferentes análises de redes sociais podem ser empregadas, sendo as mais utilizadas em pesquisas em administração (BRAND; VERSCHOORE, 2014): Balanço Estrutural; Centralidade de Grau; Centralidade de Intermediação; Centralidade de Proximidade; Cliques; *Clusters*; Densidade; Distância Geodésica; Equivalência Estrutural; Grau dos nós; Poder de Bonacich; Tamanho da Rede; e Transitividade. A estrutura geral da rede representa as posições que os atores ocupam e é uma representação das relações entre eles (SACOMANO NETO; TRUZZI, 2004). Assim, a estrutura da rede vai refletir o padrão de relacionamentos entre as empresas (GULATI; NOHRIA; ZAHEER, 2000) e, a partir de sua análise, é possível fazer inferências acerca da amizade, frequência de contato, comunicação, confiança, fluxo de informação, e outros, entre os agentes de uma rede (IACOBUCCI; SALTER, 2012).

Referências

- AMATO NETO, João. **Redes de cooperação produtiva e clusters regionais: oportunidades para as pequenas e médias empresas**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

ANDRIGHI, Fabiela Fátima; HOFFMANN, Valmir Emil. Redes e cooperação na destinação turística de Urubici/SC. **Turismo em Análise**, v. 21, n. 1, p. 149-164, 2010. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v21i1p149-164

BALESTRIN, Alsones; VARGAS, Lilia Maria. A dimensão estratégica das redes horizontais de PMEs: teorizações e evidências. **Revista de Administração Contemporânea**, v. esp., p. 203-227, 2004. DOI: 10.1590/S1415-65552004000500011

BARKEMA, Harry; VERMEULEN, Freek. International expansion through start-up or acquisition: a learning perspective. **The Academy of Management Journal**, v. 41, n. 1, p. 7-23, 1998. DOI: 10.2307/256894

BARNEY, Jay. How a firm's capabilities affect boundary decisions. **Sloan Management Review**, v. 40, n. 3, p. 137-145, 1999.

BRUSCO, Sebastiano. The emilian model: productive decentralization and social integration. **Cambridge Journal of Economics**, v. 6, n. 1, p. 167-84, 1982.

BRUSCO, Sidney. Pequeñas empresas y prestación de servicios reales. In: PYKE, Filip; SERGENBERGER, Wiber (org.). **Los DI y las PYMEs: Di y regeneración económica local**. Madrid: MSSS, 1993.

BUHALIS, Dimitrios. Marketing the competitive destination of the future. **Tourism management**, v. 21, n. 1, p. 97-116, 2000.

BURKART, Arthur John; MEDLIK, Slavoj. **Tourism: past, present and future**. 1. ed. London: Heinemann, 1974.

COSTA, Helena Araújo; COSTA, Atair Carneiro; MIRANDA JÚNIOR, Newton da Silva. Arranjos Produtivos Locais (APL) no turismo: estudo sobre a competitividade e o desenvolvimento local na Costa dos Corais - AL. **Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo**, v. 7, n. 1, p. 1-31, 2012.

DAGNINO, Giovanni Battista; LEVANTI, Gabriella; MINÁ, Anna; PICONE, Pasquale Massimo. Interorganizational network and innovation: a bibliometric study and proposed research agenda. **Journal of Business and Industrial Marketing**, v. 30, n. 3/4, p. 354-377, 2015. DOI: 10.1108/JBIM-02-2013-0032

DAYASINDHU, Nagarajan. Embeddedness, knowledge transfer, industry clusters and global competitiveness: a case study of the Indian software industry. **Technovation**, 22, n. 9, p. 551-560, 2002. DOI: 10.1016/S0166-4972(01)00098-0

DEI OTTATI, Gabi. Il mercato comunitario. In: BECATTINI, Gabi (org.). **Mercato i forze locali: il distretto industriale**. Bologna: Il Mulino, 1987. p. 117-142.

DENICOLAI, Stefano; CIOCCARELLI, Gabriele; ZUCHELLA, Antonella. Resource-based local development and networked core-competencies for tourism excellence. **Tourism Management**, v. 31, n. 2, p. 260-266, 2010. DOI: 10.1016/j.tourman.2009.03.002

DRAGAN, Dejan; KRAMBERGER, Tomaz; TOPOLSEK, Darja. Supply chain integration and firm performance in the tourism sector. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LOGISTICS & SUSTAINABLE TRANSPORT, 7., 2015, Lyon. **Proceedings...** Maribor: ICLST, 2015.

DYER, Jeffrey; SINGH, Harbir. The relational view: cooperative strategy and sources of interorganizational competitive advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 4, p. 660-679, 1998. DOI: 10.5465/AMR.1998.1255632

FARIAS, Rafael Araújo Sousa; GASPARETTO, Valdirene. Gestão de Custos Interorganizacionais: fatores inibidores em empresas do setor moveleiro do Distrito Federal. **ABCustos**, v. 14, n. 2, p. 120-151, 2019.

FREEMAN, Susan; EDWARDS, Ron; SCHRODER, Bill. How smaller born-global firms use networks and alliances to overcome constraints to rapid internationalization. **Journal of International Marketing**, v. 14, n. 3, p. 33-63, 2006. DOI: 10.1509/jimk.14.3.33

GULATI, Ranjay; NOHRIA, Nitin; ZAHEER, Akbar. Strategic networks. **Strategic Management Journal**, v. 21, n. 3, p. 203-215, 2000.

HAUGLAND, Sven; NESS, Håvard; GRØNSETH, Bjorn-Ove; AARSTAD, Jarle. Development of tourism destinations: an integrated multilevel perspective. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 1, p. 268-290, 2011. DOI: 10.1016/j.annals.2010.08.008

HOFFMANN, Valmir Emil; CAMPOS, Lucila Maria de Souza. Instituições de suporte, serviços e desempenho: um estudo em aglomerações turísticas de Santa Catarina. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 1, p. 18-41, 2013. DOI: 10.1590/S1415-65552013000100003

HOFFMANN, Valmir Emil; OLIVEIRA, Bruna Paixão; BROCCHI, Jaqueline Thomazine. Instituições de suporte ao turismo nos destinos de Alto Paraíso e Pirenópolis: uma análise sob a perspectiva das redes interorganizacionais. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 1, p. 74-94, 2016. DOI: 10.18472/cvt.16n1.2016.1015

HUMAN, Sherrie; PROVAN, Keith. An emergent theory of structure and outcomes in small-firm strategic manufacturing network. **Academy of Management Journal**, v. 40, n. 2, p. 368-403, 1997. DOI: 10.2307/256887

IACOBUCCI, Dawn; SALTER, James. Redes sociais: você perdeu o controle. In: KLEINDORFER, Paul; WIND, Yoram; GUNTHER, Robert (org.). **O desafio das redes: estratégia, lucro e risco em um mundo interligado**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 3. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2013.

IORDACHE, Carmen; CIOCHINA, Iuliana; ASANDEI, Mihaela. Clusters-tourism activity increase competitiveness support. **Theoretical and Applied Economics**, v. 5, n. 546, p. 99-112, 2010.

JACKSON, Julie; MURPHY, Peter. Clusters in regional tourism: an Australian case. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 4, p. 1018-1035, 2006. DOI: **10.1016/j.annals.2006.04.005**

JARILLO, Carlos. On strategic networks. **Strategic Management Journal**, v. 9, n. 1, p. 31-41, 1988. DOI: 10.1002/smj.4250090104

KRAATZ, Matthew. Learning by association? Interorganizational networks and adaptation to environmental change. **Academy of Management Journal**, v. 41, n. 6, p. 621-643, 1998. DOI: 10.2307/256961

LEMMETYINEN, Arja; GO, Frank. The key capabilities required for managing tourism business networks. **Tourism Management**, v. 30, n. 1, p. 31-40, 2009. DOI: 10.1016/j.tourman.2008.04.005

MALAKAUSKAITE, Asta; NAVICKAS, Valentinas. Relation between the level of clusterization and tourism sector competitiveness. **Inzinerine Ekonomika-Engineering Economics**, v. 21, n. 1, p. 60-67, 2010.

MALMBERG, Anders; POWER, Dominic. (How) do (firms in) clusters create knowledge? **Industry and Innovation**, v. 12, n. 4, p. 409-431, 2005. DOI: 10.1080/13662710500381583

MAZARO, Rosana Mara; VARZIN, Giovanni. Competitiveness models for tourist destinations into the sustainability context. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 3, p. 789-809, 2008. DOI: 10.1590/S1415-6552008000300009

NIEKERK, Mathilda Van. The role of the public sector in tourism destination management from a network relationship approach. **Tourism Analysis**, v. 19, n. 6, p. 701-718, 2014. DOI: 10.3727/108354214X14146846679402

NUNKOO, Robin; RAMKISSOON, Haywantee; GURSOY, Dogan. Public trust in tourism institutions. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 3, p. 1538-1564, 2012. DOI: 10.1016/j.annals.2012.04.004

PANICCIA, Ivana. One, a hundred, thousands of industrial districts. organizational variety in local networks of small and medium-sized enterprises. **Organizational Studies**, v. 19, n. 4, p. 667-699, 1998. DOI: 10.1177/017084069801900406

POWELL, Walter Woody. Neither market nor hierarchy: network forms of organization. **Research of Organizational Behavior**, v. 12, n. 1, p. 295-336, 1990.

SCHMITZ, Hubert. Distritos industriales: modelo y realidad en Baden-Württemberg - Alemania. In: PYKE, Filip; SERGENBERGER, Wiber (org.). **Los DI y las PYMEs: DI y regeneración económica local**. Madrid: MSSS, 1993.

SCOTT, Noel; COOPER, Chris; BAGGIO, Rodolfo. Destination networks: four Australian cases. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n. 1, p. 169-188, 2008. DOI: 10.1016/j.annals.2007.07.004

SWAN, Jacky; NEWELL, Sue. The role of professional associations in technology diffusion. **Organizational Studies**, v. 16, n. 5, p. 847-874, 1995. DOI: **10.1177/017084069501600505**

VERMEULEN, Freek; BARKEMA, Harry. Learning through acquisitions. **Academy of Management Journal**, v. 44, n. 3, p. 457-476, 2001. DOI: 10.2307/3069364

VERSCHOORE, Jorge Renato; BALESTRIN, Alsones. Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação entre empresas do Rio Grande do Sul. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 4, p. 1043-1069, 2008.

WAARDEN, Frans Van. Dimensions and types of policy networks. **European Journal of Political Research**, v. 21, n. 1, p. 29-52, 1992. DOI: 10.1111/j.1475-6765.1992.tb00287.x

Capítulo 10

INSTITUIÇÕES DE SUPORTE: DEBATE E PROPOSIÇÕES ACERCA DA PRESENÇA E DOS SERVIÇOS PRESTADOS

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

O papel desempenhado pelas instituições em uma aglomeração leva em conta sua capacidade de fornecer serviços às empresas por preço mais baixos devido sua especialidade e pelo ganho de escala (BRUSCO, 1993). Na atividade turística, também há essas instituições de suporte (HOFFMANN; CAMPOS, 2013). Como apontado, organizações que atuam no gerenciamento do destino podem melhorar seu desempenho. Nesse sentido, a figura das instituições de suporte pode ser vista como uma variável a ser estudada.

As instituições de suporte prestam serviços de apoio às empresas de uma região (MOLINA-MORALES; HOFFMANN, 2002), e podem promover a cooperação, a confiança e a comunicação entre os agentes de um destino (THOMAZINE; HOFFMANN; COSTA; VERSCHOORE FILHO, 2013). Assim, a partir da visão de Barney (1991), de que o acesso a matérias-primas e serviços pode ser considerado como um tipo de recurso, as instituições de suporte podem ser consideradas recurso para as empresas de uma destinação turística. Há, nessa direção, literatura que advoga a importância das instituições de suporte para promover o desenvolvimento de um território, como Brusco (1993), Porter (1999), Molina-Morales e Hoffmann (2002), Malmberg e Power (2005) e Silva e Hoffmann (2006).

Dessa maneira, o entendimento da importância do gerenciamento do destino e da atuação das instituições de suporte abre caminho para o debate do tema desempenho. O desempenho de um destino turístico está relacionado com sua capacidade de manter a posição de mercado alcançada e/ou melhorá-la ao longo do tempo (HORAK; MARUSIC; FAVRO, 2006). Relaciona-se com a capacidade de um destino satisfazer as necessidades dos visitantes, proporcionar experiências e entregar bens e serviços que funcionem melhor do que outros destinos (DWYER; KIM 2003). O desempenho das destinações turísticas tem sido tema de interesse de pesquisas que buscaram criar índices para avaliá-las, a título de exemplo: Fórum Econômico Mundial (WEF, 2019) no mundo e o Ministério do Turismo (BRASIL, 2015, 2019) no Brasil.

Estudos defendem que a atuação das instituições ajuda o desempenho local (BRUSCO, 1993; SCHMITZ, 1993). Contudo, os autores não apontaram a relação

entre as variáveis. Brusco (1993) e Schmitz (1993) falam que há instituições nos aglomerados territoriais de empresas e que elas são importantes para o desenvolvimento local, sem, contudo, realizar sua medição.

Há diversidade nos tipos de instituições de suporte que podem existir em um destino. Entre outras, pode-se citar: associações comerciais, industriais, empresariais e profissionais que fornecem serviços especializados para as empresas e as partes relacionadas a elas (DAYASINDHU, 2002; BARROS; MOREIRA, 2005; STACKE; HOFFMANN; COSTA, 2012); organizações públicas e privadas de financiamento (DAYASINDHU, 2002; STACKE; HOFFMANN; COSTA, 2012); instituições e agências governamentais (DAYASINDHU, 2002; STACKE; HOFFMANN; COSTA, 2012); associações e conselhos comunitários (BARROS; MOREIRA, 2005); universidades (DAYASINDHU, 2002; STACKE; HOFFMANN; COSTA, 2012); instituições de pesquisa, tecnologia e escolas de ensino tecnológicos (DAYASINDHU, 2002; STACKE; HOFFMANN; COSTA, 2012); centros de ensino, treinamento e capacitação (DAYASINDHU, 2002), entre outros.

Referindo-se aos serviços prestados pelas instituições de suporte em um destino, eles podem ser assistência técnica ao destino e cursos de formação (FERREIRA; MEIRELES; MACEDO; BARONE, 2011; RITCHIE; CROUCH, 2003); capacitação da mão-de-obra do destino (SCHMITZ, 1993); serviços tecnológicos e disseminação de tecnologias (SCHMITZ, 1993; FREEMAN; EDWARDS; SCHRODER, 2006; HOFFMANN; CAMPOS, 2013); iniciativas que fomentem a cooperação entre os participantes (MITCHELL; SCHREIBER, 2007); a coordenação entre os atores (ANDRÉ, 2004); o compartilhamento de recursos (BRUSCO, 1982); o fomento de atividades e processos de compartilhamento e transferência de conhecimento sobre produtos e mercado específico (BRUSCO, 1982; SCHMITZ, 1993; MITCHELL; SCHREIBER, 2007; MOLINA-MORALES; MARTÍNEZ-FERNANDEZ, 2009; HOFFMANN; BANDEIRA-DE-MELO; MOLINA-MORALES, 2011); a captação e internalização de conhecimento (SWAN; NEWELL, 1995; BELLANDI; CALOFFI, 2008); o gerenciamento do marketing e promoção do destino (MITCHELL; SCHREIBER, 2007); auxilia a regular os impactos do negócio sobre o meio ambiente ecológico (PANICCIA, 1998); ajuda a combater o desemprego no destino turístico (NUNKOO; RAMKISSOON; GURSOY, 2012); diminuição dos custos das empresas mediante oferta de serviços públicos (DEI OTTATI, 1987); facilidade do acesso a financiamento (SCHMITZ, 1993); e auxílio no surgimento de novas empresas (MALMBERG; POWER, 2005).

O destino pode ser visto com um produto formado por partes que demanda complementariedade entre elas. Scott, Cooper e Baggio (2008) afirmam que a diversidade de serviços prestados pelas instituições de suporte deve buscar a complementariedade entre si. Contudo, Hoffmann e Campos (2013) e Hoffmann, Oliveira e Brocchi (2016) demonstram que a prestação de serviços por parte das instituições

não necessariamente segue essa lógica. Afirmam que os serviços prestados pelas instituições de suporte não necessariamente são fornecidos com uma preocupação de complementaridade e não redundância. Pode existir em uma localidade um grande número de instituições que prestam o mesmo serviço (HOFFMANN; CAMPOS, 2013). Por exemplo, Hoffmann e Campos (2013) identificaram, no cenário analisado, que serviços de assessoria eram largamente oferecidos, enquanto serviços voltados a ações comerciais e ações ligadas à sustentabilidade ambiental recebiam pouca atenção.

Novamente, chama a atenção o fato de que a quantidade, os serviços prestados e a importância das instituições variam de um destino para outro e, também, o desempenho dos destinos variam. Ademais, os atores presentes nos destinos turísticos não são uniformes, ou seja, a combinação da existência de atores e os serviços por eles prestados variam de acordo com o destino (SCOTT; COOPER; BAGGIO, 2008; HOFFMANN; OLIVEIRA; BROCCHI, 2016). Ainda nessa direção, Hoffmann e Campos (2013) afirmam que cada destino tem sua combinação única de atuação das instituições de suporte, uma vez que os tipos de organizações e os serviços por elas prestados são diferentes em cada destino.

A partir dos trabalhos de Brusco (1993) e Schmitz (1993), entende-se que as instituições de suporte vão se alinhar às necessidades de cada aglomeração. Assim, por exemplo, em um aglomerado metalmeccânico, as escolas técnicas vão ensinar a formação da mão-de-obra para esse fim. No mesmo sentido, caso o aglomerado seja de cerâmica de revestimento, as escolas técnicas (mesmo que seja a mesma instituição) terão que prestar serviços de educação técnica para esse fim. Diante das colocações apresentadas, afirma-se que a diferença entre o tipo de instituições de suporte nos destinos não é significativa; e que a diferença entre o tipo de serviços prestados pelas instituições de suporte é significativa.

Referências

AMATO NETO, João. **Redes de cooperação produtiva e clusters regionais: oportunidades para as pequenas e médias empresas**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

ANDRÉ, Marién. Políticas locais de dinamización turística y grandes atractivos culturales: el caso de figures. In: SENTIAS, Josep Font (org.). **Casos de turismo cultural: de la planificación estratégica a la gestión del producto**. Barcelona: Ariel, 2004.

ANDRIGHI, Fabiela Fátima; HOFFMANN, Valmir Emil. Redes e cooperação na destinação turística de Urubici/SC. **Turismo em Análise**, v. 21, n. 1, p. 149-164, 2010. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v21i1p149-164

- BALESTRIN, Alsones; VARGAS, Lilia Maria. A dimensão estratégica das redes horizontais de PMEs: teorizações e evidências. **Revista de Administração Contemporânea**, v. esp., p. 203-227, 2004. DOI: 10.1590/S1415-65552004000500011
- BARKEMA, Harry; VERMEULEN, Freek. International expansion through start-up or acquisition: a learning perspective. **The Academy of Management Journal**, v. 41, n. 1, p. 7-23, 1998. DOI: 10.2307/256894
- BARNEY, Jay. How a firm's capabilities affect boundary decisions. **Sloan Management Review**, v. 40, n. 3, p. 137-145, 1999.
- BELLANDI, Marco; CALOFFI, Annalisa. District internationalisation and trans-local development. **Entrepreneurship & Regional Development: an International Journal**, v. 20, n. 6, p. 517-532, 2008. DOI: 10.1080/08985620802462108
- BRUSCO, Sebastiano. The emilian model: productive decentralization and social integration. **Cambridge Journal of Economics**, v. 6, n. 1, p. 167-84, 1982.
- BRUSCO, Sidney. Pequeñas empresas y prestación de servicios reales. In: PYKE, Filip; SERGENBERGER, Wiber (org.). **Los DI y las PYMEs: Di y regeneración económica local**. Madrid: MSSS, 1993.
- BUHALIS, Dimitrios. Marketing the competitive destination of the future. **Tourism management**, v. 21, n. 1, p. 97-116, 2000.
- BURKART, Arthur John; MEDLIK, Slavoj. **Tourism: past, present and future**. 1. ed. London: Heinemann, 1974.
- CASAROTTO FILHO, Nelson; PIRES, Luis Henrique. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- COSTA, Helena Araújo; COSTA, Atair Carneiro; MIRANDA JÚNIOR, Newton da Silva. Arranjos Produtivos Locais (APL) no turismo: estudo sobre a competitividade e o desenvolvimento local na Costa dos Corais - AL. **Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo**, v. 7, n. 1, p. 1-31, 2012.
- DAGNINO, Giovanni Battista; LEVANTI, Gabriella; MINÁ, Anna; PICONE, Pasquale Massimo. Interorganizational network and innovation: a bibliometric study and proposed research agenda. **Journal of Business and Industrial Marketing**, v. 30, n. 3/4, p. 354-377, 2015. DOI: 10.1108/JBIM-02-2013-0032
- DAYASINDHU, Nagarajan. Embeddedness, knowledge transfer, industry clusters and global competitiveness: a case study of the Indian software industry. **Technovation**, 22, n. 9, p. 551-560, 2002. DOI: 10.1016/S0166-4972(01)00098-0

DEI OTTATI, Gabi. Il mercato comunitario. In: BECATTINI, Gabi (org.). **Mercato i forze locali**: il distretto industriale. Bologna: Il Mulino, 1987. p. 117-142.

DENICOLAI, Stefano; CIOCCARELLI, Gabriele; ZUCHELLA, Antonella. Resource-based local development and networked core-competencies for tourism excellence. **Tourism Management**, v. 31, n. 2, p. 260-266, 2010. DOI: 10.1016/j.tourman.2009.03.002

DRAGAN, Dejan; KRAMBERGER, Tomaz; TOPOLSEK, Darja. Supply chain integration and firm performance in the tourism sector. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LOGISTICS & SUSTAINABLE TRANSPORT, 7., 2015, Lyon. **Proceedings...** Maribor: ICLST, 2015.

DYER, Jeffrey; SINGH, Harbir. The relational view: cooperative strategy and sources of interorganizational competitive advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 4, p. 660-679, 1998. DOI: 10.5465/AMR.1998.1255632

FARIAS, Rafael Araújo Sousa; GASPARETTO, Valdirene. Gestão de Custos Interorganizacionais: fatores inibidores em empresas do setor moveleiro do Distrito Federal. **ABCustos**, v. 14, n. 2, p. 120-151, 2019.

FERREIRA, Maria Tatiana da Silva; MEIRELES, Sheila Santos; MACEDO, Marcelo Alvaro da Silva; BARONE, Francisco Marcelo; SANT'ANNA, Paulo Roberto; ZOTES, Luiz Pérez. Análise do desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais (APLs): um estudo de caso do município de Paraty (RJ). **Revista de Administracao Pública**, v. 45, n. 2, p. 517-39, 2011. DOI: 10.1590/S0034-76122011000200010

FREEMAN, Susan; EDWARDS, Ron; SCHRODER, Bill. How smaller born-global firms use networks and alliances to overcome constraints to rapid internationalization. **Journal of International Marketing**, v. 14, n. 3, p. 33-63, 2006. DOI: 10.1509/jimk.14.3.33

GULATI, Ranjay; NOHRIA, Nitin; ZAHEER, Akbar. Strategic networks. **Strategic Management Journal**, v. 21, n. 3, p. 203-215, 2000.

HAUGLAND, Sven; NESS, Håvard; GRØNSETH, Bjorn-Ove; AARSTAD, Jarle. Development of tourism destinations: an integrated multilevel perspective. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 1, p. 268-290, 2011. DOI: 10.1016/j.annals.2010.08.008

HOFFMANN, Valmir Emil; BANDEIRA-DE-MELO, Rodrigo; MOLINA-MORALES, Xavier. Innovation and knowledge transfer in clustered interorganizational networks in Brazil. **Latin America Business Review**, v. 12, n. 3, p. 143-163, 2011. DOI: 10.1080/10978526.2011.614168

HOFFMANN, Valmir Emil; CAMPOS, Lucila Maria de Souza. Instituições de suporte, serviços e desempenho: um estudo em aglomerações turísticas de Santa Catarina. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 1, p. 18-41, 2013. DOI: 10.1590/S1415-65552013000100003

HOFFMANN, Valmir Emil; OLIVEIRA, Bruna Paixão; BROCCCHI, Jaqueline Thomazine. Instituições de suporte ao turismo nos destinos de Alto Paraíso e Pirenópolis: uma análise sob a perspectiva das redes interorganizacionais. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 1, p. 74-94, 2016. DOI: 10.18472/cvt.16n1.2016.1015

HUMAN, Sherrie; PROVAN, Keith. An emergent theory of structure and outcomes in small-firm strategic manufacturing network. **Academy of Management Journal**, v. 40, n. 2, p. 368-403, 1997. DOI: 10.2307/256887

IACOBUCCI, Dawn; SALTER, James. Redes sociais: você perdeu o controle. In: KLEINDORFER, Paul; WIND, Yoram; GUNTHER, Robert (org.). **O desafio das redes: estratégia, lucro e risco em um mundo interligado**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 3. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2013.

IORDACHE, Carmen; CIOCHINA, Iuliana; ASANDEI, Mihaela. Clusters-tourism activity increase competitiveness support. **Theoretical and Applied Economics**, v. 5, n. 546, p. 99-112, 2010.

JACKSON, Julie; MURPHY, Peter. Clusters in regional tourism: an Australian case. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 4, p. 1018-1035, 2006. DOI: **10.1016/j.annals.2006.04.005**

JARILLO, Carlos. On strategic networks. **Strategic Management Journal**, v. 9, n. 1, p. 31-41, 1988. DOI: 10.1002/smj.4250090104

KOZA, Mitchell; LEWIN, Arie. The co-evolution of strategic alliances. **Organization Science**, v. 9, n. 3, p. 255-264, 1998. DOI: 10.1287/orsc.9.3.255

KRAATZ, Matthew. Learning by association? Interorganizational networks and adaptation to environmental change. **Academy of Management Journal**, v. 41, n. 6, p. 621-643, 1998. DOI: 10.2307/256961

LEMMETYINEN, Arja; GO, Frank. The key capabilities required for managing tourism business networks. **Tourism Management**, v. 30, n. 1, p. 31-40, 2009. DOI: 10.1016/j.tourman.2008.04.005

MALAKAUSKAITE, Asta; NAVICKAS, Valentinas. Relation between the level of clusterization and tourism sector competitiveness. **Inzinerine Ekonomika-Engineering Economics**, v. 21, n. 1, p. 60-67, 2010.

MALMBERG, Anders; POWER, Dominic. (How) do (firms in) clusters create knowledge? **Industry and Innovation**, v. 12, n. 4, p. 409-431, 2005. DOI: 10.1080/13662710500381583

MAZARO, Rosana Mara; VARZIN, Giovanni. Competitiveness models for tourist destinations into the sustainability context. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 3, p. 789-809, 2008. DOI: 10.1590/S1415-6552008000300009

MITCHELL, Richard; SCHREIBER, Christine. Wine tourism networks and clusters: operation and barriers in New Zealand. In: MICHAEL, Ewen (org.). **Micro-clusters and networks: the growth of tourism**. Amsterdam: Elsevier, 2007.

NIEKERK, Mathilda Van. The role of the public sector in tourism destination management from a network relationship approach. **Tourism Analysis**, v. 19, n. 6, p. 701-718, 2014. DOI: 10.3727/108354214X14146846679402

NUNKOO, Robin; RAMKISSOON, Haywantee; GURSOY, Dogan. Public trust in tourism institutions. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 3, p. 1538-1564, 2012. DOI: 10.1016/j.annals.2012.04.004

PANICCIA, Ivana. One, a hundred, thousands of industrial districts. organizational variety in local networks of small and medium-sized enterprises. **Organizational Studies**, v. 19, n. 4, p. 667-699, 1998. DOI: 10.1177/017084069801900406

POWELL, Walter Woody. Neither market nor hierarchy: network forms of organization. **Research of Organizational Behavior**, v. 12, n. 1, p. 295-336, 1990.

RITCHIE, Jay Brent; CROUCH, Geoffrey. **The competitive destination: a sustainable tourism perspective**. 1. ed. Cambridge: Cabi, 2003.

SCHMITZ, Hubert. Distritos industriales: modelo y realidad en Baden-Württemberg - Alemania. In: PYKE, Filip; SERGENBERGER, Wiber (org.). **Los DI y las PYMEs: DI y regeneración económica local**. Madrid: MSSS, 1993.

SCOTT, Noel; COOPER, Chris; BAGGIO, Rodolfo. Destination networks: four Australian cases. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n. 1, p. 169-188, 2008. DOI: 10.1016/j.annals.2007.07.004

STACKE, Ariani Raquel Neckel Prux; HOFFMANN, Valmir Emil; COSTA, Helena Araújo. Knowledge transfer among clustered firms: a study of Brazil. **Anatolia**, v. 13, n. 1, p. 90-106. DOI: 10.1080/13032917.2011.653634

SWAN, Jacky; NEWELL, Sue. The role of professional associations in technology diffusion. **Organizational Studies**, v. 16, n. 5, p. 847-874, 1995. DOI: 10.1177/017084069501600505

VERMEULEN, Freek; BARKEMA, Harry. Learning through acquisitions. **Academy of Management Journal**, v. 44, n. 3, p. 457-476, 2001. DOI: 10.2307/3069364

VERSCHOORE, Jorge Renato; BALESTRIN, Alsones. Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação entre empresas do Rio Grande do Sul. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 4, p. 1043-1069, 2008.

WAARDEN, Frans Van. Dimensions and types of policy networks. **European Journal of Political Research**, v. 21, n. 1, p. 29-52, 1992. DOI: 10.1111/j.1475-6765.1992.tb00287.x

WANG, Youcheng; KRAKOVER, Shaul. Destination marketing: competition, cooperation or coopetition? **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 20, n. 2, p. 126-141, 2008. DOI: 10.1108/09596110810852122

Capítulo 11

INSTITUIÇÕES DE SUPORTE: DEBATE E PROPOSIÇÕES ACERCA DO DESEMPENHO DO DESTINO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

A diversidade de atores de um destino, inclusive a diversidade de instituições de suporte favorece a cooperação e o desempenho de uma rede (CASAROTTO FILHO; PIRES, 1999; ENDRES, 2003). Hoffmann e Campos (2013) demonstram que, no cenário por eles analisado, as cidades que possuem maior número de instituições também possuem maior número de serviços disponibilizados. Contudo, essa relação – mais instituições é igual a mais serviços – não é uma regra. Não se pode afirmar que sempre que existir um grande número de instituições de suporte atuando em um destino haverá grande quantidade de serviços sendo prestados, ao menos do ponto de vista da diversidade deles (HOFFMANN; CAMPOS, 2013; HOFFMANN; OLIVEIRA; BROCCHI, 2016). Por exemplo, ao analisar conjuntamente Alto Paraíso e Pirenópolis, Hoffmann, Oliveira e Brocchi (2016) identificaram um maior número de instituições em Pirenópolis e, concomitantemente, não se observou um maior número de serviços de suporte nesse destino.

Além disso, a presença de instituições de suporte em uma localidade não necessariamente significa que elas fornecem serviços de apoio para o turismo, uma vez que podem não possuir o turismo como escopo (HOFFMANN; CAMPOS, 2013; HOFFMANN; CAMPOS, 2013). Como indicado por Dwyer e Kim (2003), caso uma instituição não tenha como escopo a atividade turística, provavelmente não atuará de maneira ativa em favor do desenvolvimento do setor. Além disso, mesmo em destinos em que haja muitas instituições, pode acontecer de elas deixarem de atender interesses estratégicos da aglomeração e seguirem uma lógica de interesses próprios, ou seja, não se percebe uma coordenação de modo a se conseguir uma melhor combinação de serviços para atender as necessidades do destino turístico (HOFFMANN; CAMPOS, 2013; HOFFMANN; OLIVEIRA; BROCCHI, 2016). Por exemplo, Hoffmann e Campos (2013) analisaram um destino do tipo sol e praia e identificaram a presença de instituições, contudo, as instituições ali presentes pouco desenvolviam atividades relacionadas à sustentabilidade ambiental do destino, o que é visto como um importante fator para a manutenção e aumento do desempenho daqueles

destinos (HOFFMANN; CAMPOS, 2013). É comum os destinos que possuem o meio ambiente como um de seus atrativos, possuam instituições voltadas para a sua preservação, pois a preservação do meio ambiente significa a sustentabilidade e continuidade de sua vantagem competitiva (ANDRÉ, 2004; BONET, 2004; HOFFMANN; OLIVEIRA; BROCCHI, 2016). Assim, a atuação das instituições de suporte, os serviços por elas dispensados e as características do destino – a partir de uma visão multinível (ESSER; HILLEBRAND; MESSNER; MEYER-STAMER, 1994; DWYER; KIM, 2003) – devem ser analisados conjuntamente (HOFFMANN; CAMPOS, 2013).

Os serviços prestados pelas instituições de suporte são idiossincráticos às empresas no âmbito da rede interorganizacional e, ainda, proporcionam vantagem competitiva a elas quando comparadas àquelas que estão fora da rede (HOFFMANN; MOLINA-MORALES; MARTÍNEZ-FERNÁNDEZ, 2007; HOFFMANN; CAMPOS, 2013; HOFFMANN; OLIVEIRA; BROCCHI, 2016). Além disso, mesmo que se considere o fato de que, as atividades não são igualmente utilizadas por todas as empresas da aglomeração, em frequência e intensidade (MITCHELL; SCHREIBER, 2007), há empresas que utilizam e ajudam a melhorar o desempenho do destino. Logo, as instituições de suporte podem ser consideradas como uma fonte de vantagem competitiva para as empresas aglomeradas (CASTRO; BULGACOV; HOFFMANN, 2011; HOFFMANN; CAMPOS, 2013; HOFFMANN; OLIVEIRA; BROCCHI, 2016; PRIM; AMAL; CARVALHO, 2016).

Assim, como apontado por Hoffmann, Vianna, Miyazaki, Cruz e Negri (2008), é possível identificar uma grande quantidade de serviços prestados pelas instituições de suporte e, quando se compara dois ou mais destinos, também é possível perceber que é comum encontrar uma alta variação de serviços. Apesar de a presença das instituições auxiliar o desenvolvimento dos destinos (CUNHA; CUNHA, 2005), não se pode assegurar que elas e, naturalmente, os serviços por elas prestados, sempre geram vantagem competitiva para os destinos (HOFFMANN; CAMPOS, 2013). Contudo, Dwyer e Kim (2003) destacam que a existência de instituições de suporte pode criar condições para que o destino amplie seu desempenho.

Questiona-se como essas instituições e apoio e os serviços por elas disponibilizados interfere no desempenho de dado destino turístico como um todo, situação essa pouco explorada (HOFFMANN; CAMPOS, 2013). Hoffmann e Campos (2013) encontraram relação positiva entre os gastos dos turistas nacionais e o número de instituições turísticas atuantes nas cidades. Ainda segundo Hoffmann e Campos (2013), pode ser que as ações coordenadas as instituições atraíam turistas com um maior poder aquisitivo, tendo em vista que o mesmo estudo demonstrou existir uma relação negativa entre o número de instituições de suporte e o número de turistas. Noutro estudo, Hoffmann, Vianna, Miyazaki, Cruz e Negri, (2008) identificaram sete instituições de suporte no destino analisado e que, ainda, ofereciam diversos servi-

ços apontados por Dwyer e Kim (2003) e Isbasoiu (2007) como sendo necessários para que um destino desenvolvesse seu desempenho. Essa situação demonstra que as instituições estavam, naquele cenário, oferecendo serviços que vão ao encontro do objetivo de melhorar o desempenho do destino.

Inicialmente, Hoffmann e Campos (2013) afirmaram que os serviços prestados pelas instituições seguem interesses das próprias instituições e não com o objetivo de se desenvolver a melhor combinação de serviços para o destino. Essa característica foi confirmada posteriormente por Hoffmann, Oliveira e Brocchi (2016). A atuação das instituições também tende a variar de intensidade, de modo que algumas instituições podem ser reconhecidas com importantes por apenas parte das empresas locais, enquanto outras podem ser mencionadas por todas as empresas locais (HOFFMANN; CAMPOS, 2013). Algumas instituições podem ser consideradas tão importantes, ao passo de serem identificadas como fundamentais para a continuidade da atividade turística em dada região (HOFFMANN; CAMPOS, 2013). Novamente, chama atenção o fato de que a quantidade, os serviços prestados e a importância das instituições variam de um destino para outro e, também, o desempenho dos destinos variam. Diante das colocações apresentadas, afirma-se que há relação entre o número de instituições de suporte e o desempenho do destino; e que há relação entre a quantidade de serviços prestados pelas instituições de suporte e o desempenho do destino.

Referências

ANDRÉ, Marién. Políticas locales de dinamización turística y grandes atractivos culturales: el caso de figures. In: SENTIAS, Josep Font (org.). **Casos de turismo cultural: de la planificación estratégica a la gestión del producto**. Barcelona: Ariel, 2004.

CASAROTTO FILHO, Nelson; PIRES, Luis Henrique. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

CASTRO, Marcos; BULGACOV, Sergio; HOFFMANN, Valmir Emil. Relacionamentos interorganizacionais e resultados: estudo em uma rede de cooperação horizontal da região central do Paraná. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 1, p. 25-46, 2011. DOI: 10.1590/S1415-65552011000100003

CUNHA, Sieglinde Kindl; CUNHA, João Carlos. Competitividade e sustentabilidade de um cluster de turismo: uma proposta de modelo sistêmico de medida do impacto do turismo no desenvolvimento local. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. esp., p. 63-79, 2005. DOI: 10.1590/S1415-65552005000600006

DWYER, Larry; KIM, Chulwon. Destination competitiveness: determinants and indicators. **Current Issues in Tourism**, v. 6, n. 5, p. 369-414, 2003. DOI: 10.1080/13683500308667962

ENDRES, Ana Valéria. Redes políticas como novo instrumento de condução política do estado: contextualização frente à complexidade social e possibilidade para o planejamento turístico. **Turismo Visão e Ação**, v. 5, n 3, p. 217-238, 2003. DOI: 10.14210/rtva.v5n3.p217

ESSER, Klaus; HILLEBRAND, Wolfgang; MESSNER, Dirk; MYER-STAMER, Jorg. **Competitividad sistémica: competitividad internacional de las empresas y políticas requeridas**. 1. ed. Berlim: Instituto Alemán de Desarrollo, 1994.

HOFFMANN, Valmir Emil; CAMPOS, Lucila Maria de Souza. Instituições de suporte, serviços e desempenho: um estudo em aglomerações turísticas de Santa Catarina. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 1, p. 18-41, 2013. DOI: 10.1590/S1415-65552013000100003

HOFFMANN, Valmir Emil; CAMPOS, Lucila Maria de Souza. Instituições de suporte, serviços e desempenho: um estudo em aglomerações turísticas de Santa Catarina. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 1, p. 18-41, 2013. DOI: 10.1590/S1415-65552013000100003

HOFFMANN, Valmir Emil; MOLINA-MORALES, Xavier; MARTINEZ-FERNÁNDES, Maria Teresa. Evaluation of competitiveness in ceramic industrial districts in Brazil. **European Business Review**, v. 23, n. 1, p. 87-105, 2011. DOI: **10.1108/09555341111098008**

HOFFMANN, Valmir Emil; OLIVEIRA, Bruna Paixão; BROCCCHI, Jaqueline Thomazine. Instituições de suporte ao turismo nos destinos de Alto Paraíso e Pirenópolis: uma análise sob a perspectiva das redes interorganizacionais. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 1, p. 74-94, 2016. DOI: 10.18472/cvt.16n1.2016.1015

HOFFMANN, Valmir Emil; OLIVEIRA, Bruna Paixão; BROCCCHI, Jaqueline Thomazine. Instituições de suporte ao turismo nos destinos de Alto Paraíso e Pirenópolis: uma análise sob a perspectiva das redes interorganizacionais. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 1, p. 74-94, 2016. DOI: 10.18472/cvt.16n1.2016.1015

HOFFMANN, Valmir Emil; VIANNA, Silvio Luiz Gonçalves; MIYAZAKI, Emily Jundurian; CRUZ, Thiago César; NEGRI, Danielle Vanessa. O papel das instituições de suporte ao turismo nos municípios de Garopaba e Imbituba em Santa Catarina. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, 6., 2007, Itajaí. **Anais...** Itajaí: Univali, 2007.

ISBASOIU, George Marian. Industrial clusters and regional development: the case of Timisoara and Montebelluna. **SSRN Electronic Journal**, v. 5037, n. 1, p. 1-31, 2007. DOI: 10.2139/ssrn.1022310

MITCHELL, Richard; SCHREIBER, Christine. Wine tourism networks and clusters: operation and barriers in New Zealand. In: MICHAEL, Ewen (org.). **Micro-clusters and networks: the growth of tourism**. Amsterdam: Elsevier, 2007.

PRIM, Alexandre Luis; AMAL, Mohamed; CARVALHO, Luciano. Regional cluster, innovation and export performance: an empirical study. **Brazilian Administration Review**, v. 13, n. 2, p. 1-26, 2016. DOI: 10.1590/1807-7692bar2016160028

Capítulo 12

INSTITUIÇÕES DE SUPORTE: DEBATE E PROPOSIÇÕES ACERCA DA ESTRUTURA DE RELACIONAMENTOS E A ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

As aglomerações territoriais aumentam a probabilidade do desenvolvimento da cooperação entre os atores ali dispostos. Contudo, nem sempre essa afirmativa se caracteriza como sendo verdadeira. Há casos em que não há sequer cooperação significativa entre os atores de um destino, como identificado por Hoffmann e Costa (2008) no Brasil, e Baggio, Scott e Cooper (2010), no exterior. Andrighi (2007) conclui que apesar de o destino analisado ser um aglomerado turístico, esse destino não se caracterizou como sendo uma rede interorganizacional e não foi possível verificar associação, estatisticamente significativa, entre as variáveis cooperação, confiança e comunicação. Contudo, a autora pondera o fato de a destinação ser recente e, ainda, em desenvolvimento. Em um cenário recente e em desenvolvimento, pode-se ressaltar a importância das instituições de suporte para promover o relacionamento entre as empresas.

Os agentes dos destinos são sujeitos autônomos, contudo, interdependentes. Esse entendimento está pautado na ideia de complementariedade de recursos que, na visão de Oliver (1990), é um dos fatores que explica o relacionamento entre as empresas. A ideia de complementariedade se relaciona com o conceito de serviços reais de Brusco (1993), tendo em vista que o destino é por definição um ambiente de aglomeração. Levando em conta os conceitos de complementariedade de recursos e do gerenciamento do destino, isso pode ser realizado a partir de uma visão coletiva, ou seja, com todos os agentes do destino, como apontado em Barcelona por André (2004).

Noutro estudo, Oliveira, Hoffmann e Costa (2013) concluem que apesar de as empresas se relacionarem no aglomerado, percebe-se que há poucas ações conjuntas em longo prazo, de modo que são identificadas ações pontuais, como a realização de eventos que promove o relacionamento entre os atores do destino. Depreende-se, a partir do estudo, que há relações interorganizacionais no destino, contudo, elas se caracterizam como sendo de média intensidade e, ainda, há atores que não

interagem com os demais membros da rede. Ademais, Oliveira, Hoffmann e Costa (2013) destacam a atuação das instituições de suporte ao afirmar que elas se caracterizam como uma variável relevante para a manutenção dos negócios nas duas aglomerações estudadas e, ainda, ao promover o relacionamento entre os membros das redes identificadas.

Oliveira, Hoffmann e Costa (2013) identificaram que é possível haver mais de uma rede interorganizacional – quase que independentes – em um mesmo aglomerado turístico. Essa situação, ressalta a importância das instituições de suporte em promover o relacionamento entre os atores de um destino. Ao analisar Alto Paraíso, os autores puderam dividir as redes em “Sede” e “Vila de São Jorge”, e ligação entre as duas redes acontece mediante atores que agem nas duas regiões. Eles concluíram que o destino turístico não é necessariamente uma cidade e, ainda, uma cidade pode se caracterizar por possuir destinos complementares (OLIVEIRA; HOFFMANN; COSTA, 2013). Desse modo, percebe-se que as instituições de suporte podem agir como um ator que possibilita o relacionamento e promove a cooperação entre os membros da destinação (GRANDORI; SODA, 1995; BAIARDI; LANIADO, 2000; DWYER; KIM, 2003; FELZENSZTEIN; GIMMON; CARTER, 2010; CASTRO; BULGACOV; HOFFMANN, 2011; KYLANEN; RUSKO, 2011; ZAMBRANA; TEIXEIRA, 2015).

Assim, as instituições de suporte podem promover o relacionamento entre os atores de um destino e cabe compreender o papel das instituições na promoção dos relacionamentos interorganizacionais (JARILLO, 1988; FOSS; KOCH, 1996; ANDRIGHI, 2007; STACKE; HOFFMANN; COSTA, 2012; THOMAZINE; HOFFMANN; COSTA; VERSCHOORE FILHO, 2013). Posto isso, aponta-se que há relação entre a estrutura dos relacionamentos e o desempenho do destino; e há relação entre a atuação das instituições de suporte e o desempenho do destino.

Referências

BAGGIO, Rodolfo; SCOTT, Noel; COOPER, Chris. Improving tourism destination governance: a complexity science approach. **Tourism Review**, v. 65, n. 4, p. 51-60, 2010. DOI: 10.1108/16605371011093863

BAIARDI, Amilcar; LANIADO, Ruthy Nadia. Entre a competição e a cooperação: valores e atitudes empresariais na perspectiva de uma atuação sistêmica. **Organizações & Sociedade**, v. 7, n. 19, p. 67-80, 2000. DOI: 10.1590/S1984-92302000000300005

CASTRO, Marcos; BULGACOV, Sergio; HOFFMANN, Valmir Emil. Relacionamentos interorganizacionais e resultados: estudo em uma rede de cooperação horizontal da região central do Paraná. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 1, p. 25-46, 2011. DOI: 10.1590/S1415-65552011000100003

DWYER, Larry; KIM, Chulwon. Destination competitiveness: determinants and indicators. **Current Issues in Tourism**, v. 6, n. 5, p. 369-414, 2003. DOI: 10.1080/13683500308667962

FELZENSZTEIN, Christian; GIMMON, Eli; CARTER, Sara. Geographical co-location, social networks and interfirm marketing co-operation: the case of the salmon industry. **Long Range Planning**, v. 43, n. 5-6, p. 675-690, 2010. DOI: 10.1016/j.lrp.2010.02.006

FOSS, Nicolai Juul; KOCH, Carsten Allan. Opportunism, organizational economics and the network approach. **Scandinavian Journal of Management**, v. 12, n. 2, p. 189-205, 1996. DOI: 10.1016/0956-5221(95)00030-5

GRANDORI, Anna; SODA, Giuseppe. Inter-firm Networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organization Studies**, v. 16, n. 2, p. 183-214, 1995. DOI: 10.1177/017084069501600201

HOFFMANN, Valmir Emil; COSTA, Helena Araújo. Competitividade sistêmica em destinos turísticos: um estudo a partir da cooperação, confiança e comunicação entre micro e pequenas empresas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Maringá: ANPAD, 2008.

JARILLO, Carlos. On strategic networks. **Strategic Management Journal**, v. 9, n. 1, p. 31-41, 1988. DOI: 10.1002/smj.4250090104

OLIVEIRA, Leandro Santana; HOFFMANN, Valmir Emil; COSTA, Helena Araújo. Cooperação como fonte de competitividade: um estudo comparativo entre os destinos turísticos de Alto Paraíso e Pirenópolis (GO). In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA - 3Es, 6., 2013, Bento Gonçalves. **Anais...** Maringá: ANPAD, 2013.

ZAMBRANA, Aline Aragão; TEIXEIRA, Rivanda Meira. Relações cooperativas locais segundo a perspectiva das proximidades - uma análise em APLs de confecções. **Desenvolvimento em Questão**, v. 13, n. 31, p. 39-69, 2015. DOI: **10.21527/2237-6453.2015.31.39-69**

Capítulo 13

GERENCIAMENTO, INSTITUIÇÕES DE SUPORTE E O DESEMPENHO DE AGLOMERADOS: CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

João Barbosa França
Faculdade UPIS - DF
profjoaofranca@gmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

Até este ponto o presente livro discutiu a relação entre a presença, a atuação, os serviços fornecidos e a estrutura de relacionamentos das instituições de suporte e o desempenho dos destinos turísticos. A partir do debate conduzido, o livro apresentou seis proposições: (i) a diferença entre o tipo de instituições de suporte nos destinos não é significativa; (ii) a diferença entre o tipo de serviços prestados pelas instituições de suporte é significativa; (iii) há relação entre o número de instituições de suporte e o desempenho do destino; (iv) há relação entre a quantidade de serviços prestados pelas instituições de suporte e o desempenho do destino; (v) há relação entre a estrutura dos relacionamentos e o desempenho do destino; e (vi) há relação entre a atuação das instituições de suporte e o desempenho do destino. Proposições de estudos futuros se embasam nessas proposições.

O motor principal para a condução de um debate teórico é a busca pela compreensão teórica e um esforço inicial para o preenchimento de lacunas acerca de um fenômeno. As seis proposições apresentadas pelo livro podem ser analisadas de diversas maneiras. Como sugestões apresenta-se: (i) investigar, a partir de uma abordagem qualitativa, dois destinos turísticos brasileiros, sendo um de alto desempenho e outro de baixo desempenho; (ii) investigar, a partir de uma abordagem quantitativa, grande quantidade de destinos turísticos brasileiros.

O tema é relevante tendo em vista: (i) a relevância do turismo para a economia nacional; (ii) a potencialidade não explorada do turismo brasileiro; (iii) a importância do conhecimento científico para a formulação de políticas públicas e para o desenvolvimento do turismo; (iv) a carência de estudos que analisam o desempenho de destinos turísticos a partir da ótica de produto turístico; (v) a carência de modelos de desempenho do turismo em economias em desenvolvimento; (vi) a carência de

pesquisas que analisem um grande número de estudos de caso; (vii) a elaboração de estudos que possibilitem comparações entre diferentes casos; (viii) a elaboração de estudos que analisem caso semelhantes; (ix) analisar destinos geograficamente pequenos.

Para dar continuidade ao debate desenvolvido, novas pesquisas precisam ser conduzidas. A triangulação entre métodos qualitativos e quantitativos, que utilizem o mesmo arcabouço teórico e que testem proposições podem dar mais robustez ao conhecimento da área. Ademais, essas duas abordagens se apresentam como complementares (PARKHE, 1993; GABLE, 1994).

Em suma, como toda área do conhecimento há muitas questões em aberto; diversas perguntas sem respostas. O que pode ser visto como algo positivo, pois essas dúvidas/perguntas movem aqueles que se dedicam a entender os fenômenos. O presente livro se preocupou em levantar perguntas e, ainda, propor algumas possíveis respostas – a partir das proposições. Espera-se que as sugestões aqui colocadas estimulem pesquisadores na busca por uma melhor teorização e na busca por evidências empíricas acerca da relação existente entre a gestão do destino turístico, as instituições de suporte e o desempenho das destinações.

Nesse sentido, além do que já foi posto, o presente livro apresenta mais seis capítulos que apresentam as características de seis destinos turísticos indutores (BRASIL, 2015). Espera-se que os capítulos possam dar um panorama geral dos destinos e que possam motivar estudos na área.

Referências

PARKHE, Arvind. Strategic alliance structuring: a game theoretic and transaction cost examination of interfirm cooperation. **Academy of Management Journal**, v. 36, n. 4, p. 794-829, 1993. DOI: 10.2307/256759

GABLE, Guy. Integrating case study and survey research methods: an example in information systems. **European Journal of Information Systems**, v. 3, n. 1, p. 112-126, 1994.

MTUR, Ministério do Turismo. Índice de Competitividade do Turismo Nacional - Mateiros. FGV/MTUR/SEBRAE, 2015.

Capítulo 14

BENTO GONÇALVES - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

Bento Gonçalves-RS tem uma área territorial de 274 mil km², com um esgotamento sanitário adequado de 87%, arborização e urbanização de vias públicas de 73% (IBGE, 2010). Sua população estimada para 2019 é de 119 mil habitantes (IBGE, 2010). É a oitava economia mais rentável do Rio Grande do Sul e desponta como um importante destino turístico em meio a montanhas, serras e um desenvolvimento humano e ambiental notáveis (TREVIZAN, 2019). O Rio Grande do Sul é responsável por 90% da produção brasileira de vinho e abriga cinco das seis principais regiões vinícolas brasileiras (TREVIZAN, 2019). Dentro do Estado, a região da Serra Gaúcha é a mais importante, contendo cinco sub-denominações: Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira, Altos Montes, Farroupilha e Monte Belo (GODINHO; FALCADE; AHLERT, 2007). As paisagens da cidade, assim como de outros municípios da região, se caracterizam por um grande número de vales, montanhas e vinhas (FALCADE, 2004).

Essa cidade foi colonizada, majoritariamente, por imigrantes italianos perto do final do século XIX (TONINI, 2009). Grande parte dos imigrantes italianos trouxe consigo mudas de parreiras de suas casas para fazer seu próprio vinho (TONINI, 2009). Muitos dos moradores mais velhos ainda falam um antigo dialeto veneziano, e a cultura italiana causou um grande impacto na cena culinária local (TONINI, 2009). Entre o final do século XIX e o início do século XX essa região recebeu, ainda, imigrantes portugueses, alemães, poloneses e espanhóis (BENTO GONÇALVES, 2018). Há uma grande variedade de delícias culinárias em oferta, resultado do caldeirão de diferentes culturas presentes na cidade (BENTO GONÇALVES, 2018). Seus edifícios históricos e patrimônio cultural resultantes da imigração desses povos ajudaram-na a se tornar uma das grandes cidades turísticas da Serra Gaúcha (TRT, 2005).

Bento Gonçalves-RS é a capital do vinho do Brasil (TONINI, 2009). A maioria dos vinhos e sucos de uva nacionais são produzidos nesse município (TRT, 2005). O município, juntamente com Caxias do Sul-RS, Garibaldi-RS e outras cidades, faz parte da Rota da Uva e do Vinho, no Sul do país (TONINI, 2009). As diferentes ro-

tas do turismo do vinho na Serra Gaúcha têm como base de referência a cidade de Bento Gonçalves-RS (TONINI, 2009). A partir dela é possível percorrer um grande número de municípios, cada um com suas atrações locais, muitas delas relacionadas à cultura do vinho (TONINI, 2009). As várias vinícolas concentradas na região oferecem uma grande diversidade de produtos, destacando-se vinhos espumantes e vinhos tintos (TONINI, 2009). O Vale dos Vinhedos é a primeira região produtora de vinhos do Brasil com Denominação de Origem, e Bento Gonçalves-RS é uma das poucas cidades do país a ter um curso Técnico em Enologia (TONINI, 2009).

O Brasil começou a despontar como produtor de vinhos quando na região Sul, especificamente nas serras gaúchas, começaram as primeiras vinícolas com venda comercial de vinhos (BENTO GONÇALVES, 2018). O denominado Vale dos Vinhedos teve, no ano de 2002, uma indicação geográfica importante que transformou a região num polo turístico do vinho (BENTO GONÇALVES, 2018). As regras rígidas que os produtos dessa região devem obedecer fazem com que os produtos sejam mais reconhecidos do que de outros locais não reconhecidos com indicação geográfica (BENTO GONÇALVES, 2018). Até a década de 1990, o Brasil operava sob uma economia fechada – isso referindo-se à indústria do vinho (RIVELLI, 2014). Por conta disso, não houve concorrência aos vinhos brasileiros, logo, a população nacional comprava o que pudessem obter localmente (RIVELLI, 2014). Posteriormente, quando o país passou a receber vinhos finos de países como Argentina e Uruguai, os produtores de vinho do Brasil foram forçados a produzir vinhos melhores e mais competitivos para sua própria sobrevivência. Assim, apenas nos últimos 20 anos que essa indústria nacional passou a evoluir mais fortemente (RIVELLI, 2014).

Atualmente, os vinhos brasileiros geralmente são leves, frescos, frutados e com teor alcoólico menor do que os vinhos tintos arrojadados e encorpados que são comuns de encontrar em outras partes do mundo (BENTO GONÇALVES, 2018). Eles são extremamente acessíveis e podem ser degustados em todas as ocasiões (BENTO GONÇALVES, 2018). Os produtores de vinho brasileiros usam três métodos: Tradicional (usado para champanhe, cava e espumantes da Califórnia de alta qualidade), Charmat e Muscat (RIVELLI, 2014).

A viticultura é a principal atividade econômica do município (IBGE, 2018). A cidade é o centro das vinícolas brasileiras, e o Festival Nacional do Vinho, realizado anualmente, é uma importante atração turística (BENTO GONÇALVES, 2018). Embora jovem, a indústria do vinho do Brasil tem trabalhado arduamente para se desenvolver (BENTO GONÇALVES, 2018). O país é responsável pela quinta maior produção de vinho do Hemisfério Sul (IBGE, 2018). O Brasil é coberto por 79.000 hectares de vinhedos (aproximadamente 195.000 acres), mais de 1.000 vinícolas – 90% das quais são pequenas vinícolas familiares – e mais de 20.000 famílias produtoras de vinho, que produzem pequenas quantidades de vinho para si ou para vender através de coletivos (BENTO GONÇALVES, 2018).

Ademais, Bento Gonçalves-RS é um polo moveleiro conhecido nacional e internacionalmente (MARQUES, PASQUALETO, ANDRADE, 2014). O polo moveleiro de Bento é a principal força no segmento industrial da cidade (MARQUES, PASQUALETO, ANDRADE, 2014). O setor opera com tecnologia de última geração e utiliza os mais modernos e qualificados sistemas empresariais e organizacionais do mundo, tornando-o o polo moveleiro mais expressivo e o mais importante do Rio Grande do Sul e um dos mais fortes de todo o Brasil (MARQUES, PASQUALETO, ANDRADE, 2014). O setor moveleiro de Bento Gonçalves-RS representa 8% da produção nacional de móveis e 40% da produção estadual (MARQUES, PASQUALETO, ANDRADE, 2014). Hoje, o município possui 293 empresas que se dedicam basicamente a produção de máquinas e equipamentos para a indústria moveleira e vinícola (PAIVA; LENTZ JÚNIOR, 2019). A cidade se destaca por suas grandes feiras e eventos, por vários atrativos turísticos, por suas rotas turísticas, e por ter eventos nas quatro estações, permitindo ao visitante ter experiências únicas durante todo o ano (PAIVA; LENTZ JÚNIOR, 2019).

Quanto às atrações turísticas, Bento Gonçalves-RS é uma das cidades mais charmosas do país e possui um clima de romance no ar (FÁVERO, 2012). São muitas as atrações disponíveis aos visitantes. Destaca-se a presença de cinco rotas que podem ser visitadas nas imediações de Bento Gonçalves-RS: Vale dos Vinhedos, Caminhos de Pedra, Vale das Antas, Faria Lemos e Linha Eulália (FÁVERO, 2012). Há mais de trinta vinícolas, que estão abertas à visita durante todo o ano (FÁVERO, 2012). As visitas podem ser pagas ou não, a depender da adega, e geralmente oferecem degustação (FÁVERO, 2012). No Vale dos Vinhedos, a região vinícola mais importante do país, pode-se fazer visitas guiadas a pequenos produtores e aprender tudo sobre os processos e degustar os melhores vinhos e espumantes produzidos na Serra Gaúcha (FÁVERO, 2012). Esta é uma das atividades mais procuradas pelos visitantes (BONOTTO, *et al.*, 2018). O Vale dos Vinhedos é conhecido por suas colinas, hotéis, restaurantes e adegas premiadas. A título de exemplo, a vinícola Lidio Carraro produziu os vinhos oficiais da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 (BENTO GONÇALVES, 2018). Certamente, as vinícolas, as serras geladas, vales encantadores e plantações diversas – como uvas e maçãs – são atrativos turísticos importantes da região sul do país (BENTO GONÇALVES, 2018). No entanto, o turismo não se pauta apenas nesses atributos (BENTO GONÇALVES, 2018).

Também pode-se participar de oficinas de fabricação e provar queijos em alguns lugares (BONOTTO, *et al.*, 2018). Nas propriedades, pode-se encontrar cantinas, restaurantes e lojas de artesanato (BONOTTO, *et al.*, 2018). Complementando a oferta turística, hotéis, restaurantes, ateliês de arte, queijarias, geleias e doces são distribuídos na região (BONOTTO, *et al.*, 2018). Passear por este caminho é

muito remanescente da Toscana, região da Itália (BENTO GONÇALVES, 2018). Os vales, cânions, rios e cavernas da região são o cenário perfeito para quem gosta de aventura, como a prática de rapel (BENTO GONÇALVES, 2018). Outra experiência disponível é o passeio de trem, a Maria Fumaça (BENTO GONÇALVES, 2018). O trem a vapor percorre a bela região da Serra Gaúcha e há atrações italianas durante a viagem (DALL'ANGOL; GASTAL, 2008). A antiga locomotiva a vapor percorre o caminho entre as cidades de Bento Gonçalves-RS e Carlos Barbosa (BENTO GONÇALVES, 2018).

O turista também pode visitar o Parque Temático Épico Italiano, que conta a história de um casal de imigrantes, repleto de efeitos especiais e onde pode-se saborear os sucos e biscoitos frescos da região (DALL'ANGOL; GASTAL, 2008). As atrações da cidade contam ainda com museus, como por exemplo, o museu do imigrante, inaugurado em 1974 (BENTO GONÇALVES, 2018). Esse museu funciona em um prédio histórico datado de 1913 (CÉSAR, 2016). A comunidade italiana da região já realizou diversas doações ao museu que abriga itens antigos, raros e de relevante valor cultural e artístico para a comunidade (BONOTTO, *et al.* 2018).

A cidade ainda conta com outros pontos turísticos como, Casa do Artesão e do Artista Plástico de Bento Gonçalves, Biblioteca Pública Castro Alves, Pipa Pórtico, La Fontana, Monumento aos Imigrantes Italianos, Ponte Ernesto Dorneles e Ferradura do Vale do Rio das Antas (BENTO GONÇALVES, 2018). Grande parte das atrações culturais do município estão relacionadas com a Fundação Casa das Artes, que foi inaugurada em 1986 com o objetivo de formular e executar a política cultural do município, promovendo o aprimoramento de manifestações artístico-culturais (BENTO GONÇALVES, 2018).

Referências

BENTO GONÇALVES, Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves. **A cidade**. Sem data. Disponível em: <<http://www.bentogoncalves.rs.gov.br>>. Acesso em: 25 de jun. de 2018.

BONOTTO, Camile; SANTOS, Eurico de Oliveira; THOME-ORTIZ, Humberto; GONZÁLEZ, Noe Antônio Aguirre. Desenvolvimento rural da região dos Caminhos de Pedra, no município de Bento Gonçalves/RS - Brasil. **Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2018.

CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt. Roteiros turístico-culturais na Serra Gaúcha (RS-Brasil): escolha e formação dos percursos e seu apelo histórico memorial. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 3, p. 416-434, 2016.

DALL'ANGOL, Sandra; GASTAL, Susana. Turismo e suas percepções: Bento Gonçalves (RS). In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Balneário Camboriú: ANPTUR, 2008.

FALCADE, Ivanira. Enoturismo nas regiões vitivinícolas Serra Gaúcha e Vale dos Vinhedos (Brasil): construções teóricas no campo do turismo. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO NO MERCOSUL, 2., 2004, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2004.

FÁVERO, Ivane Maria Remus. A competitividade do turismo: o caso de Bento Gonçalves - Serra Gaúcha. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO NO MERCOSUL, 7., 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2012.

GODINHO, Jones; FALCADE, Ivanira; AHLERT, Siclério. O uso de imagens de satélite como recurso didático para o ensino de Geografia. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 8., 2007, Florianópolis. **Anais...** São José dos Campos: INPE, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 de jan. de 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorma das cidades brasileiras**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em: 22 de jan. de 2020.

MARQUES, Ellen Cristina Silva; PASQUALETO, Antônio; ANDRADE, Dayanne. Diagnóstico socioeconômico e ambiental do assentamento São Domingos dos Olhos D'água após a construção e recuperação da estrutura física. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS PARA O MEIO AMBIENTE, 4., 2014, Bento Gonçalves. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2014.

PAIVA, Carlos Águedo; LENTZ JÚNIOR, Luiz. **A dimensão socioeconômica da vitivinicultura gaúcha**. 1. ed. Bento Gonçalves: IBRAVIN, 2019.

RIVELLI, Marilia Jazmin. Um evento e sua trajetória histórica: a Fenavinho em Bento Gonçalves-RS. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO NO MERCOSUL, 8., 2014, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2014.

TONINI, Hernanda. Economia da experiência: o consumo de emoções na região uva e vinho. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 3, n. 1, p. 4-14, 2009.

TRT, 4ª Região. **Características da história econômica do Rio Grande do Sul que configuram a presença de focos principais de coleções documentais no acervo da Justiça do Trabalho.** Porto Alegre: Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul, 2005.

Capítulo 15

PARANAGUÁ - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

A cidade de Paranaguá-PR encontra-se situada no litoral do estado e é conhecida como a Cidade Mãe do Paraná (PARANAGUÁ, 2018). Apesar de o Paraná ser um estado frio, Paranaguá-PR é bastante quente (PARANAGUÁ, 2018). Possui limite com o norte de Antonina e Guaraqueçaba por meio da Baía de Paranaguá-PR, encontra-se ao sul de Guaratuba e Matinhos, a Leste com Pontal do Paraná e por fim, a oeste com Morretes. O município compõe uma região de 826 mil km² de extensão (IBGE, 2018). O Porto de Paranaguá-PR encontra-se a 91 km de distância da capital Curitiba (MELLO; ABREU; FELTRIM, 2017). O espaço geográfico de Paranaguá-PR não se pauta apenas pelas linhas divisórias de territórios, mas pela questão social e turística (IBGE, 2018). A cidade abriga mais da metade dos residentes no litoral paranaense (NEU, 2012). A expansão da cidade em direção ao norte do estado se deu pela expansão portuária e principalmente na década de 30, quando em 1935 inaugurou-se o porto dom Pedro II (RICOBOM, CANEPARO, 2014). Nesse espaço geográfico, de fundação à época do Brasil Colônia, há marcas importantes na história local e nacional (RICOBOM, CANEPARO, 2014).

Paranaguá-PR significa “Grande Mar Redondo”, na língua tupi-guarani (PARANAGUÁ, 2018). Foi assim que os índios denominaram a região onde hoje está situada a cidade (PARANAGUÁ, 2018). A cidade começou a ser povoada em meados de 1550, inicialmente pela ilha da Cotinga, que se tornou um importante ponto de apoio no processo de pesquisas auríferas (PARANAGUÁ, 2018). Os vicentinos e os cananeenses haviam recebido informações de que naquela região havia ouro, na então denominada Terras de Sant’Ana, e intensificaram suas navegações ao encontro de riquezas que a terra supostamente poderia ofertar (PARANAGUÁ, 2018).

Em 1550, as canoas vicentinas aportaram na ilha da Cotinga, próxima do continente (ABRAHÃO, BAHL, 2011). Os exploradores ficaram encantados com as belezas da região e depararam-se com várias habitações de índios carijó (ABRAHÃO, BAHL, 2011). Os vicentinos ficaram com receio de serem atacados pelos índios, e en-

tão partiram dali em direção à Ilha Rasa, onde fizeram suas habitações (ABRAHÃO, BAHL, 2011). Por toda a região, os exploradores mineravam nos recôncavos, serões e rios que circundavam a baía em busca de ouro, onde por fim o acharam (PARANAGUÁ, 2018). As regiões onde foram descobertas a presença de ouro ficaram conhecidas como Minas de Paranaguá-PR (PARANAGUÁ, 2018). A informação de que foi achado ouro na área se espalhou rapidamente, fazendo com que faiscadores fossem a procura da região, unindo-se aos demais grupos que já trabalhavam com bateias (PARANAGUÁ, 2018). Apesar da grande exploração que ocorrera na região, os índios carijós possuíam um bom relacionamento de amizade e escambo, o que facilitou o processo de povoamento das ilhas (PARANAGUÁ, 2018).

Em virtude dessas mudanças, a povoação aumentou consideravelmente, havendo necessidade da criação da Câmara Municipal, então Paranaguá-PR tornou-se vila com pelourinho e escrivão juramentado (CANEPARO, 2000). Na década de 1660, de vila passou-se à capitania, e ao longo dos anos foi-se expandindo o casario pelas margens do Rio Itiberê e tecendo com os fios de ouro a história (CANEPARO, 2000). A criação da Capitania dos Portos do Paraná originou, muitos anos depois, a criação da Província do Paraná – em 13 de fevereiro de 1854 (PARANAGUÁ, 2018). O marco principal para Paranaguá-PR, até então, se deu na ilustre visita de D. Pedro II no ano de 1880, com o intuito de lançar a pedra fundamental do edifício da Estação Ferroviária (PARANAGUÁ, 2018). Surpreendentemente, a estrada de ferro foi construída num período muito curto considerando a imensidão da obra e em 2 de fevereiro de 1885 foi inaugurada (PARANAGUÁ, 2018). Alguns anos à frente, em 1935 a cidade de Paranaguá-PR foi agraciada com o famoso Porto Dom Pedro II – sua instalação alterou todo o perfil econômico da cidade, sendo tido como o segundo maior em volume de exportações e o primeiro da América Latina em movimentação de grãos (CANEPARO, 2000).

O principal atrativo turístico da cidade de Paranaguá-PR é a Ilha do Mel (PARANAGUÁ, 2018). Ela possui em torno de 95% de sua extensão de ecossistemas de restinga e Floresta Atlântica ainda preservadas, e destaca-se pelo ecoturismo (MELLO; ABREU; FELTRIM; 2017; PARANAGUÁ, 2018). Em 1975, a Ilha do Mel foi tombada pelo Patrimônio Artístico e Histórico do Paraná, com intuito de garantir a proteção e a preservação da fauna e da flora, bem como os aspectos naturais, históricos e arquitetônicos (RICOBOM, CANEPARO, 2014). O acesso à Ilha do Mel se dá em conformidade com as normas internacionais voltadas às reservas mundiais de biosfera – fato que colabora com a sua preservação (PARANAGUÁ, 2018). O acesso à Ilha do Mel se dá partindo do Pontal do Sul, que fica em Pontal do Paraná, ou partindo de Paranaguá-PR (PARANAGUÁ, 2018).

Além da Ilha do Mel, Paranaguá-PR conta com duas Unidades de Conservação (UC), uma Estação Ecológica e um Parque Estadual (RICOBOM, CANEPARO,

2014). Ademais, encontra-se museus, trilhas ecológicas, uma cozinha experimental, viveiro de mudas, ancoradouro de barcos e comércio de artesanato (PARANAGUÁ, 2018). Ainda, pode-se visitar as Grutas das Encantadas, localizadas na região meridional da ilha, num grande paredão rochoso, sendo um ambiente repleto de lendas e histórias fantásticas (ABRAHÃO, BAHL, 2011). Ainda acerca dos atrativos naturais, destaca-se o Morro das Conchas, o Morro do Miguel e o Morro do Meio, além de belas praias e ilhas (PARANAGUÁ, 2018).

No que tange os atrativos históricos, pode-se apontar o Farol das Conchas e a Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres (MELLO, ABREU, FELTRIM, 2017). Na floresta, são executadas ações com fomento de educação ambiental, ressaltando a relevância da proteção do bioma Floresta Atlântica, sua flora e fauna, conservação do solo e recursos hídricos (ABRAHÃO, BAHL, 2011). Outro importante ponto turístico de Paranaguá-PR é o Aeroparque, que teve sua inauguração em 2003 com o objetivo de oferecer a oportunidade da prática de esportes e lazer (CANEPARO, 2000). O Aeroparque dispõe uma pista com 3.500 metros para caminhar e correr, *playgrounds*, pista de skate, pista de motocross, aparelhos de musculação, quadra de futebol e vôlei de praia (CANEPARO, 2000).

Referências

ABRAHÃO, Cinthia Sena Abrahão; BAHL, Miguel. Turismo cultural e desenvolvimento incluyente: o caso de Paranaguá, Paraná, Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 22, n. 1, p. 96-118, 2011. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v22i1p96-118

CANEPARO, Sony Cortese. Análise da dinâmica espacial da ocupação antrópica em Paranaguá-PR (1952-1996), através do uso de sistema de informações geográficas. **Revista RA'EGA**, v. 4, n. 1, p. 111-130, 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorma das cidades brasileiras**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em: 22 de jan. de 2020.

MELLO, Yara Rúbia de; ABREU, Felipe Costa; FELTRIM, Wilson Flávio. Características climáticas e análise rítmica aplicada a episódios extremos de precipitação e no município de Paranaguá, PR. **Revista Brasileira de Climatologia**, v. 20, n. 1, p. 313-336, 2017.

NEU, Márcia Fernandes Rosa. Relação porto e cidade: breve estudo comparativo entre Paranaguá (PR) e Rio Grande (RS). **CaderNAU-Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas**, v. 5, n. 1, p. 1-28, 2011.

PARANAGUÁ, Prefeitura Municipal de Paranaguá. **A cidade**. Sem data. Disponível em: <secultur.paranagua.pr.gov.br>. Acesso em: 28 de jun. de 2018.

RICOBOM, Arnaldo Eugênio; CANEPARO, Sony Cortese. A cartografia prospectiva e a geração de mapas preditivos do uso e cobertura da Terra - estudo de caso: perímetro urbano de Paranaguá - Paraná - Brasil. **RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 31, n. 1, p. 227-259, 2014. DOI: 10.5380/raega.v31i0.31029

Capítulo 16

CALDAS NOVAS - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

Caldas Novas-GO está localizada a 300 km de Brasília e a 150 km de Goiânia (IBGE, 2018). As melhores formas de chegar até a cidade é ir a Goiânia ou Brasília e alugar um carro ou pegar um ônibus para a cidade de destino (IBGE, 2018). O último censo apontou que em 2010 a cidade tinha 70 mil habitantes com uma projeção de aumento para 89 mil habitantes no ano de 2019 (IBGE, 2010).

A história do povoamento da região onde se encontra a cidade de Caldas Novas-GO remonta ao século XVIII (ALBUQUERQUE, 1996). Bartolomeu Bueno da Silva Filho, também conhecido como bandeirante Anhanguera, descobriu as fontes termais da região em 1722 e, posteriormente, Martin Coelho de Siqueira, outro bandeirante, criou um movimento para a criação de uma aldeia na região (ALBUQUERQUE, 1996). Em 1777, Coelho Siqueira encontrou novas nascentes pelo rio Pirapetinga e pelo ribeirão de Lavras, batizando-as de Caldas de Pirapetinga e Caldas Novas-GO, respectivamente (ALBUQUERQUE, 1996).

A Fazenda das Caldas – onde hoje encontra-se a cidade de Caldas Novas-GO –, era uma propriedade de Martin Coelho de Siqueira (ALBUQUERQUE, 1996). Após sua morte e após a morte de seu filho, Antônio Coelho de Siqueira, a fazenda foi vendida para José Domingos Ribeiro, que doou parte da propriedade para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Exílio (ALBUQUERQUE, 1996). Em 1880, Caldas Novas-GO se separou de Santa Cruz e foi anexada ao município de Vila Bela de Morrinhos, atual Morrinhos-GO (ALBUQUERQUE, 1996). Em 1893 foi elevado à condição de distrito, em 1911 foi elevado à condição de vila e, por fim, em 21 de junho de 1923 Caldas Novas-GO foi elevada à categoria de Cidade (ALBUQUERQUE, 1996).

Caldas Novas-GO é um destino turístico muito popular, sendo visitado com mais frequência nos finais de semana, ao longo de feriados e durante o período de férias (PORTUGUEZ, 2001). Caso a visita seja com o objetivo de ter sossego, é melhor comparecer durante dias úteis (PORTUGUEZ, 2001). Por se tratar de uma região quente, é preciso considerar o tipo de roupa que irá utilizar (PORTUGUEZ,

2001). Roupas de banho apropriadas e protetor solar são essenciais para aproveitar todas as atrações de Caldas Novas-GO e Rio Quente (PORTUGUEZ, 2001). A cidade é um destino mais voltado para o âmbito familiar – com grande presença de crianças e idosos (PORTUGUEZ, 2001). Já para os jovens, a cidade não oferece muitas casas noturnas, não havendo muitas atrações nesse sentido – exceto em período de eventos e shows na cidade (PORTUGUEZ, 2001).

O maior atrativo turístico de Caldas Novas-GO são as águas termais (PORTUGUEZ, 2001). A cidade é considerada a maior estância hidrotermal do mundo (IBGE, 2018). Os rios de Caldas Novas-GO, e de sua vizinha Rio Quente-GO, apresentam água morna e oferecem propriedades medicinais, sendo possível aproveitar o passeio mesmo nas noites mais frias de inverno (PANZERA, 2018). Em Caldas Novas-GO, há a presença de hotéis e parques aquáticos que exploram e, naturalmente, oferecem aos visitantes a oportunidade de entrar em contato com as águas termais conjuntamente à uma infraestrutura confortável (PANZERA, 2018).

Além dos hotéis e parques, a cidade de Caldas Novas-GO fornece uma série de atrativos turísticos (PANZERA, 2018). Segundo Panzera (2018), as principais atrações turísticas e de infraestrutura da cidade são: i) Praça Mestre Orlando (centro da cidade) – construída em 1911 e reformada em 2007, quando fontes luminosas foram adicionadas; ii) Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores – promove uma festa anual no dia 15 de setembro. Foi construída em 1850, no estilo tradicional goiano e tem a reputação de ser o edifício mais antigo da cidade; iii) Monumento às Águas Quentes – é uma fonte de pedra gigantesca inaugurada em 2004 pelo *Thermas diRoma Hotel*; iv) Lagoa Quente Pirapitinga – lar da famosa tradição de cozinhar um ovo em temperatura ambiente (PANZERA, 2018). Possui piscinas e *campings*, e localiza-se no quilômetro seis da estrada para o Pires do Rio-GO; v) Parque Ecológico Serra de Caldas (PESCAN) – foi criado em 1970 para proteger o principal ponto de recarga das águas termais da região e foi estruturado para receber visitantes em 1999 (PANZERA, 2018). O parque possui 123 km² de extensão e, nele, é possível desfrutar das belezas da flora e fauna do cerrado brasileiro; vi) Casarão dos Gonzaga – construído em 1907 para sediar a fazenda de um ex-prefeito, atualmente abriga o Centro de Apoio Artesão; e vii) Lago de Corumbá – alimenta a barragem do mesmo nome e é muito utilizado para pesca e esportes aquáticos (PANZERA, 2018).

Referências

ALBUQUERQUE, Carlos. **Caldas Novas: além das águas quentes**. 1. ed. Caldas Novas: Kelps, 1996.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorma das cidades brasileiras**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em: 22 de jan. de 2020.

PANZERA, Camille. Pontos turísticos de Caldas Novas. **Guia de destinos**, 2018. Disponível em: <guia.melhoresdestinos.com.br/o-que-fazer-em-caldas-novas-214-2734-p.html>. Acesso em: 20 de jan. de 2018.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Consumo e espaço**: turismo, lazer e outros temas. 1. ed. São Paulo: Roca, 2001.

Capítulo 17

SÃO JOAQUIM - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

São Joaquim-SC possui uma população estimada de 27 mil habitantes (IBGE, 2010). A cidade ocupa uma área de 1.892 km², a 1354 metros de altitude e faz divisa com: Bom Jardim da Serra, Urubici, Urupema, Painel e Lages (IBGE, 2018). A localização da cidade está a 276 km de Florianópolis, capital do estado (IBGE, 2010). As temperaturas médias em Santa Catarina variam substancialmente de acordo com a localização altimétrica, definindo uma região caracteristicamente mais fria no interior (IBGE, 2018). A região onde se localiza São Joaquim-SC, com altitudes superiores a 1.000 metros, tem uma média anual de temperatura em aproximadamente 10°C. Nesses locais são comuns geadas e nevascas nos meses de inverno, criando paisagens cobertas de gelo e neve que lembram regiões da Europa (BERTONCINI, 2011).

Por volta do ano de 1750, uma fazendeira da região casa-se com um capitão-mor da vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lajes e, após isso, por volta do ano de 1755 chegam à região novos posseiros que se instalam e fundam suas fazendas (SÃO JOAQUIM, 2018). Casamentos entre membro das famílias da região transformam o local em um feudo em meados de 1820 (SÃO JOAQUIM, 2018). O progresso chega mais perto da região por meio da abertura de estradas, como a que ligara os povoados de Lajes à Laguna (LOSSO, PEREIRA, 2012). Essa abertura, ao que consta, deve-se ao estancieiro Manoel Joaquim Pinto de São Paulo, tido como o fundador da atual cidade (LOSSO, PEREIRA, 2012). A instalação da primeira Câmara Municipal da cidade foi em 7 de maio de 1887 (IBGE, 2018). São Joaquim-SC, nasce sendo uma cidade pequena na região serrana de Santa Catarina e tendo como característica principal a precipitação de neve no período de inverno (SÃO JOAQUIM, 2018). Era considerada a cidade mais fria do país até ter seu posto perdido para a cidade de Urupema, também situada nas serras catarinenses (SÃO JOAQUIM, 2018).

A economia do município era fundamentada na pecuária, mas teve grande impulso com a cultura de frutas, iniciada na década de 1970 (LOSSO; PEREIRA, 2010). Hoje, São Joaquim-SC é o terceiro produtor de frutas do estado – contando

mais de 600 pequenos produtores –, a principal produtora de maçã de Santa Catarina e uma das maiores produtoras de maçãs do país (IBGE, 2018). A economia da cidade, por natureza, sempre foi voltada à agricultura e plantação de frutas (LOSSO; PEREIRA, 2010). Também é reconhecida pela produção de vinhos, sucos de uva e geleias – conquistando prêmios nacionais e internacionais (BERTONCINI, 2011). Todos os vinhos e espumantes da região são feitos com uvas altamente selecionadas de vinhedos acima de 1.200 metros de altitude (BERTONCINI, 2011). Existem vinícolas com adegas de alta tecnologia, com equipamentos importados da Europa e aprimorados para ser mais eficientes, seguros e permitir produzir produtos de alta qualidade (BERTONCINI, 2011). A introdução de política de vinho de altitude abriu uma série de oportunidades para os produtores de vinho. Isso porque, outrora, a matéria-prima do produto (uva) era vendida no mercado local como frutas frescas e uma pequena quantidade era vendida como passas – havendo a desvantagem de as uvas estragarem rapidamente. Os produtores de uvas da serra catarinense conseguiram assegurar lucros devido à demanda por parte das vinícolas e à abundância de matéria-prima, devido às condições climáticas adequadas para a produção de uvas (FLORES, 2012).

A cidade de São Joaquim-SC detém muitas características voltadas para a produção e vida agropecuária (BERTONCINI, 2011). Tem participação predominantemente na economia de produção rural, superior à do restante do estado (BERTONCINI, 2011). Já o setor de serviços, contam com participações de atividades turísticas, hospedagens, aluguéis imobiliários e serviços de passeios guiados (BERTONCINI, 2011). A cidade e seu entorno têm grande participação na economia primária do estado de Santa Catarina (BERTONCINI, 2011). Notadamente em relação a produção agrícola de lavouras permanentes, destacando-se o cultivo de maçãs. Há ainda, destaques para as plantações de hortaliças e verduras, além milho e soja (BERTONCINI, 2011).

Ademais dessas vocações, o turismo despontou como um importante atributo para a região que, ao plantar uvas em altitude elevada, descobriu sua vocação para o turismo enológico (LOSSO; PEREIRA, 2010). Da mesma forma que indústria do vinho, o turismo do vinho teve um rápido desenvolvimento no Brasil nos últimos 20 anos (LOSSO; PEREIRA, 2010). Com o crescimento e profissionalização das vinícolas, espaços adequados foram criados para receber visitantes (LOSSO; PEREIRA, 2010). Na maior parte das vezes, as adegas têm uma identidade familiar e os turistas geralmente são recebidos pelos próprios donos da empresa ou pelos enólogos responsáveis pela elaboração dos vinhos (SANTA CATARINA, 2016). A boa disponibilidade de aeroportos, estradas em boas condições e sinalização eficiente facilitam a viagem às principais rotas (SANTA CATARINA, 2016). Nas regiões mais movimentadas, também é possível desfrutar de uma estrutura hoteleira confortável,

formada basicamente por hotéis localizados nas cidades que servem de referência para os polos de enoturismo ou acomodações dentro das próprias vinícolas (SANTA CATARINA, 2016). Além de descobrir deliciosos vinhos, os turistas têm a chance de provar a culinária local, conferir a programação cultural e o folclore brasileiro, fazer compras, entre muitas outras atrações. A experiência do turismo de vinhos no Brasil está muito longe do estereótipo das praias e festas populares, o que torna uma agradável surpresa para os viajantes (SANTA CATARINA, 2016).

Grande parte do enoturismo é construída em torno de um charme tradicional (BENETTI, 2018). O enoturismo é um desenvolvimento relativamente recente na tendência mais ampla dos diferentes tipos de turismo (BENETTI, 2018). O desejo de experimentar alimentos no local onde foram produzidos já existe há algum tempo, contudo, apenas mais recentemente os produtores percebem essa prática como uma oportunidade de se obter lucro e atenção aos seus produtos (BENETTI, 2018). Embora o turismo de vinhos tenha surgido como um nicho popular, as regiões vinícolas mais antigas e famosas do mundo têm demorado para capitalizá-lo (BENETTI, 2018). Apesar do respeito que as regiões tradicionais de produção de vinho possuem, elas não corresponderam ao seu potencial turístico ao longo dos anos (SÃO JOAQUIM, 2018). Como o turismo em geral continua a apresentar crescimento, os benefícios econômicos de incentivar e prover turistas tornaram-se grandes demais para serem ignorados em quase todos os setores (SÃO JOAQUIM, 2018). Os visitantes reservam um horário específico em um local, recebem uma apresentação de um profissional de relações públicas, desfrutam de uma degustação organizada e bem ensaiada e partem aproximadamente uma hora depois (BERTONCINI, 2011). Atualmente, a cidade de São Joaquim-SC é rota do enoturismo com 10 vinícolas que podem ser visitadas (SÃO JOAQUIM, 2018).

Além das vinícolas, a cidade apresenta outros atrativos aos visitantes. São Joaquim-SC sedia parques de aventura, igrejas tradicionais, parque nacional da maçã, hotéis fazenda, entre outros (SÃO JOAQUIM, 2018). Por exemplo, o Parque Snow Valley tem esportes de aventura, como muro de escalada, pêndulo, arvorismo e trilhas (SÃO JOAQUIM, 2018). A tirolesa fornece um longo “passeio” sobre as copas das árvores e um riacho (SÃO JOAQUIM, 2018). Por sua vez, o Mirante de Belvedere, com escadaria que leva à parte mais alta da cidade, começa no final da avenida principal (SÃO JOAQUIM, 2018). A Igreja Matriz de São Joaquim-SC é toda de pedra basalto, com belos vitrais e esculturas na parte externa (SÃO JOAQUIM, 2018). Outra característica da região é que a serra catarinense foi a sede dos primeiros hotéis-fazenda do país. Há também hotéis-fazendas e pousadas rurais para conhecer a rotina da vida no campo (SÃO JOAQUIM, 2018).

Outro fator que atrai visitantes à cidade é a baixa temperatura em dados períodos do ano (LOSSO, PEREIRA, 2010). A cidade de São Joaquim-SC é sinônimo

de baixas temperaturas, de modo que o turismo local se esteia, em parte, na busca pelo frio (LOSSO, PEREIRA, 2010). Há substancial aumento da demanda turística na cidade na época do inverno – as temperaturas chegam a ficar abaixo de zero –, o que atrai muitos visitantes do próprio estado e de outras partes do país (SÃO JOAQUIM, 2018). Nesses momentos de frio, os turistas buscam principalmente o Parque Nacional da Maçã – onde se encontra artesanatos, vinhos, iguarias locais, entre outros (FLORES, 2012). Hoje, é destaque a produção de maçã – considerada uma das melhores zonas mundiais para o cultivo da fruta (FLORES, 2012). A influência japonesa trouxe a cultura da maçã Fuji (FLORES, 2012).

As questões culturais também são destacadas na cidade de São Joaquim-SC (SÃO JOAQUIM, 2018). Possui influência direta de aspectos culturais da tradição gaúcha (FLORES, 2012). O jeito gaúcho de ser está na identidade, tipo físico, na linguagem, no hábito de comer carne, pinhão e ficar perto do fogão a lenha (FLORES, 2012). Os torneios de laço, as pessoas usando vestimentas folclóricas no seu cotidiano, como a bombacha, e as tradicionais rodas de chimarrão podem ser presenciadas no cotidiano da cidade (FLORES, 2012). As lendas rurais, originais do homem caboclo, também têm seu devido espaço (SÃO JOAQUIM, 2018).

Em suma, a cidade de São Joaquim-SC é um destino crescente em virtude das baixas temperaturas, turismo de aventura e de descanso, alimentação e principalmente a vinicultura e a colheita da maçã (LOSSO, PEREIRA, 2012). Desponta como um dos principais destinos turísticos de inverno no Brasil, pois há neve e é considerado um dos locais mais frios do país (LOSSO, PEREIRA, 2012). Ar puro, frio e neve no inverno, além da serra do Rio do Rastro, vastidão do planalto, silêncio e escuridão da noite, permitem uma observação de céu estrelado – valores incomensuráveis (FLORES, 2012).

Referências

BENETTI, Estela. Vinho mais que duplica a economia de São Joaquim. **Jornal Floripa**, Florianópolis, 11 de mar. de 2017. Disponível em: <www.jornalfloripa.com.br>. Acesso em: 20 de jun. de 2018.

BERTONCINI, Sandra da Silva. **Acorde São Joaquim**: identidade local e vocação turística. 2011. 80 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Sócio-Ambiental) – Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2011.

FLORES, Maria Amélia Duarte. **Diagnóstico do enoturismo brasileiro**: um mercado de oportunidades. 1. ed. Brasília: SEBRAE, 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 de jan. de 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorma das cidades brasileiras**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em: 22 de jan. de 2020.

LOSSO, Flavia Baratieri; PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. O desenvolvimento da vitivinicultura e as possibilidades de implantação de roteiros enoturísticos na Região de São Joaquim (SC, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 6, n. 2, p. 181-200, 2012.

LOSSO, Flavia Baratieri; PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. O turismo e a produção de vinhos finos na Região de São Joaquim (SC): notas preliminares. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO NO MERCOSUL, 5., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2010.

SANTA CATARINA, Secretaria Estadual de Planejamento. **Perfil Socioeconômico ADR - São Joaquim**. Florianópolis: SEP, 2016.

SÃO JOAQUIM, Prefeitura Municipal de São Joaquim. **O município – o turismo**. Sem data. Disponível em: <www.saojoaquim.sc.gov.br>. Acesso em: 15 de ago. de 2018.

Capítulo 18

SÃO RAIMUNDO NOTADO - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

A cidade de São Raimundo Nonato-PI possui uma população de 34 mil habitantes (IBGE, 2018). Tem uma extensão de 2.606 km², clima semiárido tropical e sub úmido seco, com altitude de 350 metros (IBGE, 2018). Localiza-se na microrregião de São Raimundo Nonato e na mesorregião do Sudoeste Piauiense (IBGE, 2018). A cidade de São Raimundo Nonato-PI fica a 576 km de distância capital do estado, Teresina (IBGE, 2018). O município é cortado pelo rio Piauí, de curso não perene e afluente do rio Parnaíba (IBGE, 2018). Em seu leito foram construídos diversos açudes, dentre esses o localizado em sua sede (IBGE, 2018). A área abriga um dos mais importantes sítios arqueológicos das Américas, contendo evidências e artefatos que forçaram uma ampla reavaliação das teorias tradicionais fundamentais que sustentam as origens da colonização humana nas Américas (MACEDO, 2016). Mais de 300 sítios arqueológicos foram encontrados na região, a maioria consistindo de pinturas rupestres e de parede que datam de 50.000 a 30.000 anos antes do presente (MACEDO, 2016).

O distrito eclesiástico de São Raimundo Nonato-PI foi oficialmente criado por meio de decreto em 1832 e elevado à categoria de cidade em 1912 – pela Lei Estadual nº 669 de 26 de junho de 1912 (SÃO RAIMUNDO NONATO, 2018). A ocupação demográfica da região, onde atualmente se localiza a cidade de São Raimundo Nonato-PI, se deu por meio da produção da pecuária e utilização mão-de-obra escrava, que dominavam a região na época, principalmente no sudeste do estado do Piauí (SÃO RAIMUNDO NONATO, 2018). As fazendas, na época sedes da religião católica de origem portuguesa, abrigavam escravos e esses propagavam famílias nas redondezas, fazendo crescer o povoado (SILVA, 2014). Principalmente em virtude das grandes extensões de terras do sudeste do estado, que não dispunham de correta demarcação que pudesse limitar as fazendas, os gados eram criados livres no pasto e nas pastagens de outros fazendeiros (MACEDO, 2016). Baseando-se em registros históricos, Silva (2013) afirma que em muitos casos as terras eram usurpa-

das dos povos locais por grandes criadores de gados, em virtude de seu poderio. Os locais, cultivadores de pimentas e fazedores de cerâmicas, perdiam suas terras para os companheiros de guerras e familiares de posseiros que conquistavam à força as terras que pretendiam (SILVA, 2013). A região, então, ocupada por lavouras menores e pequenos criadores deu origem ao povoado (SILVA, 2013). Em meados de 1890 havia o surgimento inicial da possível cidade ainda rústica. Tudo que se plantava era utilizado para vestir, comer e produzir utensílios domésticos (SILVA, 2013).

A microrregião da qual São Raimundo Nonato faz parte é composta por treze estados e é reconhecida como um polo de desenvolvimento regional que atende a uma grande quantidade de atividade comercial (OLIVERA FILHO, 2009). A economia local está voltada, principalmente, à criação de gado e ao turismo (OLIVERA FILHO, 2009). A descoberta de vestígios de uma sociedade pré-histórica deu impulso para a criação do Parque Nacional da Capivara (RIBEIRO, 2015). Esse parque fez com que São Raimundo Nonato-PI pudesse adquirir grande potencialidade turística (RIBEIRO, 2015). A criação do parque e a conservação da área surgiram como essenciais para o futuro da região em virtude do crescimento e expansão do ecoturismo arqueológico, um dos principais motores do desenvolvimento econômico da região (RIBEIRO, 2015).

O referido parque, considerado patrimônio mundial pela UNESCO, atrai turistas de todo o mundo por abrigar a maior concentração de sítios pré-históricos do país e por ser uma das mais importantes e espetaculares obras de arte rupestre do mundo (RIBEIRO, 2015). Antes da designação da área como Parque Nacional, os locais de arte rupestre eram difíceis e muitas vezes perigosos para entrar (SÃO RAIMUNDO NONATO, 2018). As atrações da Serra da Capivara estão situadas em penhascos traiçoeiramente íngremes e escondidos em vales isolados (SÃO RAIMUNDO NONATO, 2018). O turismo para a região tem aumentado constantemente desde a implementação dos primeiros projetos de infraestrutura, incluindo o Museu do Homem Americano (SÃO RAIMUNDO NONATO, 2018). Para garantir a continuidade desses esforços, foi necessário a consolidação de um sistema de gestão sustentável para o Parque Nacional da Serra da Capivara, com vistas a promover a coordenação estratégica das diversas iniciativas lançadas pela FUMDHAM e pelos órgãos governamentais participantes, incluindo IPHAN e ICMBio (IBGE, 2018).

As pinturas rupestres foram feitas, principalmente, em vários tons de vermelho usando ocre (hematita) e, ocasionalmente, em tons de amarelo (limonita) e pigmentos cinzas (MACEDO, 2016). Cada painel (ou tela) geralmente toma a forma de um longo bloco linear de imagens, dispostas cerca de 0,5 a 2 metros acima do piso original e estendendo-se por algumas dezenas de metros de comprimento (MACEDO, 2016). A maioria das imagens parece estar estrategicamente colocada dentro de depressões naturais (MACEDO, 2016). A datação da arte rupestre causa controvérsia

entre os pesquisadores, de modo que parte acredita que elas foram feitas há cerca de 25.000 anos, enquanto um pequeno número de eminentes especialistas em arte rupestre propõe uma data ainda mais antiga, cerca de 36.000 anos (SILVA, 2014).

Animais selvagens e figuras humanas dominam a arte rupestre e são incorporados em cenas frequentemente complexas envolvendo caça, seres sobrenaturais, atividade sexual (incluindo cenas bestiais), escaramuça e dança (RIBEIRO, 2015). Os artistas retratavam os animais que percorriam a floresta antiga local: veados, tatu, capivara, jaguar, lagarto, anta e a ema gigante (um tipo de avestruz extinto), entre outros (RIBEIRO, 2015). Destes, o veado vermelho é o mais comum (RIBEIRO, 2015). Às vezes o animal é simplesmente pintado em contorno, outras vezes é totalmente preenchido, ou internamente decorado com padrões geométricos ou fileiras de pontos (RIBEIRO, 2015). Os grandes mamíferos geralmente são pintados em grupos e tendem a ser mostrados em uma postura de corrida, como se estivessem tentando fugir das caçadas (RIBEIRO, 2015).

Linhas de figuras humanas e animais também parecem de grande importância para esses artistas antigos (RIBEIRO, 2015). Essas linhas podem representar unidades familiares ou grupos de guerreiros (RIBEIRO, 2015). Em vários painéis, fileiras de figuras estilísticas, algumas com até 30 figuras individuais, foram pintadas usando os contornos ondulantes naturais da superfície da rocha, evocando assim os contornos da paisagem circundante (RIBEIRO, 2015). Em muitos exemplos, a ema gigante aparece em grupos de três e quatro, sugerindo novamente alguma forma de procissão (RIBEIRO, 2015). Outras ocorrências interessantes, mas muito raras, são cenas que mostram pequenas figuras humanas segurando e dançando em torno de uma árvore, possivelmente envolvidas em alguma forma de dança ritual, bastante semelhante à maneira como as crianças tradicionalmente dançam ao redor de um mastro (RIBEIRO, 2015).

Mais recentemente, dentro do parque, criou-se o Museu da Natureza (SÃO RAIMUNDO NONATO, 2018). Esse museu representa um complexo cultural inédito no Piauí, proporcionando aos visitantes e entusiastas do meio ambiente e cultura uma grande imersão pela história natural da região – partindo desde o início da vida até tal qual a conhecemos hoje – e pela influência do ser humano no clima (SÃO RAIMUNDO NONATO, 2018). O museu é um lugar notável para se visitar (SÃO RAIMUNDO NONATO, 2018). Os lugares e momentos da evolução são contextos da experiência humana, construídos em movimento, memória, encontro e associação (OLIVEIRA FILHO, 2009). O ato de recordar é agudamente humano (OLIVEIRA FILHO, 2009).

Referências

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorma das cidades brasileiras**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em: 22 de jan. de 2020.

MACEDO, Jorge Luiz de. **Análise do sistema de abastecimento de água de São Raimundo Nonato - Piauí da companhia de saneamento básico sob o foco do planejamento e controle da produção**. 2016. 84 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Paulista - UNIP, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA FILHO, Raimundo Coelho de; MONTEIRO, Maria do Socorro Lira. Ecoturismo no Parque Nacional Serra da Capivara: trata-se de uma prática sustentável? **Turismo em Análise**, v. 20, n. 2, p. 230-250, 2009. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v20i2p230-250

RIBEIRO, Antônio José Castelo Branco. **O Parque Nacional da Serra da Capivara e a urbanização de São Raimundo Nonato**: transformações socioespaciais no Piauí e suas repercussões no entendimento de sertão. 2015. 186 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2015.

SÃO RAIMUNDO NONATO, Prefeitura Municipal de São Raimundo Nonato. **Sobre o município**. Sem data. Disponível em: <www.saoraimundononato.pi.gov.br>. Acesso em: 01 dez. de 2018.

SILVA, Déborah Gonsalves. **Arranjos de sobrevivência**: relações familiares entre escravos no sertão do Piauí (São Raimundo Nonato, 1871-1888). 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão - UFMA, 2013.

SILVA, Déborah Gonsalves. Família escrava: casamento e compadrio na Vila de São Raimundo Nonato-Piauí (1871-1888). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 19., 2014, São Pedro/SP. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2014.

Capítulo 19

MATEIROS - ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS E ATRATIVOS TURÍSTICOS. QUESTÕES A SEREM CONSIDERADAS PARA CONDUÇÃO DE ESTUDOS NA ÁREA DA GESTÃO/ADMINISTRAÇÃO

Rafael Araújo Sousa Farias
Universidade de Brasília - UnB
farias-rafael@hotmail.com

Sheila Milena Neves de Araújo Soares
Universidade Estadual do Piauí - PI
sheilamilenaneves@gmail.com

Mateiros-TO é um município localizado no estado do Tocantins, na região Norte do país (IBGE, 2018). Está distante 220 km da capital, Palmas (IBGE, 2018). Possui uma população de 2.219 habitantes e 9.591 km² de extensão territorial (IBGE, 2018). O município está situado dentro do parque estadual do Jalapão, criado no ano de 2001, para preservação da região e dos seus recursos (IBGE, 2018). A Unidade de Conservação do Jalapão abrange uma área de 34 mil km² (IBGE, 2018). Nessa região, os recursos naturais, e toda a fauna e flora, encontram-se protegidos em virtude da criação do parque pois, com isso, pôde-se proteger a área de desmatamentos, entradas e ocupações irregulares, caça predatória, entre outros (MATEIROS, 2018). A região é composta não apenas por rios, paredões e dunas, mas por grandes áreas de caatinga e vegetação de cerrado (MATEIROS, 2018). O destino faz parte da região turística Encantos do Jalapão, juntamente com municípios como Ponte Alta do Tocantins, Novo Acordo e São Félix do Tocantins (MATEIROS, 2018).

Tocantins teve sua recente criação no ano de 1988 (TOCANTINS, 2018). O estado faz divisa com Maranhão, Pará, Piauí, Bahia, Pará, Mato Grosso e Goiás, ao qual pertencia o território antes de sua separação e criação (TOCANTINS, 2018). Tocantins mantém sob sua égide 139 municípios (IBGE, 2018), dentre os quais alguns com designação de destino turístico em virtude de parques, como o do Jalapão. O nome do município Mateiros-TO, se deu em virtude de na região haver uma grande quantidade de animais da espécie veado-mateiro (SPOSITO, 2000). Esses animais eram abundantes na região quando o município foi criado (SPOSITO, 2000). Inicialmente, o município era subordinado ao município de Ponte Alta (MATEIROS, 2018). Mateiros-TO ganhou sua independência em 1990, passando a categoria de município somente em 20 de fevereiro de 1991 por meio da Lei Estadual 251 (MATEIROS, 2018). E, em 21 de fevereiro de 1992 (Lei Estadual 498), foi finalmente desmembrado do município de Ponte Alta (MATEIROS, 2018).

As principais referências do município são o turismo e a produção de artesanatos, sendo os mais conhecidos aqueles oriundos do capim dourado (MATEIROS, 2018). O capim dourado é abundante na zona rural da região e, mais especificamente na localidade denominada Mumbuca, há grande concentração dessa matéria-prima utilizada na produção das peças artesanais (MATEIROS, 2018). Os principais segmentos turísticos nos quais Mateiros-TO é comercializado são o ecoturismo, o turismo de aventura e o turismo cultural (MATEIROS, 2018). A oferta de serviços e equipamentos em Mateiros-TO ainda é modesta (MATEIROS, 2018).

Embora o turismo tenha criado enormes oportunidades econômicas, com perspectivas de investimento crescentes, também impulsionou o aumento da dependência de turistas na região (MTUR, 2015). O turismo também pode ter um efeito negativo sobre as comunidades locais que dependem fortemente de recursos naturais limitados (MTUR, 2015). Diante de tais problemas, houve uma espécie de mudança do turismo de massa para o ecoturismo (MTUR, 2015). Esse tipo é definido como viagem responsável a áreas naturais que conservam o meio ambiente e melhoram o bem-estar da população local (MTUR, 2015). Férias responsáveis que tentam proteger as culturas, comunidades, paisagens e ambientes locais, envolvendo e beneficiando os povos indígenas, são muito procurados (MTUR, 2015).

Os atrativos turísticos da cidade de Mateiros-TO perpassam por questões históricas, culturais e naturais (OLIVEIRA; PIFFER; 2016). Diversos fatores contribuíram para a disseminação de atrativos nessa região, em especial, a questão das paisagens naturais e a grande relevância da cultural relacionada ao capim dourado (OLIVEIRA; PIFFER; 2016). O capim dourado ganhou proeminência no cenário nacional em grande parte devido à atividade artesanal típica de muitos anos na comunidade denominada de Mumbuca (OLIVEIRA; PIFFER; 2016). Essa comunidade e outros artesãos da região produzem o artesanato, reconhecido no Brasil e em outros países, que utiliza o capim dourado como matéria-prima (OLIVEIRA; PIFFER; 2016). A partir dele é produzido brincos, colares, pulseiras e diversos outros artesanatos, como utensílios domésticos (OLIVEIRA; PIFFER; 2016). Esse cenário está diretamente ligado à tradição local e à existência de tradição permeada por meio de associações locais, como exemplo a Associação Extrativista do Povoado de Mumbuca e a AKPPM (OLIVEIRA; PIFFER; 2016). Além do artesanato há, na cidade de Mateiros-TO e na região denominada de Comunidade de Mumbuca, forte tradição cultural, que vai desde a contação de histórias locais folclóricas até as diversas lendas, em tese, originadas no próprio local (OLIVEIRA; PIFFER; 2016). Há ainda que se ressaltar a existência da produção de farinha de mandioca, que é forte cultural e economicamente na comunidade (IBGE, 2018).

Devido ao fato de estar localizada em uma região de difícil acesso e possuir uma população pequena, a cidade, naturalmente, é compatível com essa realidade

(IBGE, 2018). Nesse sentido, Mateiros-TO apresenta carência de equipamentos de lazer, de atividades culturais mais elaboradas, de clubes e associações desportivas, de museus e de cinemas (IBGE, 2018). Contudo, esse cenário é considerado ideal para muitos turistas que buscam um turismo de aventura (MTUR, 2015). Por ser uma cidade de turismo de aventura e ecoturismo, há diversos roteiros já bem sedimentados e de grandes expectativas para os visitantes (MTUR, 2015). De acordo com o Ministério do Turismo (MTur, 2015), os atrativos naturais do Município que mais atraem a atenção e desejo dos turistas são as Dunas do Jalapão, a Cachoeira do Formiga, Cachoeira da Velha, Comunidade Quilombola Mumbuca e o fervedouro do Ceíça. Além desses, destacam-se diversas cachoeiras, outros fervedouros, a Serra do Espirito Santo, a Praia dos Crentes e os *campings* (TOCANTINS, 2015). Todos esses atrativos possuem belos pontos naturais para serem visitados (MTUR, 2015). Há ainda, na região, a conservação ambiental das dunas, que são o cartão postal do município, com isso, há preservação e manutenção das belezas naturais ali existentes (MTUR, 2015). As festas locais atraem os turistas em busca da diversidade local à noite (MTUR, 2015). Existem festas como a Festa do Divino, comemorada em agradecimento à Deus, e também a Festa da Colheita, em agradecimento aos plantios de alimentos colhidos. Ressaltando-se ainda a comemoração do dia do Evangélico, a Estação Ecológica da Serra Geral e o Parque Nacional das Nascentes do Rio Parnaíba (MTUR, 2015).

Referências

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorma das cidades brasileiras**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em: 22 de jan. de 2020.

MATEIROS, Prefeitura Municipal de Mateiros. **História do município**. 13 de mar. de 2018. Disponível em: <www.mateiros.to.gov.br/historia-do-municipio>. Acesso em: 20 de jun. de 2018.

MTUR, Ministério do Turismo. Índice de Competitividade do Turismo Nacional - Mateiros. FGV/MTUR/SEBRAE, 2015.

OLIVEIRA, Nilton Marques de; PIFFER, Moacir. Conjuntura do desenvolvimento regional dos municípios do estado do Tocantins. **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 6, n. 3, p. 32-61, 2016.

TOCANTINS, Secretaria Estadual de Comunicação. **Plano de marketing turístico estratégico e operacional dos Polos do Cantão, Jalapão e Palmas**. Palmas: SPI, 2015.

TOCANTINS, Secretaria Estadual de Turismo de Tocantins. **Turismo Tocantins**. Sem data. Disponível em: <<https://turismo.to.gov.br>>. Acesso em: 12 de jun. de 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR DA OBRA E OS AUTORES DOS CAPÍTULOS DE LIVRO

Rafael Araújo Sousa Farias

Graduado em Administração pela UniNovafapi - Certificado Fundação Getúlio Vargas - FGV; Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Piauí - UFPI; Mestre em Contabilidade pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; Doutor em Administração pela Universidade de Brasília - UnB; e Membro do Grupo de Pesquisa IOR&N - Inter-organizational Relationships and Networks Research Group - GERIR.

João Barbosa França

Mestre em Administração de Empresas - PPGA/UNB, linha de pesquisa estratégia, desempenho e inovação. Formado em Ciências Contábeis com Especialização em Planejamento Econômico e Finanças Públicas pela Universidade de Brasília - UNB. Também possui graduação em Sistemas de Informação pela Universidade Católica de Brasília (2006) e Especialização em Gestão de Processos Tecnológicos. Atualmente atua como Coordenador da Gestão do Orçamento Geral do DF. Sendo ocupante do cargo efetivo de Auditor de Controle Interno. Tem experiência nas áreas de Gestão de Processos, Economia do Setor Público, Finanças Públicas e Administração Pública. Também é professor de Ciências Contábeis e Gestão Financeira nas Faculdades UPIS em Brasília -DF.

Sheila Milena Neves de Araújo Soares

Bióloga formada pela Universidade Federal do Piauí (2007). Mestre (2009) e Doutora (2015) em Biologia Vegetal pelo Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal (PPGBV) da Universidade Federal de Pernambuco, ambos com ênfase Ecologia e linha de pesquisa em Ecologia da Polinização. Atualmente Professora Adjunto com dedicação exclusiva do curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí (Desde 2009).

ÍNDICE REMISSIVO

A

agentes autônomos, 57
aglomeração, 83
aglomerações territoriais, 96

C

características, 66
colonização, 119
competências, 76
complexos, 9
conceitos, 44
conhecimento, 29
cooperação, 91, 96
correntes, 57
cultura, 114

D

desempenho, 9, 21, 44, 91, 99
desenvolvidos, 51
desenvolvimento, 15, 96
destino, 44, 91, 101, 111, 123
destinos, 9, 57
distância, 107
diversidade, 91

E

economia, 101, 114
empresas, 83
estudam, 57
estudo, 29

F

fatores, 21
fornecer serviços, 83

G

gestão, 9

I

identificar, 51
indústrias, 15
informações, 76
instituições, 83, 91, 99
interdependência, 57
interorganizacionais, 66

L

linhas de pesquisa, 29

M

modelo, 51
Modelo de Calgary, 44

O

ocupações, 123
organizações, 15, 66, 76

P

pecuária, 114, 119
pesquisa, 29
população, 101, 114, 119
portuária, 107
preservação, 123
probabilidade, 96
projeção, 111

R

região, 111
relação, 99
renda estrangeira, 15
residentes, 107

S

serviços, 99

social, 107

suporte, 99

T

trabalhos, 21

turismo, 15, 21, 29

turística, 123

turístico, 96, 101

turísticos, 9

U

urbanização, 101

V

vantagens, 76

ISBN 978-65-80476-78-7



9 786580 476787 >